

*Mimp*  
BIBLIOTECA PÚBLICA DO PARANÁ

CURSO PRIMÁRIO

PROGRAMAS

EXPERIMENTAIS

PR  
322  
e927

ac-592094  
18 733313

DO 270 280  
BIBLIOTECA DA ESCOLA DE PEDAGOGIA  
NÃO MANEJE ESTA COLETA

## DOS OBJETIVOS ESPECÍFICOS DO CURSO PRIMÁRIO

As unidades de grau primário, para crianças de 7 a 11 anos, — são organizadas com o objetivo específico de dar a seus alunos um mínimo comum de formação geral que promova o seu desenvolvimento normal, — dando-lhes o domínio das técnicas fundamentais da leitura, da escrita e do cálculo, hábitos e atitudes úteis à vida comum, e uma informação e um sentido de curiosidade e observação disciplinados que lhes permitam situar-se corretamente no espaço e no tempo.

## MÍNIMOS A ATINGIR EM CADA ANO

### 1.º ANO

Ao fim do 1.º ano deve a criança:

- ter manifestado progressos na correção das suas deficiências de linguagem devidas da sua imaturidade, de erros regionais, de dificuldades provenientes do lar em que se fale idioma estrangeiro, e de outros fatores de natureza natural;
- ter progredido razoavelmente em sociabilidade;
- ter adquirido o hábito de procurar satisfação em ouvir histórias narradas pelo professor;
- ser capaz de dar um recado relativo a um só assunto rápido e simples, lido e comunicado por escrito;
- ser capaz de ler, compreensivamente, para os seus colegas, uma história rápida; depois, contá-la a outras crianças;
- ser capaz de escrever um recado ou um pedido dela mesma a um seu colega, com letra razoavelmente caligráfica;
- ter adquirido hábitos de asseio e ordem em todos os seus trabalhos;
- ter aprendido a usar a tinta de parede para expressões pessoais mediante a pintura;
- ser capaz de modelagem de memória baseada em percepção recente e recorte simples de criação pessoal;
- ter iniciado a sua formação cívica, pela assidua referência à sua comunidade e ter iniciado a apreciar afetivamente a vida da localidade em que vive;
- ter adquirido bons hábitos higiênicos;
- ter se familiarizado com a observação pessoal e conversação sobre pontos da localidade, da escola, da natureza e do ambiente geográfico e social;
- ser capaz de resolver pequenos problemas aritméticos de aplicação com números até 1.000, tendo uma firme iniciação nas quatro operações com esses números e uma noção bem clara sobre frações até décimos;
- ter aumentado o seu vocabulário com a assimilação de palavras referentes a formas geométricas comuns, à medida do tempo, a alguns acidentes físicos mais importantes, às qualidades das cousas, à orientação, etc.;

— ter aprendido a participar com prazer nos cantos e rondas da sua classe;

— ter praticado, regularmente, a educação física que lhe tenha sido recomendada.

### 2.º ANO

#### Ao fim do 2.º ano deve a criança:

— ter vencido as deficiências de linguagem a que se refere o programa do 1.º ano;

— ter acrescido o seu sentido de sociabilidade;

— ter compreendido o processo de formação de palavras por derivação;

— ser capaz de buscar na leitura um meio de mais eficiente participação nas rodas de história e ter adquirido amor a tais leituras;

— ser capaz de uma leitura oral com boa pontuação e razoável velocidade;

— ser capaz de compôr um bilhete, escrevendo-o, a tinta, com disposição normal, letra de boa regularidade e legibilidade, poucos erros de grafia, pontuação já bastante para traduzir os movimentos fundamentais da frase, e capacidade de dividir a palavra em sílabas;

— ter progredido na expressão pessoal pelo desenho, a pintura, a modelagem e o recorte;

— ter adquirido o conhecimento das convenções cartográficas mais importantes e fixado melhor o conhecimento dos principais acidentes geográficos;

— ter adquirido o conhecimento da posição do Paraná no Brasil e da situação, aspecto, vida, história de algumas cidades e regiões do Estado;

— ter acrescido a sua formação cívica com o conhecimento de algumas datas fundamentais de nossa história e a informação biográfica dos homens que nelas atuaram, destacando-se a contribuição não apenas política, mas cultural e humana;

— ter aperfeiçoado os seus hábitos de observação e experiências pessoais e de conversação sobre fatos físicos e químicos muito simples e correntes, sobre a natureza, o homem e a sociedade local;

— ter enriquecido o seu vocabulário com expressões relativas a esses assuntos e ter fixado melhor as principais denominações geométricas;

— ter progredido na aquisição de hábitos higiênicos;

— ser capaz de resolver problemas simples de aritmética, fazer as quatro operações até os milhões; conhecer a numeração romana até trinta; conhecer as horas; ter fixado melhor as noções sobre frações adquiridas no 1.º ano;

— ser capaz de sentir interesse pela audição de repertório de música selecionado para a sua idade; ser capaz de reconhecer o Hino Nacional e o da Bandeira; ser capaz de participar com prazer no canto de rondas, canções e hinos ensinados à sua classe;

— ter progredido nos seus hábitos de ordem e de asseio;

— ter praticado, regularmente, a educação física que lhe tenha sido recomendada.

### 3.º ANO

#### Ao fim do 3.º ano, deve a criança:

— ter iniciado a aquisição da consciência do valor de uma linguagem correta e rica e ter se esforçado por adquiri-la;

— ter ampliado o seu conhecimento dos processos de formação das palavras;

— ter sido iniciada no uso do dicionário;

— ser capaz de participar ativamente nas livres conversações instrutivas, na discussão de projetos, organizações, etc., relacionados com a vida da escola;

— ter sido iniciada na aquisição de todos os objetivos gerais do ensino da leitura;

— ter aperfeiçoado a regularidade de sua escrita, obtida mais rapidamente, sendo capaz de escrever, sob ditado, um trecho de um dos livros da biblioteca da classe, bem como narrar, por escrito, uma experiência sua;

— ter tornado a sua representação pelo desenho mais visual do que lógica, pelo uso da perspectiva, etc.; ter se iniciado a usar o desenho como instrumento para outras atividades, como os trabalhos manuais; ter aperfeiçoado a sua capacidade de expressão e criação pessoal pelo desenho e pela modelagem;

— ter sido iniciada na prática de sloyd;

— ter atingido a noção do mundo como um todo, compreendendo a sua direção em mares e terras; dos continentes, dos países; da localização do Brasil na América; da divisão do Brasil em Estados; ter uma informação sobre as grandes regiões do Brasil e as regiões do Paraná;

— ter uma visão geral da história do Brasil, — do descobrimento à proclamação da República, adquirida naturalmente, pelo conhecimento dos fatos mais representativos de sua evolução política e social;

— ter apreendido a apreciar o valor da contribuição artística e científica no processo de engrandecimento das nações;

— ter participado ativamente das conversações sobre a vida local, a atualidade da Pátria, a vida social e humana, a vida dos livros, a vida geográfica da localidade, do Paraná e do Brasil, a vida da natureza;

— ter participado ativamente no estudo de comunidades vitais;

— ter sido iniciada na verdadeira experimentação e observação sistemáticas, começando a jogar com as hipóteses e a sua verificação para a explicação dos fenômenos;

— ter se iniciado na observação dos fenômenos da língua, observando os agrupamentos das palavras em famílias e em categorias, etc.;

— ter consolidado e ampliado o seu conhecimento da numeração e das quatro operações sobre números inteiros; ter adquirido pleno domínio na representação das frações ordinárias e decimais e realizar bem as quatro operações sobre frações decimais até a classe dos milésimos; ter sido iniciada na observação das propriedades dos números inteiros; conhecer e operar com as unidades de medida, seus símbolos, seus múltiplos e sub-múltiplos;

— ter progredido em sua capacidade de apreciação musical e ter aperfeiçoado a sua capacidade de participação no canto coral;

— ter aprofundado os seus hábitos higiênicos, e, particularmente, adquirido uma consciência do problema alimentar;

— ter praticado, regularmente, a educação física que lhe tenha sido recomendada.

#### 4.º ANO

Ao terminar o 4.º ano, deve a criança:

- ter superado radicalmente as deficiências de linguagem oral provenientes de imaturidade, do ambiente regional ou familiar, ter atingido a uma razoável correção prosódica, morfológica e sintática, dando-se especial atenção ao domínio das flexões verbais;
- ter adquirido uma consciência do valor de se possuir uma boa linguagem, e ter sido iniciada na compreensão do valor de formas esteticamente melhores da língua;
- ter aumentado a sua familiaridade com a observação dos fenômenos da língua;
- ser capaz de colaborar ativamente nas livres conversações instrutivas, na discussão de projetos, organizações, etc.;
- ter vencido as suas deficiências individuais da leitura: ter adquirido verdadeiro amor à leitura e a capacidade de usá-la como um instrumento de informação, um instrumento para outras atividades e um instrumento de recreio, em suas formas silenciosa e oral;
- ter sido iniciada na literatura dramática;
- ter adquirido, definitivamente, hábitos de ordem e asseio;
- estar preparada por um elevado espírito de cooperação social;
- ter adquirido um bom domínio da pontuação e uma boa correção ortográfica e ser capaz de elaborar um pequeno relatório sobre assunto de sua experiência ou que necessite consulta bibliográfica;
- ter adquirido uma noção dos elementos técnicos mais rudimentares do desenho e de pintura como as noções de valor, de perspectiva aérea, e ter adquirido, não só mais capacidade de expressão pessoal pelo desenho, como igualmente, ter adquirido a idéia bem clara de que, nesse domínio, é necessário procurar o esteticamente melhor;
- ser capaz de atividades manuais úteis e expressivas, conhecendo as técnicas rudimentares de impressão com cartolina, batatas, e, sobretudo, o linóleo;
- ter uma primeira informação sobre o nosso sistema solar; um melhor conhecimento dos principais países do mundo e de suas capitais; uma idéia clara dos fatos geográficos fundamentais das várias regiões do Brasil e particularmente do Paraná; ter uma consciência viva dos problemas locais de ordem geográfica;
- ter fixado as idéias fundamentais da nossa vida histórica e ter sido iniciada no hábito de seguir interessadamente o movimento científico, artístico, econômico, social e político da nação;
- ter adquirido apêgo à observação da natureza e ter se familiarizado mais com a experiência, o uso das hipóteses e o trabalho de comprovação delas tendo, ainda, tido uma informação que se tenha podido transformar numa vivência, da vida de grandes pesquisadores, de sua técnica, de seus trabalhos às vezes penosos e de sua glória;
- ter isso que se refere à aritmética consolidado o mínimo exigido para o 3.º ano, ter adquirido uma iniciação no manéjo das frações ordinárias, um domínio do sistema de medidas e de avaliação de áreas e volumes; ter aprendido a usar a idéia de razões e proporções em suas várias modalidades úteis; ter se adestrado no cálculo mental e simplificado;
- ouvir com atenção e prazer músicas selecionadas e participar dos cantos corais de sua classe, conhecendo os hinos patrióticos e tendo adquirido um elevado sentido de respeito pelo Hino Nacional e da Bandeira;
- ter praticado, regularmente, educação física que lhe tenha sido recomendada.

**SUGESTÕES DIDÁTICAS**

## TÉCNICAS DE EXPRESSÃO

### LINGUAGEM ORAL

#### Objetivos Gerais

- 1 — Auxiliar a criança a passar das formas infantis para as formas maduras de expressão, o que supõe:
  - a) — a superação das deficiências de articulação;
  - b) — a superação das flexões feitas imprópriamente por analogia, como é o caso de a criança conjugar regularmente verbos irregulares;
  - c) — a aquisição de formas sintáticas que estão diretamente ligadas à conquista de formas mais maduras de pensamento, como, por exemplo, o uso da relação causal, o uso das orações subordinadas em geral, etc.;
  - d) — a superação das formas egocêntricas da linguagem;
- 2 — Levar a criança a um efetivo uso social da linguagem, cuidando do equilíbrio psicológico infantil, mediante atenção permanente ao desenvolvimento normal de sua sociabilidade.
- 3 — Proporcionar à criança oportunidades sistemáticas de vir a possuir uma linguagem correta e rica. A correção da linguagem supõe a correção fonética, prosódica, e sintática. A riqueza supõe, no caso presente, um vocabulário amplo, conquistado mediante a aquisição de uma experiência ampla, e uma boa desenvoltura da frase.
- 4 — Dar à criança o desejo de possuir uma linguagem rica e correta.
- 5 — Dar à criança sensibilidade para as formas esteticamente melhores da língua.

#### 1.º e 2.º ANOS

#### Prática:

- 1 — Conversações espontâneas entre o mestre e os alunos. Exemplos de oportunidades de conversação:
  - a) — na hora de entrada, no pátio, na medida em que as crianças chegam o professor conversa com elas, — procurando mesmo criar uma roda em torno dele. — sobre como passaram, o que fizeram e o que viram depois da saída das aulas no dia anterior, etc. Será uma conversação do tipo de uma conversação de amigos que se encontram e trocam impressões vivas;
  - b) — durante o próprio trabalho escolar, em aulas, como por exemplo de trabalhos manuais, desenho, etc., terá o mestre oportunidade de conversar com uma ou outra criança, ou com todas;
  - c) estando todas as crianças ocupadas em atividades silenciosas quaisquer, aproxima-se o mestre de uma delas e palestra intimamente. Ou chama-a, pega-a mesmo ao colo e palestra com ela;
  - d) — premeditadamente, o professor utiliza as crianças em recados, para os quais provoca situações multiplicadas;
  - e) — o professor conversa individualmente ou com pequenos grupos de crianças, no recreio e na saída das aulas;
  - f) — insista o mestre com os pais no sentido de que estes conversem assiduamente e a sério com os seus filhos, comentando sobre os mais variados assuntos.

- 2 — Hora de conversação. Exemplos de assuntos:
- sucessos quotidianos;
  - brinquedos das crianças;
  - a vida dos animais; o cachorro da criança, o canário;
  - festas escolares, familiares, da cidade, tradicionais;
  - as profissões;
  - a cidade.
- 3 — Hora de histórias.
- 4 — O livro de leitura pode ser fonte de referência para aquisição de vocabulário, mediante uma atenção especial dada ao problema das palavras novas, desconhecidas das crianças.
- 5 — A observação de estampas, gravuras, enriquecendo o mundo de experiências da criança, pode aumentar-lhe o vocabulário. São recomendáveis jogos assim: abrir um livro de figuras e dizer o nome de todas as cousas ali representadas. A repetição do jogo concorre para a fixação das palavras adquiridas.
- 6 — Exercícios sobre a formação de palavras por derivação, segundo a técnica de Montessori.
- 7 — Passios de observação. A classe sai, pelo pátio ou outro lugar adequado, e os alunos vão designando todas as cousas encontradas de interesse, ou vão perguntando os nomes das cousas desconhecidas, ou vão procurando designar todas as cousas de uma certa categoria que encontrem, etc.
- 8 — Rondas infantis. Folk-lore. Pequenas poesias.
- 9 — Brinquedos de negócio, de circo, de trem, de estação de estradas de ferro, de casa, etc., com o fim de levar a criança ao uso de termos relativos a esses ambientes.
- 10 — Confecção, em colaboração, de planos de trabalho, pelos alunos. Por exemplo: Que faremos hoje até a hora da saída das aulas? Qual será a nossa excursão desta semana? Que novos animais podemos ter na escola? Por que? Como melhoraremos a nossa horta ou o nosso jardim? Que flores traremos para ornamentação da classe?
- 11 — No 2.º ano, iniciação ao estudo dos sinónimos e antónimos. Jogos a respeito.
- 12 — Expressões cortezes. Dramatização para adquirir familiaridade com o seu uso.
- Recomendações especiais:**
- Esforce-se o professor no sentido de que a sua escola sejam um ambiente onde seja possível uma efetiva vida social dos seus alunos.
  - No seu **Caderno de observação dos alunos** a que se fará mais detalhada referência no programa de leitura, anote o professor, de cada criança:
    - si ela fala muito ou pouco, si é tímida, si procura salientarse na conversação, etc., e procure interpretar esses fatos;
    - os seus defeitos especiais de articulação. Exemplos: troca uns sons por outros, omite as consoantes finais, etc.;
    - a prosódia;
    - a sintaxe. Conjugação de verbos, etc.;
    - o vocabulário.
  - Só o tacto do professor pode determinar a oportunidade e a maneira de correção dos erros infantis. Em primeiro lugar, leve o professor em conta que a maior parte desses erros se deve à insuficiência de desenvolvimento, e que eles, por isso, desaparecerão com a maturação natural da criança. Isso não justifica, porém, que a criança seja abandonada a si mesma: a maturação é também função do exercício. Na correção dos erros leve o professor em consideração o temperamento de cada criança: esta, mais tímida, diante de correções, se defenderá de futuro delas, calando-se; outra, etc.
  - Em todas as conversações (horas de conversação, conversação espontânea, etc.) procure o professor, insistentemente, aumentar o mundo de experiências da criança. Lembre-se: Para riqueza de expressão, riqueza de impressão.
  - Considere o professor que a criança adquire a linguagem sobretudo por imitação. Por isso, a linguagem dele professor, que será modelo para a criança, deve ser tão perfeita quanto possível.
- Ambiente de classe:**
- Coleções, tão ricas quanto possível, de gravuras, representando objectos, animais, etc, que serão postas ao alcance das crianças, para aumento de sua experiência. Convém colocá-las sobre a mesa de leitura.

2 — A classe, a escola, o pátio, devem ser um mundo tão rico quanto possível, de modo a poderem proporcionar o máximo de experiências ao educando.

**Bibliografia para o professor:**

Como se ensina a linguagem — Firmino Costa.  
Os importantíssimos exercícios sobre a formação de palavras por derivação, segundo Montessori, encontram-se na sua *Pedagogia científica*, 2.º volume, no capítulo referente à gramática.

**3.º e 4.º ANOS**

- Ampliação do conhecimento dos processos de formação das palavras.
- Estudo especial de grupos de palavras novas. Pode-se, — no início de cada trimestre, por exemplo, — entregar listas maiores ou menores de palavras novas para as crianças, que as tratarão, naquele período, pelo modo seguinte:
  - organizarão um caderno, colocando, no alto de cada página, umas palavras do grupo novo;
  - procurarão, por pesquisa pessoal, descobrir o seu significado ou significados, que serão registrados em seguida;
  - procurarão ilustrar a página de modo a tornar mais objetiva a compreensão da significação da palavra;
  - sempre que encontrarem aquelas palavras, daí em diante, na sua vida diária, farão disso um registro no referido caderno, desde que esse registro possa ter qualquer interesse.Esse trabalho deve ser desenvolvido em casa pelo aluno, sobretudo em casa, sob estímulo e fiscalização permanentes do professor.
- Atenção especial às palavras novas encontradas na leitura.
- Atenção permanente aos sinónimos e antónimos.
- Uso do dicionário. No terceiro ano, podem os alunos organizar um dicionário pessoal de palavras novas de famílias de palavras, etc., com definição do sentido, ilustrações, exemplos, — trabalho do aluno em casa, sob estímulo e fiscalização permanente do professor.
- Livre conversação instrutiva. Exemplos de temas:
  - as cidades que as crianças conhecem;
  - os problemas da vida local;
  - as profissões interessantes que as crianças conhecem;
  - o noticiário de interesse coletivo dos jornais;
  - as viagens;
  - os livros.A livre conversação deve resultar num conhecimento novo ordenado, sim, tratando-se de cidades, na medida em que as crianças forem tratadas, enunciando-as e descrevendo-as nas suas singularidades e belezas, tudo, — vá o professor, que escreve mais rapidamente, fazendo no quadro uma síntese da conversação, de modo que, terminada esta, resulte, para os alunos, uma súmula de muito mais valor, — porque mais viva e completa, — do que as lições comuns sobre cidades, dos compêndios comuns de geografia.
- Podem as crianças, em seguida, copiar o resumo feito no quadro negro.
- Discussão de projetos, organizações, etc., relacionados com a vida da cidade.
- Discursos, mensagens, em situação real, etc.
- A poesia e o canto são meios efficientíssimos de progresso da linguagem.
- Dramatizações, teatro, teatrinho de fantoches.

**Ambiente da escola:**

  - Palco, para teatro.
  - Teatrinho de fantoches, com o seu aparelhamento. Pode que a própria construção do teatrinho seja plano e realização dos alunos do 4.º ano, há mal em que esse trabalho seja realizado em horas complementares, fora do horário escolar. Isso pode concorrer para diminuir o tempo de rua da criança. Quando houver possibilidade, pode essa tarefa ser um projeto a cargo do professor de trabalhos manuais.
  - Material de Montessori, completo, para o ensino das categorias gramaticais, etc., relacionado com a gramática. Quando esse material não existir, procure o professor supri-lo com um material improvisado, mas cumpra,



rigorosamente, a técnica de Montessori. Esse é, parece-nos, o processo ideal para o ensino sistemático da língua. Não podendo o professor orientar-se dentro dele, recomendamos-lhe a orientação que fica prescrita adiante, no título especial: Gramática, 3.º ano.

4 — Dicionário de classe, em cima da mesa do professor, para uso frequente dos alunos.

**Gramática, 3.º ano:**

1 — Famílias de palavras. Formação de palavras:

a) — com exemplos repetidos, leve o professor a criança a compreender que há palavras que formam famílias: ferro, ferragem, ferrugem, etc. Leve os alunos a, individualmente, descobrirem famílias de palavras. Anime-as nesse trabalho.

b) — escreva o professor, no quadro, em colunas, grupos de palavras (12 pares, por exemplo), como rio-riozinho, menino-meninozinho, irmão-irmãozinho, etc. Leve a criança a copiar com lápis de uma cor, (azul, por exemplo) a primeira palavra de cada par, e, em seguida, a copiar a segunda palavra com a mesma cor, mudando de cor (vermelho, por exemplo), para copiar o sufixo. Deve a criança proceder por esse modo com todos os 12 pares.

Organize o professor diversas listas de palavras, cada lista com um dos principais prefixos ou sufixos da língua portuguesa.

1. Terminada a copia, em que resultarem os prefixos ou sufixos destacados pela cor, verifique o professor si a criança apreendeu a significação desses elementos.

2 — Interjeições. — Dados uns exemplos animados de interjeições, leve o professor os seus alunos a, individualmente, por escrito, descobrirem o maior numero de interjeições. Esse trabalho pode ser feito com lápis de cor.

3 — Verbos. — Revele que há palavras que nascem de estados emocionais, as interjeições, leve o professor os alunos a compreenderem que há palavras que exprimem ações. Chamam-se verbos. De exemplos. Leve as crianças a organizarem listas de verbos. Cada grupo de cinco verbos pode ser escrito com lapis de uma cor.

4 — Nomes. — Idem como os nomes. Idem com os nomes coletivos, próprios, comuns.

5 — Qualificativos. — a) Idem com os qualificativos. b) Dê o professor relações de nomes e peça às crianças que acrescentem a cada um o maior número de qualificativos cabíveis. Que os nomes venham acompanhados de artigo. Escreva a criança, no alto da página, as palavras: Artigo, Nome, Qualificativo. E, por baixo de cada título escreva os artigos em vermelho, os nomes em azul e os qualificativos em violeta.

6 — Leve o professor os seus alunos a repararem, mediante exemplos similares, no modo pelo qual indicamos uma coisa ou mais de uma. Dada, no quadro negro, uma relação de palavras no singular, leve as crianças a copiá-las e a organizar, paralelamente, a lista correspondente no plural. A lista será encimada dos títulos: Singular, Plural. Facilite os exercícios, acompanhando os nomes do artigo, e encimando a lista com dois ou três exemplos resolvidos. Lápis de cor.

7 — Masculino e feminino. — a) Idem, em relação ao gênero. b) Exercícios dessa natureza, combinando-se as variações de gênero e número.

8 — Advérbios. — a) Ordens dadas pelo professor, para a criança realizar, em que, permanecendo o verbo sempre o mesmo, a ação se torne completamente diferente e até oposta pela aposição do advérbio. Exemplo: Ando vagarosamente, apressadamente, silenciosamente, ruidosamente, etc.;

b) — leve as crianças a descobrirem palavras que modifiquem uma ação. Por exemplo: escrever pouco, muito, bastante, rapidamente, etc.;

c) — dê-lhes uma lista de verbos para que elas acrescentem o maior número de advérbios de cada um, encimando o exercício com os títulos: Verbo, Advérbio, o copiando os verbos com lápis de uma cor, em baixo do título respectivo, e os advérbios, nas mesmas condições, de outra cor.

9 — A sílaba. — a) Leve as crianças a dividir palavras em sílabas. Organize, para isso, listas de palavras de número variável de sílabas;

a) — leve as crianças a organizar listas de palavras de duas sílabas, de três sílabas, etc.;

c) — chame a atenção para um grupo de palavras oxítonas e leve a criança a descobrir, numa relação ou num texto, as palavras oxítonas e sublinhá-las com lápis de cor; leve as crianças a organizar listas de palavras oxítonas, etc.

#### Recomendações especiais:

Os exercícios acima referidos podem ser realizados em um caderno especial, que poderá ter um título tão sugestivo como: **Eu descubro minha língua.** Será, verdadeiramente, uma construção, pelo aluno, de uma gramática do tipo mais indutivo possível. Como esse mesmo processo pode e deve ser o seguido no 4.º ano, na descoberta dos outros fenômenos da língua, conviria que os alunos guardassem os seus cadernos de um ano para o outro.

#### 3.º 4.º ANOS

1 — Morfologia e Sintaxe. — O professor fará uma relação das regras gramaticais que mais comumente se violam, na escrita e oralmente. Fará, com os alunos, exercícios indicando as formas corretas e incorretas, e dando a razão da correção, que é a regra gramatical.

2 — Estudo dos fenômenos da língua, tomando-se como base a leitura.

3 — verbos, no 4.º ano.

#### LEITURA

##### Objetivos gerais:

1 — Levar a criança a um domínio mecânico da leitura e a uma capacidade de compreensão da matéria lida suficientes para as necessidades correntes da vida, considerando-se a dupla situação da leitura silenciosa e da leitura em voz alta.

2 — Dar à criança hábitos corretos de leitura.

3 — Capacitar a criança para usar o livro em geral, dando-lhe familiaridade com o uso de índices gerais e analíticos, habituando-a a encontrar a matéria de que necessita, e fazendo-a capaz de supor que livros podem conter determinado assunto etc.

4 — Iniciar a criança na leitura expressiva, sobretudo criando em seu espírito o interesse por essa manifestação de arte.

5 — Dar à criança o gosto pela leitura, — um dos objetivos fundamentais deste ensino; fazê-la estimar os livros.

6 — Desenvolver na criança a capacidade de julgamento em relação à matéria lida.

#### 1.º ANO

1 — Fase preparatória: Durante os quinze primeiros dias de aula consistirá o trabalho do professor, no ensino da leitura, apenas em atividades preparatórias dos tipos seguintes:

a) — histórias contadas pelo professor para a classe, em ambiente de roda;

b) — histórias lidas pelo professor para a classe, em livros com ilustrações sugestivas, trazidas pelo próprio professor ou pelos alunos, a instâncias do professor;

c) — livros com gravuras e revistas ilustradas para os alunos folhearem. Procure-se que o material de ilustração seja artisticamente o melhor possível;

d) — reconhecer algumas letras, de preferência as vogais, nos cartões pessoais, nos títulos dos livros, etc.;

e) — quadros, colocados em lugares visíveis, com gravuras de objetos, animais, etc., tendo, por baixo, o seu nome escrito. Exercícios com esse material;

f) — cartões com o nome do aluno, colocados em objetos de uso pessoal.

2 — Iniciação, propriamente, do ensino da leitura, de preferência com os métodos analíticos. O ensino da leitura, nessa fase, far-se-á simultaneamente com o da escrita.

3 — No desenvolvimento do ensino da leitura, quando as crianças já tenham passado a fase de iniciação propriamente:

a) — uso de sentenças de ação, escritas em cartões grandes, que serão apresentados à criança para que ela, depois de lida silenciosamente, a ordem, execute a ação indicada;

b) — leitura interpretada, segundo a técnica de Montessori. Em pequenos cartões, dar às crianças frases que, depois de lidas silenciosamente, serão enfatizadas por elas. Essas frases, tiradas de bons escritores da língua não devem referir-se a ações cuja execução seja apenas material, como: Levante

o braço, — mas indicar ações que exijam uma verdadeira interpretação, como: O menino batia as mãos de contente. Nesta classe, as frases indicam uma única ação a princípio, e, mais tarde, duas ações consecutivas, indicadas em duas proposições coordenadas. Exemplos: Uma ação: Ele caminhava triste. Duas ações e orações coordenadas: Ele se aproxima da porta e a empurra suavemente;

- c) — jogos de leitura;
- d) — cantinho de novidades;
- e) — livros de contos, devendo cada criança, em geral, possuir obra diversa da de seus colegas, do que resultará, em classe, uma verdadeira pequena biblioteca. Servem, igualmente, boas revistas;
- f) — discussão das histórias lidas pelo professor ou pelos alunos, isto é, apreciação dos livros;
- g) — as atividades do tipo a, b e c da fase preparatória, devem persistir durante o ano, e particularmente a leitura expressiva pelo professor, de livros que ele ou os alunos tragam de casa.

**Ambiente de classe:**

1 — Em um canto da sala, deve haver cadeiras, u'a mesa com livros de gravuras, revistas, livros diversos, ao alcance de grupos sucessivos de alunos, na própria hora de leitura da classe. Ideal será que esse canto tenha o jeito de uma sala de estar, em uma residência.

Tudo se pode, porém, substituir por u'a mesa pequena e mesmo tosca, até um caixão, e uma ou duas esteiras, sentados nas quais os alunos usarão o material acima referido.

2 — Quadros, nas paredes, feitos com todo o bom gosto e absoluta simplicidade, sem ornato algum, com boas figuras de cousas, animais, etc., tendo por baixo o seu nome, em caracteres manuscritos e minúsculos. Esse material deve ser retirado das paredes assim que tenha passado a fase preparatória do ensino da leitura. As figuras desses quadros devem referir-se ao mundo dos interesses infantis.

3 — Estante com os livros de contos dos alunos e outros, visíveis à classe e ao seu alcance.

4 — Na mesa ou canto de leitura deve figurar, de início, material de jogos individuais de leitura, com, por exemplo: cartões com desenhos de objetos inconfundíveis, com os seus nomes a princípio unidos à gravura e, depois, soltos; caixas com letras, palavras, etc.

Esse material será retirado da mesa quando já não tenha utilidade.

**Recomendações especiais:**

1 — Principiando o ano, procure o professor ou, si for o caso, o diretor do grupo, classificar os alunos desta classe segundo os testes ABC de Lourenço Filho.

2 — Durante o processo do aprendizado, procure o professor estabelecer as diferenças individuais entre seus alunos na capacidade de aprender a leitura e a escrita, determinando os seus pontos baixos (falta de gosto pela leitura, pouca rapidez, pouca compreensão, máus hábitos de leitura, etc.) registrando mesmo essas deficiências num **Caderno de observação dos alunos** (uma página para cada aluno) e, mês por mês, dando um balanço nos resultados obtidos para a remoção daquelas deficiências, mediante técnicas especialmente adotadas para cada caso.

3 — Recomenda-se que o professor ou o diretor procure fazer a medida objetiva da leitura, realizando, periodicamente, a partir do segundo semestre, provas de rapidez e provas de compreensão.

**Exemplos de contos para crianças de 7 anos:**

Novos contos de fadas — Condessa de Segur.

As aventuras de Pinóchio — C. Collodi.

Senhor vento e senhora chuva — Paulo de Nussete.

Contos de minha mãe Pata — Ch. Perrault.

Paca-tatú — Malba Tahan.

**Bibliografia para o professor:**

- Pedagogia científica — 2.º volume — Montessori.
- Programa de linguagem do Distrito Federal — 1934.
- Como se ensina leitura — Pennell e Cusack.
- Como ensinar linguagem — Firmino Costa.

**Práticas:**

1 — Leitura, pelo professor, de histórias, em livros que ele traga ou tragam os alunos de casa.

2 — Leitura interpretada, segundo a técnica de Montessori, indicada para o 1.º ano.

Agora, no 2.º ano, as orações dos bilhetes serão formadas de períodos compostos de diversas proposições coordenadas, como, por exemplo: Ele abre a porta, arruma o cabelo e entra, — ou formadas por duas proposições das quais uma é subordinada à outra, como, por exemplo: "Ele fecha os olhos para melhor sentir a maciez do veludo". As ações indicadas não devem ser, nunca, de ordem puramente mecânica, mas exigir, sempre, uma sensibilidade do sentido que exprimam.

3 — Leitura em livros de contos, devendo cada criança, em geral, possuir o seu livro diferente do de seus colegas.

Aqui, incluem-se leituras silenciosas e, também, leitura em voz alta, feitas, por exemplo, em grupinhos de alunos, de modo que o livro vá passando de mão em mão até se completar a leitura do conto. No caso da leitura em voz alta, dentro dos grupos, deve o professor levar os alunos a compreenderem que eles devem estudar antes o trecho que vão ler, pois só assim serão capazes de uma leitura eficiente para os colegas.

4 — Leitura de livros, no Canto de leitura.

5 — Discussão dos contos, livros e revistas lidos.

6 — Insistência do professor quanto aos hábitos corretos de leitura.

7 — Jogos de leitura.

8 — Cantinho de novidades.

9 — Leitura básica, no livro de classe. Vejam-se, no programa do 3.º ano, algumas sugestões para motivação da leitura.

10 — Relação dos motivos de leitura com certas atividades da vida escolar, como o desenho, modelagem, representações de fantoches, dramatizações, etc.

**Ambiente de classe:**

O mesmo que em 1 e 3 do mesmo título, no 1.º ano.

**Recomendações especiais:**

1 — As mesmas que em 2 e 3 do mesmo título no 1.º ano. Importantíssimo é o diagnóstico das dificuldades individuais da leitura e o trabalho diferencial para remover aquelas dificuldades.

Uma observação cuidadosa e inteligente do professor permitirá o agrupamento dos alunos, de acordo com as deficiências e habilidades demonstradas, bem como a organização de um trabalho metódico de correção e adaptação.

Vários são os pontos fracos que com maior frequência, se apresentarem, em alunos do 2.º ano, e para os quais sugerimos medidas, visando removê-los:

1 — **Inabilidade em ler palavras novas, por falta de conhecimento e trelio de certas consoantes em situações especiais (c, g, q, h, s, x), de grupos consonantais e de notações léxicas.** Nesse caso, deverão ser organizados exercícios, a serem executados pelos alunos, quer individualmente quer em trabalho de grupos, como por exemplo:

a) — fazer exercícios de visualização, de composição e recomposição de palavras desconhecidas, apresentadas destacadamente;

b) — organizar palavras novas com os elementos em estudo;

c) — elaborar um dicionário de dificuldades, em folhas soltas de cartolina ou papel comum, colocando em evidência a consoante ou grupo consonantal e uma palavra modelo, arrolando-se em seguida, as palavras em que aqueles elementos apareçam. Tal material poderá ficar exposto, permanecendo à disposição dos alunos, para uso oportuno.

2 — **Dificuldade em compreender o que lê, pelo aparecimento de palavras e expressões estranhas à linguagem familiar do aluno.** Esta dificuldade é condicionada, não só pelo desenvolvimento intelectual da criança, como também pelas suas experiências de vida no meio familiar e social, em geral.

Para sanar estas deficiências e enriquecer o vocabulário infantil podem ser feitos, além dos exercícios que acabamos de citar no item anterior, os seguintes:

a) — concretizar por meio de desenhos, gravuras e ação a palavra em estudo;

b) — organizar cartazes, cadernos, alburns, fichas, etc., para uso coletivo ou individual, visando a fixação de novas palavras ou expressões.

3 — **Dificuldade de compreensão, pela maneira inadequada de ler palavras e expressões novas ou já conhecidas.** Resulta, quasi sempre, da aprendizagem inefficiente da técnica da leitura no 1.º ano.

É indispensável habituar o aluno a ler as palavras ou expressões como um todo, levando-o a reconhecê-las, o mais rapidamente possível, e interpretá-las convenientemente. Nêsse sentido, serão de utilidade as seguintes atividades:

- a) — treino de reconhecimento rápido das palavras, usando fichas e cartões relâmpagos;
- b) — exercícios apresentados em situação de jogo;
- c) — exercícios de representação de palavras ou sentenças por meio de desenhos.

4 — **Dificuldade em ler com naturalidade e interpretar o sentido do que lê.** Nêste caso, há influência de múltiplos fatores: ensino anterior mal desenvolvido; carência de vocabulário; material de leitura inadequado; falta de treino específico para desenvolver a rapidez de reconhecimento das palavras; falta de hábito de procurar interpretar o que lê; incapacidade de antecipar idéias; etc.

Exercícios diversos podem ser sugeridos para a correção dessa deficiência:

- a) — cumprir ordens apresentadas em sentenças escritas no quadro, cartazes ou fichas, como por exemplo; escreve o nome de cada objeto ao lado da figura que o representa; faça o desenho corresponder a cada sentença, pinte as flores de vermelho; recorte e cole, ao lado de cada sentença, a figura correspondente, etc.;
- b) — responder sim ou não a perguntas relativas a leituras feitas no livro de classe ou em outro qualquer, como por exemplo: O menino de história é Juquinha? Juquinha foi nadar no lago?
- c) — marcar as sentenças falsas ou verdadeiras com um sinal determinado: ex: Colocar, ao lado da sentença certa uma cruz e da errada, um o: — O carvão é branco. — Está chovendo.
- d) — escolher a resposta adequada; ex: Quem vende o pão é o (açougueiro, quitandeiro, padreiro ou alfaiate);
- e) — completar sentenças com a falta de um elemento; ex: A menina ... e feriu um dos joelhos.

Os exercícios específicos para vencer essas ou outras dificuldades reveladas na classe, podem ser feitos em grupos, reunindo-se os alunos que apresentam falhas comuns. Cada equipe, com chefe, realizará atividades convenientes a seu caso, preparadas pelo professor.

A leitura oral, principalmente no 2.º ano, é elemento valioso no treino e aperfeiçoamento da técnica de ler, tanto no trabalho de correção da pronúncia, como no estudo da pontuação e entonação adequadas. Visa desenvolver a habilidade de usar a voz de modo a transmitir ao auditório o sentido do que é lido.

Não deve ser a leitura oral uma atividade imposta às crianças, cabendo ao professor preparar a classe, criando uma atmosfera de interesse para o que vai ser lido. Por outro lado, é preciso formar no aluno a atitude de preocupar-se em interessar o auditório, sempre que fizer uma leitura.

Na escola primária, usa-se comumente o livro de classe, em que todos acompanham, silenciosamente, a leitura em voz alta de um colega, sem uma finalidade definida e com resultados muitas vezes negativos. O livro de leitura de classe, entretanto, apresentará suas vantagens, quando usado inteligentemente, em situação real de vida.

2 — **Tenha o professor em consideração que a leitura deve sempre, proporcionar prazer às crianças e "não se estime o prazer da leitura como algo exclusivo dos graus superiores".**

**Exemplos de histórias para o 2.º ano:**

Os mesmos indicados para o primeiro ano e mais:

Peter Pan. — J. M. Barrie.

Alice no País das Maravilhas. — Lewis Carrol.

História de um Quebra nozes. — Alexandre Dumas.

Abelha. — Anatole France.

Contos transcritos da tradição oriental e africana. — Maurice Borch.

As crianças no mar. — Charles Chines.

A menina do narizinho arrebitado. — Monteiro Lobato.

Novas reações de "Narizinho" — Monteiro Lobato.

**Diografia para o professor:**

A mesma indicada para o 1.º ano.

**3.º ANO**

ticas:

1 — Leitura expressiva, pelo professor, para os seus alunos, de contos e fábulas de leitura adaptadas à compreensão cada vez maior dos alunos.

2 — Leitura pelo professor de trechos de informação, como, por exemplo, uma de trechos sobre a vida maravilhosa dos animais e das plantas, pássaros de leituras geográficas, históricas, etc., feitas em ambiente de intimidade e naturalidade.

3 — Leitura interpretada, segundo a técnica de Montessori. Vejam-se as regras para o 1.º e 2.º anos. Agora, "as frases compõem-se de diversas posições coordenadas e subordinadas, e a leitura encerra descrições mais flexas e algumas vezes a interpretação, que deve ser exata nos menores detalhes, exige que a criança fale". Por exemplo: "O avô coloca-se em frente à janela, olha para fora, olha o céu e diz: — Desventurado o que colheu o pão duro". Depois, "leituras para a interpretação das quais há necessidade de duas ou mais pessoas.

4 — Triplação e desenvolvimento da leitura expressiva, escolhendo o professor trechos adequados, inicialmente muito breves e muito simples, e frase exclamativa, por exemplo) e, progressivamente, com gradação de dificuldade, mais longos e mais complexos.

5 — Uso do jornal. Bons jornais. Seleção da matéria a ler, pelos títulos.

6 — Boletim de classe.

7 — Exercício com o fim de levar o aluno a achar sozinho o livro que a trazer certas informações, a achar no livro o assunto desejado, a reler em notas, a coordenar os dados compilados.

8 — Horas de leitura individual.

9 — Leitura oral bem motivada, e portanto cuidadosamente preparada pelo aluno.

10 — Leitura básica no livro de classe. É bastante importante que a criança seja motivada. É necessário ir-se abandonando e abandonar essa prática que se faz apenas porque está na hora de leitura e o professor quer, os aqui algumas motivações para a leitura, das quais o professor de ano selecionará as que mais convenham:

a) — formular perguntas sobre os pontos principais da leitura, para ir aos colegas;

b) — dar novo nome ao capítulo; criticar nomes dados aos capítulos;

c) — escolher um assunto próprio para dramatização ou para a hora das histórias;

d) — julgar o caráter dos personagens de certa história ou discutir os pontos que teriam determinado certa ação;

e) — julgar do valor de uma história;

f) — contar tópicos principais de uma história com o fim de interessar os colegas na leitura desta;

g) — ser capaz de relatar acontecimentos correntes, apresentando resumo de jornal ou revista para justificar seus pontos de vista;

h) — fazer pequeno relatório sobre leituras de livros da biblioteca;

i) — tornar-se apto a narrar resumidamente uma história ou apresentar sumário da mesma, do início até o ponto onde deva começar a leitura oral;

j) — recortar, desenhar ou modelar os personagens ou os fatos principais da história;

k) — fazer uma dramatização;

l) — executar um trabalho manual, seguir as instruções de um jogo ou na atividade determinada;

m) — responder a perguntas;

n) — obter informações para assuntos de aula; Etc.

11 — Leitura pelas crianças reunidas em grupos, adotando-se processos os seguintes:

a) — si os alunos estiverem organizando um album de anedotas, fábulas ou feitos heróicos, os grupos discutirão sobre o material obtido, afim de ser selecionado o que seja digno de nele figurar;

b) — poderão os alunos discutir sobre os artigos de jornal que mereçam ser afixados no diário de classe, devendo os mesmos ser resumidos pelos próprios grupos;

c) — poderão os grupos pesquisar e preparar o material para programas de certas festas ou outras realizações da classe;

d) — os alunos escolherão, coletivamente, material para dramatização;

e) — os grupos formularão perguntas a outros grupos e responderão às que estes hajam formulado;

Etc.

#### Ambiente de classe:

1 — Biblioteca de classe.

A estante, de preferência, será feita pelos próprios alunos, nos primeiros dias de aula, com material mesmo de caixões velhos si não for possível ser melhor. Chama-se a atenção do professor para o ponto de que a organização do ambiente de classe, em relação a todas as matérias, deve ser uma das atividades fundamentais das crianças, nos primeiros dias de aula, constituindo essa atividade um verdadeiro projeto. As ferramentas necessárias, no caso presente, podem ser trazidas de casa pelos alunos, si não houver na classe uma caixa de ferramentas e acessórios, o que será o ideal. (pregos, serrote, martelo, cepilho, formões, etc.), e até um banco de marceneiro de tamanho apropriado, — este último do grupo escolar em seu conjunto.

2 — Convém que a distribuição das carteiras seja feita de maneira a deixar espaço livre, dentro da sala, que, no caso da leitura por exemplo, será utilizado para os exercícios de leitura interpretada, etc.

3 — É útil que haja, na sala, uma mesa grande que possa ser ladeada de bancos, em torno da qual possam sentar-se muitos alunos, para trabalhos coletivos.

#### Recomendações especiais:

1 — As mesmas do mesmo título, n.º 2 e 3, do programa do 1.º ano.

2 — Procure o professor ver os diversos planos para lições de leitura de Como se ensina a leitura, do Pennell e Cuzack.

#### Exemplos de livros próprios para 3.º ano:

Contos. — Andersen.

Alice no País das Maravilhas. — Leves Carrol.

As aventuras de Pinóchio. — C. Colodi.

As crianças no mar. — Charles Chines.

Abelha. — Anatole France.

Contos — Grimm.

História de um Quebra nozes. — A. Dumas.

Jacala, o crocodilo. — Rudyard Kipling.

#### Bibliografia para o professor:

Como se ensina leitura — Pennell e Cuzack.

Pedagogia Científica — M. Montessori.

El tesouro del Maestro — 2.º volume.

Programa básico da leitura. — William S. Gray.

### 4.º ANO

#### Práticas:

1 — Ampliação da técnica de Montessori para interpretação da leitura, aconselhada para o 3.º ano.

Leituras para interpretação das quais há necessidade de duas ou mais pessoas. Sânetes e diálogos.

2 — Leitura expressiva.

3 — Boletim de classe: Seleção da matéria a cargo dos alunos. Vida da escola e da localidade, no que ela tenha de relação com uma fertil aquisição de experiências, podendo-se ilustrar o boletim com gravuras e desenhos.

4 — Jornais e revistas bem escolhidos.

5 — Leitura em função de informações a serem obtidas a respeito de outras matérias.

6 — Reuniões de discussão de assuntos lidos.

7 — Organização de relatórios de histórias, trechos de informação, etc.

8 — Leitura especial de obras dramáticas.

9 — Leitura básica, no livro de classe. Vejam-se, no programa do 3.º ano, sugestões para motivação da leitura.

10 — Leitura para a qual se exige uma atividade dos alunos reunidos em grupos. Vejam-se, a propósito, as instruções sobre o assunto no programa do 3.º ano.

#### Ambiente de classe:

O mesmo recomendado para o 3.º ano. O ideal é haver uma biblioteca da escola em geral e bibliotecas especiais, para cada classe. É certo que essas bibliotecas especiais ainda não existem em nossas escolas e são, no entanto, mais eficientes, porque destinam-se a acompanhar o trabalho de todas as horas da criança, na classe.

Deve haver, na escola, um local próprio para o funcionamento da biblioteca geral. Eis um importante problema a resolver. A biblioteca deve funcionar fora das vistas do adulto, sob a direção própria de crianças.

Toda a biblioteca deve compreender: Matéria recreativa e material de informação, este último abundante e simples, para servir ao trabalho de consulta dos alunos nas suas diversas atividades na classe. Não devem estes últimos ser livros de classe. O Tesouro da Juventude é um modelo perfeito do livro conveniente. Constituindo o material para informações, indicaríamos: livros, revistas, recortes de jornais, transcrições, apontamentos pessoais dos alunos, etc. Recortes, transcrições, apontamentos, serão guardados para serem, quando houver número, classificados pelos próprios alunos, segundo os assuntos e reunidos em volumes encadernados (trabalho dos alunos na aula de trabalhos manuais).

São perguntas que deve o professor fazer-se, a respeito do presente assunto:

Que foi feito para levar os alunos a amarem a biblioteca que possuem? Que foi feito, ainda, para que os alunos tirem o maior proveito possível da biblioteca? Como se tem articulado o trabalho da classe com um sistema de consultas dos alunos aos livros da biblioteca?

Qual a colaboração dos alunos para a ampliação da biblioteca?

Já se pensou em que a abundante literatura infantil que anda por aí nem sempre serve para crianças e que muito do que foi escrito para adultos é apropriadíssimo para as crianças?

Na compra dos livros, os alunos tiveram alguma colaboração? Aproveitou-se a oportunidade para a educação dos alunos?

Já se organizou um projeto de propaganda da biblioteca entre as crianças, confiado às próprias crianças?

#### Bibliografia para o professor:

A mesma do 3.º ano.

#### Observações especiais:

As mesmas recomendadas para o 3.º ano. Recomendamos, ainda, nesta série, especial atenção para a necessidade de treinar o educando em habilidades e hábitos como os seguintes:

1 — No que se refere a facilidade de encontrar informações: a) conhecimento da natureza, lugar, propósito das distintas partes de um livro; b) habilidade em fazer uso da ordem alfabética, do índice analítico, da tabela das matérias e demais seções de um livro; o dicionário, a enciclopédia, o catálogo da biblioteca, etc.; c) habilidade na interpretação de mapas, gráficos, demonstrativos e outros tipos de informação apresentados em forma distinta da palavra impressa; d) habilidade em situar, com rapidez, fatos ou idéias específicas em uma dada passagem.

2 — No que se refere à capacidade de seleção e avaliação do material requerido; a) habilidade em distinguir entre o importante e o secundário; b) habilidade em julgar a respeito do valor de um material dado, selecionar livros que atendam a propósitos específicos, e reconhecer a evidência objetiva.

3 — No que se refere à organização do material.

Habilidade em tomar conhecimento do propósito, plano e fins do autor; em selecionar o tópico central de um parágrafo ou de um trecho; em perceber relações; ordenar idéias de uma maneira lógica; resumir, organizar esboços, tomar notas, etc.

4 — No que se refere à solução de problemas ou aplicação do material lido.

Habilidade em manter claramente, no pensamento, o problema que interessa; em selecionar a informação pertinente; em analisar fatos; compa-

rar dados e organizá-los; sustentar conclusões; guardar reserva no que diz respeito ao juízo formado até que a evidência seja suficiente.

5 — No que se refere à lembrança do material lido para o fim de satisfazer propósitos específicos: a) conhecimento do objetivo com que se lê uma dada passagem; b) reconhecimento da necessidade de reter os fatos sobre os quais versa a leitura; c) habilidade em reconcentrar-se no que se lê; d) conhecimento de modos eficientes de memorização.

**Exemplos de livros próprios para o 4.º ano:**

- Jacala, o crocodilo — Kipling.
- Marujo intrépido. — Kipling.
- Mowgli, o menino lobo. — Kipling.
- Caninos brancos. — Kack London.
- O príncipe feliz. — O. Wilde.
- Coração. — De Amicis.
- Tarzan com os macacos. — Coleção.
- Terra, mar e ar.
- Fábulas de Esopo.
- Mil e uma noites.
- O príncipe e o pobre.
- Aventuras de Tom Sawyer.
- Júlio Verne.
- Os mesmos do 3.º ano.
- Romances da Idade Média. Canções de gesta.
- Trechos de poetas e prosadores da Idade Média.
- Robinson Crusô.
- O passarinho azul. — Maeterlinck.
- Folk-lore nacional e estrangeiro.
- Etc.

### LINGUAGEM ESCRITA

**Objetivos gerais:**

- 1 — Respeitando as tendências individuais, levar a criança a escrever rápido e legivelmente, com razoável uniformidade de inclinação, de altura de letras, de força de traços e de espaços.
- 2 — Estabelecer hábito de boa disposição do trabalho escrito.
- 3 — Fazer o aluno apreciar e aceitar a correção de posição da corpe como um meio de conseguir melhor trabalho dentro dos objetivos visados.
- 4 — Levar a criança a escrever com correção ortográfica e bom domínio da pontuação.
- 5 — Conseguir naturalidade, riqueza e correção de composição e expressão escrita do pensamento, — bem como consciência da existência de valores entre as formas de expressão escrita, com um razoável discernimento das formas superiores.

#### 1.º ANO

**Práticas:**

- 1 — Fase preparatória da escrita, correspondente à fase preparatória para a leitura. Exercícios no quadro negro, sob forma de dramatizações. Exercícios que preparem ao traçado das linhas ascendentes, descendentes, círculos, etc.; sugere-se o emprêgo de ritmos para a realização de tais exercícios.
- 2 — Ensino inicial da escrita simultaneamente com a iniciação à leitura.
- Apresentação de palavras ou sentenças completas para a criança copiar.
- 3 — Cópias, feitas numa situação de interesse, como uma consequência do desenvolvimento do trabalho, em função das necessidades individuais ou de grupo. Assim os alunos poderão fazer cópias de:
  - a) — palavras e sentenças previamente estudadas;
  - b) — trechos interessantes de histórias;
  - c) — trechos para colegas que tenham faltado as aulas anteriores,
  - d) — poesias;
  - e) — cartinhas, avisos, convites;
  - f) lista de material escolar a trazer de casa;
  - g) — notícias para o jornalzinho de classe;
  - h) — legendas, títulos de quadros, etc. para renovação do material da classe;

- l) — lista das histórias que a classe já conhece ou das que deseja conhecer;
- j) — lista das poesias que a classe mais aprecia;
- k) — palavras que tenham errado no ditado.
- 4 — Ditado.

**Observações especiais:**

Constituirá estímulo para a criança, no que se refere ao domínio material da escrita, a verificação dos progressos alcançados, mediante a comparação dos próprios trabalhos com os anteriores. O confronto com os trabalhos dos mais aptos só deverá ser feito em casos muito especiais, exigindo grande habilidade da parte do professor, para não ferir suscetibilidades.

Tomem-se em conta as seguintes normas:

- 1 — Antes de começar a escrever, a criança deve aprender a utilizar o lapis em outras atividades.
- 2 — No primeiro ano, não se deve exigir da criança movimentos precisos, e, por isso, não deve haver aulas especiais de caligrafia.
- 3 — A escrita, no começo, deve ser feita no quadro negro ou em folhas grandes de papel.
- 4 — Nos primeiros tempos, é aconselhável o uso do papel sem pauta.
- 5 — O modelo da escrita no 1.º ano deve ser grande.
- 6 — Pode-se deixar para o 2.º ano o uso da tinta.
- 7 — O tamanho da letra deve ser gradualmente reduzido, até o tamanho normal de escrita corrente.

**Bibliografia para o professor:**

A escrita na escola primária — Orminda Marques.

• • •

### COMPOSIÇÃO

#### 1.º ANO

**Práticas:**

- 1 — Atividades de composição bastante elementares, limitando-se o aluno a compôr frases soltas sobre qualquer assunto de sua experiência ou sugeridas por gravuras ou por histórias contadas, em classe, pelo professor.
- 2 — Composição de historietas apenas oralmente e, de preferência, à vista de estampa.
- 3 — Completar sentenças de fácil sentido.
- 4 — Compôr sentenças com palavras conhecidas.
- 5 — Completar oralmente historietas, começadas pelo professor.
- 6 — Compôr pequenas frases sobre a vida escolar, para organizar um diário de classe.
- 7 — Responder a perguntas simples, sobre um trecho fácil, lido, silenciosamente.
- 8 — Enumerar objetos observados.

Para que as atividades de composição atinjam seus fins, organizando a expressão do aluno e precisando seu vocabulário, é mister que sejam feitas com muita frequência e em situações reais para a criança. Não importa que, a princípio, surjam erros de ortografia ou na construção de frases; o que se deseja é que os alunos se habituem a escrever as suas idéias, a expressar seu pensamento, com a precisão que for possível ao seu desenvolvimento mental.

É indicada, a seguir, uma sistematização modelar de exercícios animada de um espírito muito mais profundo do que as sugestões acima, exigido, naturalmente, a sua aplicação, mais apuro pedagógico. Deve-se a George Münch. Baseia-se em cinco condições estabelecidas para uma redação na escola primária:

- observação vivida pelo aluno;
- elaboração de pensamentos pessoais;
- interesse vivo que leve o aluno a escrever;
- desejo de comunicar imediatamente a um terceiro o que se escreveu;
- direito da criança a uma crítica imediata.

São recomendações de seu autor:

A redação deve ser baseada na observação; mas não devem ser consideradas uma efetiva redação as listas de fatos sobre um assunto, por melhor arrumadas e apresentadas que o sejam; uma redação não é uma placa

foto ou fonográfica, mas uma pequena e modesta obra de arte; que a boca não fale e a mão não escreva sinão aquilo de que o coração esteja cheio; a verdadeira redação contém, em todas as circunstâncias, as características da experiência pessoal e do trabalho criador, e deve vir marcada do sinal dum alegre e necessária comunicação a outrem; toda redação deve derivar de um vivo interesse de escrever, de comunicar, da parte da criança; e por isso mesmo, é preciso renunciar às aulas de redação para toda a classe, à hora certa.

Faça-se o mestre, continuamente, esta pergunta: Como utilizar para a redação a atividade do aluno infantil, sua poderosa imaginação criadora, seu gosto das narrações maravilhosas; em resumo, tudo o que, na criança, nos surpreende quando brinca ou conversa com os seus companheiros?

Levar a criança, permanentemente, a fazer-se esta pergunta, para escolher a matéria de suas composições; Isso interessará, verdadeiramente, meus colegas? Para isso, sempre, as composições terão o caráter de reportagens, destinadas aos colegas.

A redação é um trabalho de criação pelo qual a criança quer comunicar alguma coisa, seja um fato de experiência, seja um projeto.

A processação de Münch baseia-se, no aspecto material, toda ela, em levar uma criança ou várias, a fazer uma verdadeira reportagem sobre um fato ou fatos e vir lê-la a seus companheiros de classe. São, inicialmente, reportagens orais. É fundamental que o mestre obtenha animar tais reportagens, levando o aluno-reporter a um vivo desejo de trazer aos seus companheiros alguma coisa sempre nova, viva, animadora, interessante, capaz até de mover a emoção ou ao menos a curiosidade; o auditorio, pelas suas reações naturais, será a crítica imediata proporcionada à criança, demonstrando-lhe si atingir ou não os seus objetivos. Neste programa, os exercícios de Münch estão graduados para os 4 anos. No último, procura-se dar à criança uma consciência do valor das formas superiores da língua.

Salientamos que os exemplos dados e até os exercícios preconizados não devem ser tomados como receitas, mas como formas sensíveis de exprimir um espírito, o espírito de um método. Este é que o mestre há-de procurar apanhar. Para que melhor se para sentir tal espírito, — ao contrário da norma ordinariamente adotada na distribuição deste programa, — damos, aqui, juntos, as sugestões para os 4 anos juntos do curso primário.

Si o professor sentir que não alcança apanhar o espírito do método recomendamos-lhe adotar a orientação mais material e mais simples da primeira parte destas sugestões para o ensino da composição.

### 1.º ANO

a) — A partir da segunda semana de aula, enviar todos os dias os alunos à escola, hoje um, amanhã outro, para apanhar algum fato interessante e vir relatá-lo à classe; o professor reproduzirá, então, por escrito, sob ditado, estenograficamente si possível, a redação da criança, lendo-a para a classe inteira; pode o professor fazer pequenas correções, sem alterar a narração infantil; é exemplo de correção permitida evitar que todas as frases comecem com “E então...” e até clarear um pouco certas frases obscuras; desde logo, despertar na criança que faz a redação a consciência de que ela terá um auditorio e um juiz, — a classe para a qual a sua composição vai ser lida, — e o seu trabalho deve ser interessante, trazer alguma coisa nova ou amiga para os que vão ouvi-lo;

b) — trazer para a classe as duas reproduções: a estenográfica e a corrigida, segundo as prescrições anteriores, para que as crianças vão adquirindo consciência da vantagem de eliminar certas cousas, etc.;

c) — tomando como ponto de partida as próprias narrações da criança, apanhadas da forma anterior, faze-la progredir mediante a observação concreta, mediante exercícios como os que se exemplificam a seguir:

1 — si uma criança dizer por exemplo, que o vestido era verde, inquiri-la: o verde era como o daquela árvore, ou como o do quadro? Procure, olhe em volta e diga como era o verde do vestido; do mesmo modo, si a criança disse que qualquer coisa era pequena, levá-la a precizar a sua idéia perguntando-lhe: Mas, pequeno como o que? Da altura desta mesa? Etc.;

2 — levar a criança a procurar exprimir, em função de suas “redações”, todos os ruídos possíveis: Zzz ... ou ... zzou! uma abelha que voa. Tra ... tra ... tra ...! é um cavalo que passa, etc.;

3 — levar as crianças a fazer todos os seus sentidos participarem das “redações”, como exercícios como os seguintes: “cada um de vocês traga

amanhã, para a escola, três cheiros diferentes ... mas, — em forma de frases!”; e assim, aos poucos, devem aparecer, nas “redações”, os odores do ambiente, as sensações tactis proporcionadas pelo ambiente, etc.;

4 — durante algumas semanas, fazer viver as interjeições nas “redações”;

5 — levar as crianças a estudar as fisionomias e os gestos, podendo fazê-lo mediante artifícios como o de simular o professor que está ouvindo ao telefone, e, então, exprimir, pela fisionomia, ora admiração, ora espanto, ora colera etc., levando as crianças a esforçar-se por adivinhar o que estaria êle “escutando”;

6 — nesses estudos da fisionomia e dos gestos, fazer a criança procurar descrever as fisionomias e os gestos, segundo as emoções: “êle tinha a testa franzida”, etc.

d) — com as crianças mais fracas, acompanhá-las à porta, e mostrá-lhes como fazer a redação;

e) — realizar livres conversações instrutivas, que, para o caso presente, devem ser conduzidas como um drama afim de que as crianças a ela se entremem de corpo e alma; por exemplo: “Vocês, agora, são pequenos lavradores. Vão contando o que vocês estão fazendo, nessa condição”: “Você quer me levar visitar a sua granja?” “Hoje, eu sou o lavrador. Não posso ir ao campo porque tenho de atender uma porção de negócios. Vocês viriam tratar de negócios comigo”; etc.;

f) — pelo fim do ano, levar as crianças a tentar escrever as suas primeiras redações na base das mesmas observações, que não se interromperam durante todo o ano, sugeridas em a.

### 2.º ANO

#### COMPOSIÇÃO

##### Práticas:

1 — É fácil tirar, do programa de linguagem oral desta série, sugestões para o aprendizado da composição escrita.

2 — Redação de bilhetes, avisos, convites, dentro de situações reais de interesse para a criança.

3 — Invenção de historietas à vista de estampas.

4 — Redação de diários de classe

Etc.

##### Recomendações especiais:

Esforce-se o professor no sentido de aproveitar oportunidade para a composição escrita. Use com inteligência a curiosidade da criança, as excursões, os motivos locais, etc., para criar as situações de interesse.

Na redação de bilhetes, convém que o professor vá habituando as crianças a empregar o material utilizado para êsse mistér, na vida quotidiana (panel de carta, envelope, que pode ser confeccionado pelos próprios alunos êlos usados, etc.).

Os avisos e convites podem ser elaborados individualmente, escolhendo depois os bons trechos de cada trabalho para organizar a forma a ser fixada ou enviada.

É conveniente que o professor organize um caderno com os erros cometidos pelas crianças. Dêste caderno êle tirará material para suas aulas, procurando meios de conseguir dos alunos, através de exercícios adequados, a maneira correta de expressão. É imprescindível observar os reincidentes para uma correção individual, bem como assinalar as crianças que tram em ortografia, ou que têm um vocabulário demasiadamente pobre. Estas devem merecer uma atenção especial da parte do professor, quer na gestão para leitura de livros, quer na organização de caderninho individual de erros de ortografia, etc.

\*\*\*

Nota: — Para o caso de ter sido possível aplicar a orientação de Münch o 1.º ano, e ser, agora, possível continuá-la, sigam-se as indicações seguintes que, no entanto, mais devem sugerir um espírito do que ser entendidas como fórmulas fechadas. Convém reler todo o programa correspondente do 1.º ano.

1 — Percorrer secções da escola com o caderno de notas na mão, e fazer longas listas escritas de todos os objetos; organizar listas semelhantes.

classificando os objetos; organizar listas sobre temas precisos, como o que se comeu, dia por dia, durante a semana: idem, fazendo observações, sobre o gosto, a quantidade, a procedência.

2 — Levar a criança a olhar a vida, e, assim, considerar que para o ensino da redação, o mais importante, como instalação, não são os museus escolares nem os cartões de imagens murais, mas as janelas; colocar as crianças nas janelas e levá-las a contar, com as suas expressões espontâneas, fatos vivos a que estão assistindo, no mesmo momento em que os vêm e acompanham, a colegas situados dentro da sala; exemplo de um fato vivo, é um jogo, dos correntes em educação física: o grupo que ouve a narração trata de reproduzi-la por escrito; a composição é lida em classe, depois, para todos, os jogadores sobretudo.

3 — Depois desse exercício preparatório, colocar a criança à janela, para olhar os fatos que se passam à sua vista e narrá-los, procurando o professor impedir toda a manifestação do convencional, insistindo em obter o que é espontâneo e puro como expressão da criança; suponhamos que chegou à janela e olhar: olhar sem dizer nada; e, depois, escrever: ir, assim, aperfeiçoando, dia a dia, essa maneira de ser e de exprimir-se até apanhar o mais vivo e até o mais fugitivo; sair à porta da escola e olhar, observar cada fato isoladamente, acompanhá-lo em seu desenvolvimento, examinar tudo com precisão; à porta, ainda, anotar as características, os fatos observados; apenas anotar; compor um caderno coletivo, ou vários, com o título: A vida e o movimento diante da escola.

4 — Levar a criança a ouvir, com os olhos fechados, o que se poderia chamar "O concerto da localidade", — os sons, os ruídos que são próprios da localidade: o exercício está baseado no princípio de que os exercícios de estilo não são mais que exercícios dos sentidos; escrever o "Concerto".

5 — Exercícios de imaginação; leve-se em conta que uma obra de imaginação não significa uma obra de fantasia; eis o exemplo de um exercício: olhar as pessoas que tomam um bonde e procurar, pela observação, adivinhar ou concluir o que vão fazer, quem são, de onde vêm; escrever.

6 — Depois desses exercícios preparatórios, mandar algumas crianças com seu caderno e seu lápis a uma das janelas; elas devem observar a vida da rua ou inscrever sobre o papel as observações que quiserem; as outras crianças e o professor ficam, como um público curioso, aguardando o que se lhe vem narrar.

7 — Para aprofundar a objetividade, colocar crianças em três janelas diferentes, das quais podem ver os mesmos fatos; levá-las a trazer os seus relatórios para a classe que ficou esperando, tornando-se, assim, possível um confronto animado das observações.

8 — Cada dia, mandar três crianças, durante a aula, explorar em redor da escola, no pátio, por exemplo, com esta ordem simples: Abram os olhos! podendo os novos reporteres escrever o que quiserem; aperfeiçoar, depois, o exercício, levando as crianças a selecionar os fatos, em função do interesse que possam despertar nos seus ouvintes; (porque todas as reportagens são aguardadas pela classe, com curiosidade); nesta fase de aperfeiçoamento, recomendar: "Hoje tragam apenas seis observações. Mas olhem bem as cousas e as pessoas, com maior precisão, afim de que, a propósito de cada caso, possam trazer uma observação em duas ou três pequenas frases".

9 — Levar as crianças a sair em grupo, para trazerem as suas redações coletivas; reúnem-se para a redação e uma escreve; e trazem-na, depois como sempre, para a ávida curiosidade de seu público; o resto da classe; organizar o caderno do grupo para essas redações coletivas.

**ORTOGRAFIA**

**Práticas:**

1 — Com as palavras anotadas pelo professor, em anos sucessivos, tomadas dos erros ortográficos mais frequentes das crianças, procure prevenir tais erros, usando uma processuação assim ordenada:

- a) — tome cada palavra isoladamente, de preferência tomá-la na estrutura de uma frase;
- b) — cuide de que a palavra em questão tenha uma significação bem real para as crianças;
- c) — mostre a dificuldade ortográfica especial da palavra, sem mencionar nunca, as formas erradas da mesma, mas, apenas a sua forma correta;
- d) — leve as crianças a, com os olhos fechados, formar a imagem vi-

sual da palavra, e recitar, em voz alta, as letras que a compõem, "escreven-  
do-as", no ar, com o dedo;

e) — ao final do exercício, com as várias palavras escolhidas para a aula, controle os resultados obtidos, mediante ditado

2 — Cópia, bem motivada sempre utilizando-a, também, como exercício alfabético, como, de resto, toda a atividade de escrita.

São exemplos de motivação para a cópia:

- a) — registro de palavras correntes no vocabulário da criança, que apresentem dificuldades ortográficas;
- b) — cópia de correções, trechos de informação do livro de leitura, etc.;
- c) — cópia de notícias para o "cantinho de unidades";
- d) — cópia de convites para expedição numerosa, etc.

3 — Ditado e auto-ditado. — Obtida uma boa motivação para o ditado, deve ele ser preparado convenientemente informando-se com antecedência, a criança de toda as dificuldades, de modo a evitar que ela venha a cometer erros ortográficos.

**Bibliografia para o professor:**

- Como se ensina linguagem — Firmino Costa.
- O ensino da ortografia — Problemas e métodos — Faria de Vasconcelos.
- Como se ensina a escrever — Faria de Vasconcelos.

3.º ANO

**COMPOSIÇÃO**

**Práticas:**

Para o caso de ter a processuação de Münch sido adotada nos anos anteriores, e ser possível prosseguir-la, agora, os exercícios que adiante são indicados devem sugerir o espírito da orientação que deve ser adotada no 3.º ano.

Convém, em todo o caso, reler o programa correspondente ao 1.º e ao 2.º ano.

1 — Seguindo o mesmo espírito da composição no 2.º ano, passar do mundo que cerca a escola, a localidade e às suas vizinhanças, passar de fatos livres, a fatos definidos; mandar os exploradores explorarem o tema: o pátio, o bonde, etc.

2 — Levar as crianças a contar fatos de vivo interesse da vida de escola a colegas ausentes.

3 — Ler o professor, em voz alta, a redação das crianças para elas mesmas procurando mostrar que o estilo é um ritmo e é necessário que o sentimento desse ritmo entre no sangue desde o começo; (exemplificando, para esclarecer: a redação das crianças tende a obedecer, em seu ritmo, a verdades clichês: a composição de uma criança era assim: "Então, eu cheguei na praia. Ai eu vi isto e aqui: Aqui, notei tal coisa. Agora, veio fulano. Este disse ..." Essa frases começam diferentemente, mas têm todas o mesmo ritmo: um tempo forte na primeira palavra, e, em seguida, um mesmo monótono movimento de construção (sujeito, verbo e objeto) e até u'a mesma duração. Aconselhar-se-ia que o professor experimentasse levar as crianças a aprender esse ritmo, vocalizando as redações em la, la, la... A redação em exemplo, daria: La, la, la, la, la. La, la, la, la, la. La, la, la, la... Como uma outra poderia dar: La, la, la, la, la. La, la, la, la, la. La, la, la, la... Depois ler redações com ritmo conveniente, nas quais se percebem as variações o jogo vário do ritmo: "Chegando à rua S. Francisco, encontrei meu amigo Paulo. Ele gritou ao me ver: Chico, hoje não há aula? — Estou fazendo uma reportagem, Paulo! — Mas, com essa chuva? — Justamente por isso: há muita coisa que ver. E continuei o meu caminho).

4 — Mandar crianças fazer reportagens, mas agora com objeto preciso, por exemplo: um vendedor ambulante, ir ver por que batem os sinos; ir ver o que se está passando no pátio, onde há crianças rindo muito.

- 5 — Redação sobre temas como os seguintes:
  - a) — Para esta tarde, qual é o teu programa?
  - b) — escreva, durante a aula, uma reportagem sobre o teu colega F. Ir o professor mostrando como pode ser aperfeiçoada a reportagem, e quando já se tenham conseguido resultados razoáveis, fazer ler esses documentos perante a classe; discuti-las coletivamente;
  - c) — escreva como o pátio se enche pouco a pouco com as crianças que chegam, pela manhã, para as classes; (dez crianças tem o tema, produzem-no separadamente, e depois os trabalhos são lidos, para a classe e o professor;

d) — terminaram as aulas; vá à janela e observe a saída. Faça uma reportagem sobre ela (os fatos são demasiado rápidos, o que é uma dificuldade nova; e é bom conduzir metódicamente os alunos a dificuldades sempre novas);

6 — Ir, daí, passando a temas como os seguintes:

- amanhã, pela manhã, preste atenção no que vir e sentir quando vier para a escola, pois desejamos ouvir uma reportagem tua sobre esse assunto;
- escreva uma reportagem sobre a tua casa, pela manhã, hoje;
- Etc.

\*\*\*

Caso não se venha adotando a processuação de Münch ou não seja possível prosseguir-la neste ano, cabem atividades como as seguintes:

- 1 — Exercícios de observação para reportagens ligeiras.
- 2 — Exercícios de observação de atitudes humanas para interpretações psicológicas.
- 3 — Aproveitamento de situações reais que dêem oportunidade à composição.
- 4 — Levar os alunos a:
  - a) — fazer uma história em colaboração;
  - b) — responder, por escrito, a perguntas sobre uma história lida silenciosamente, ou ouvida em classe;
  - c) — descrever objetos simples e familiares;
  - d) — redigir cartas familiares, convites e programas de festinhas;
  - e) — fazer relatórios simples de trabalhos realizados;
  - f) — redigir diários individuais e de classe;
  - g) — registrar observações feitas, etc;
  - h) — composição à vista de estampas.

### ORTOGRAFIA

- 1 — A mesma orientação adotada para o 2.º ano.
- 2 — Primeiras informações sistematizadas sobre acentuação das palavras.

### CALIGRAFIA

#### Práticas:

- 1 — Interessar a criança nos resultados caligráficos a serem obtidos.
- 2 — Organizar gráficos individuais e coletivos (pela média) de conclusão da velocidade e regularidade da escrita.
- 3 — Utilizar todo o trabalho escrito da criança como oportunidade para exercício caligráfico, e, em particular, aquêles que, tendo um caráter de maior importância, deve ser conservado.
- 4 — Fazer o diagnóstico dos defeitos caligráficos da criança, alertá-la a respeito e interessá-la nos exercícios específicos indicados para o caso.

#### Bibliografia para o professor:

A que foi indicada no programa do 2.º ano.

### 4.º ANO

### COMPOSIÇÃO

#### Práticas:

Considerando-se que a criança do 4.º ano já dominou as técnicas da leitura e escrita, tendo formado hábitos de leitura recreativa e variada, e adquirido o conhecimento de certas noções gramaticais, pode-se agora exigir dela um maior desenvolvimento nas composições.

Todo o esforço do mestre deve ser orientado no sentido de levar o aluno a usar linguagem precisa, correta, apresentando relativa riqueza de idéias.

O professor deve zelar para que a criança faça suas composições, em situação tão real quanto possível, predispondo-a sempre ao trabalho, afim de que ela sinta o que vai compôr.

Além das atividades de composição apresentadas nas séries anteriores, sugerimos as seguintes:

- a) — ordenar sentenças em série lógica, formando histórias ou descrições;
- b) — pontuar uma história;
- c) — fazer biografias de vultos brasileiros;
- d) — transformar em prosa uma poesia;
- e) — narrar fatos presenciados ou ouvidos;
- f) — escrever sobre um fato histórico;
- g) — fazer resumo de histórias e de trechos relacionados a qualquer matéria;
- h) — fazer breves relatórios de excursões, visitas, etc.;
- i) — colaborar no jornal da escola, ou de classe, em trabalhos mais difíceis, como artigos de fundo, entrevistas, etc.;
- j) — elaborar pequenos discursos para serem lidos em festividades;
- k) — organizar programas para festinhas e estatutos para clubes, etc.;
- l) — redigir cartas de parabéns, pêsames, intercâmbio com outras cidades e Estados, convites, avisos, telegramas e anúncios, motivados pelas atividades da classe;
- m) — composição sobre gravuras.

\*\*\*

Damos, em seguida, algumas sugestões da processuação de Münch, aconselhando o professor a ler a parte correspondente ao programa, para os outros anos:

- a) — continuação dos exercícios dentro da orientação dada ao 3.º ano, aperfeiçoando-os como se indica nas letras seguintes; o que se tem vista é levar os alunos a um sentido de crítica severa a da frase alcançada, dando-lhe um desejo de perfeição, levando-o a ser severo para consigo mesmo, uma vez que o estilo é uma auto-educação;
- b) — com o objetivo de obter que os temas sejam tratados de maneira animada e capaz de mover a emoção de quem ouve ou lê, tomar uma das narrativas de um dos alunos repórteres e crítica-la: "Você revelou a história inteira muito cedo! Não seria possível excitar um pouco mais, a nossa curiosidade, retardando o desfêcho? Vamos ver!" Levou o grupo a procurar realizá-lo. Eis um exemplo, para excitar, obtido numa aula desse tipo: tendo um cavalo foi apanhado por um bonde. Muitas pessoas ...", — após a crítica, conseguiu-se atingir a seguinte forma: "Hoje vimos uma coisa muito interessante. Adivinha o que se passou na rua ...! Um cavalo foi apanhado por um bonde. Muitas pessoas...". Reiterada a crítica, alcançou-se a nova forma: "Hoje, vimos uma coisa bem interessante. Na rua havia uma grande aglomeração. Corremos! Havia alguns agentes de polícia. As pessoas estavam a beira de um mar de sangue e falavam entre si: Tinham chegado bombeiros.

O que havia se passado? Um cavalo ..."

- c) — dizer aos alunos: "Vocês sabem tanto quanto eu que as frases que vocês nos trazem não são todas igualmente boas. Ponham, então, um asterisco diante daquela que lhes pareça que mais nos deve agradar. E' essa frase que vocês nos lerão em último lugar. E quando passarem o trabalho a limpo coloquem-na por último. Tudo é bom quando termina bem";

d) — tomar frases cuja construção é defeituosa, como "Segunda feira, na inspeção da manteiga, encontrou-se três negociantes que não tinham o peso estabelecido", e fazer sensível aos alunos a sua imperfeição, levando-os a descobri-la; multiplicar os exercícios, despertando na criança a consciência de que há redações que apenas são equivocadas, levando-a a procurar, sempre, a clareza e precisão;

e) — fazer exercícios especiais para eliminar todo o desnecessário, tudo que é palavreado inútil; para isso, tomar trechos que padeçam desse vício de excesso, levar as crianças a crítica-lo, eliminando o supérfluo; mas, aqui, mostrar, igualmente, que é preciso não sacrificar pela concisão, verdadeiros valores da frase: "Vi claramente visto o lume ardente"; e mostrar, então, que não há regras, e só o gosto decide, sendo, então, necessário apenas o gosto;

f) — tomar frases obscuras, algumas até o ponto de se terem tornado quebra-cabeças, como: "O recenseamento dos porcos do município para a contribuição destinada a cobrir as despesas com os porcos atingidos de peste suína, abatidos em virtude da lei sobre as epizootias ...", — e clarear-lhes



o sentido; paralelamente, fazer exercícios para levar o aluno a conduzir tranquilamente um pensamento a seu termo, ante de iniciar a expressão de outro; g) — levar o aluno, pela crítica de frases defeituosas, a compreender o vício das frases em que abundam as palavras a terminar em ar, ão, etc.;

h) — prescrever: "Esta semana, cada redação deve ter uma frase exclamativa. Na semana próxima, uma interrogação. Depois, uma exclamação e uma interrogação";

e, por modos assim, levar a criança à consciência de que:

- 1 — a redação deve ser escrita sob o impulso de forças interiores;
- 2 — deve ser palpitante de interesse;
- 3 — animada e viva;
- 4 — verdadeira;
- 5 — clara;
- 6 — concisa;
- 7 — limpa;
- 8 — conforme o gênio da língua;
- 9 — agradável;
- 10 — bela.

Procurar atingir cada um dos referidos objetivos por sua vez, demorando-se na formação da consciência de cada um.

Completar a atividade, obedecendo ao seguinte:

a) — pela leitura e audição de obras primas da prosa as crianças devem ser habituadas ao respeito pela língua materna; uma certa solenidade deve reinar quando a língua materna se faz ouvir em sua forma clássica; mas isso não quer dizer que as crianças devam escutar em silêncio; precisa o professor escolher trechos capazes de mover o interesse infantil; convém voltar, periodicamente, aos mesmos trechos, — relendo-os, — que hajam mais impressão, etc.; realizar tais leituras e audições com abundância;

b) — ensinar as crianças a procurar a expressão mais precisa; por exemplo: os novos reporteres vêm passar, diante da porta da escola, meninos, meninas, velhos, mulheres, etc., e, sempre, usam a mesma expressão: "passou um homem, passou... passou..."; levar a procurar a maneira mais precisa de descrever a maneira particular de passar de cada um: "O varredor arrasta a perna"; "a moça passa se empavonando"; outros apressam o passo, passeiam, dois garotos chispam...; e, desse modo, cada dia procurar ocasião para exercícios semelhantes, levando a criança, não só a encontrar a palavra precisa, mas também, conforme o caso, a expressão, a locução precisa, alcançando, assim, o imprescindível enriquecimento da linguagem, através de um verdadeiro enriquecimento das forças espirituais;

c) — denunciar as crianças, os clichês, os lugares comuns, mostrando-os em exemplos abundantes, a partir das expressões correntes de polidez, tantas vezes ridículas; dar, à criança, consciência desse ridículo: "Escrevo-te estas mal traçadas linhas...";

d) — levar as crianças à compreensão do valor do dicionário analógico, levando-as a pesquisas pessoais sobre famílias de palavras;

e) — do mesmo modo, levar a criança a descobrir ou mostrar-lhe singularidades e riquezas do vocabulário e das expressões da língua;

Etc.

**Ortografia e caligrafia.**

Tôdas as sugestões e observações indicadas para o 3.º ano, aplicam-se integralmente no 4.º.

## DESENHO

**Objetivos gerais:**

- 1 — Exercício das forças de criação do espírito infantil.
- 2 — Desenvolvimento sensorial e motor e desenvolvimento do sentido de observação.
- 3 — Iniciação ao conhecimento dos elementos técnicos do desenho e da pintura: perspectivas, valores, etc.
- 4 — Desenvolvimento da sensibilidade estética.
- 5 — Desenvolvimento da capacidade de usar o desenho como um instrumento para a vida prática.

### 1.º ANO

**Práticas:**

- 1 — Desenho espontâneo. Deve o professor estimular inteligentemente a

inspiração na criança, de modo a que se possa esperar daí um efetivo progresso na capacidade de expressão do aluno

2 — Desenho de memória baseado na percepção imediata. Por exemplo. depois de uma visita, de uma excursão, de uma festa, da observação de um animal, etc., expressão pelo desenho.

3 — Desenho de memória. Exemplo: processos da natureza: nuvem clara, nuvem de tormenta, de chuva; a chuva, etc.

4 — Desenho métrico e rítmico. Ritmo da forma. Exemplo: repetição de temas simples: gotas de chuva que caem paralelamente, campos de milho, de trigo, bandos de aves, etc. Ritmo da cor. Exemplo: jogos pirotécnicos, sucessão de raios e espirais, etc.

5 — Com as formas do jôgo de superfícies do material Discat (coleção de formas geométricas planas, que se derivam tôdas de um quadrado original) compôr figuras decorativas ou representativas de objetos e cousas conhecidos das crianças. Depois, passando o lápis de cor em tórno de cada uma das formas componentes da figura composta, reproduzi-la pelo desenho. Colorir cada parte do desenho. No colorir, deve o professor levar a criança, aos poucos, a disciplinar o seu traçado, dando-lhe direção primeiro, forçando-a a levantar a ponta do lápis a cada novo traço depois, etc. Nesta série de exercícios, estimular a criação. Esta série deve merecer atenção especial do professor: aqui principia, de fato, o ensino ordenado e sistemático da técnica do desenho.

6 — Primeiros passos de pintura, com tintas de parede dissolvidas em água com um pouco de cola. A pintura far-se-á sobre folhas de papelão, como fundos de caixas de sapatos, etc.

7 — Noção de medida. Proporções. Alto e baixo. Grosso e fino, etc. Desenho expressionista. Exemplo: história de um gigante e de um anão. Proporção de móveis. Proporção de figuras, etc.

8 — Manuseio de albums ou livros com reproduções de pinturas célebres, como si simplesmente fossem albums de figuras.

9 — Tentativas de decoração das capas de cadernos.

**Ambiente de classe:**

Se houver possibilidade, não devem ser dispensadas as cadeirinhas e cavaletes de campo para o trabalho ao ar livre.

Banco alto ou mesa ao fundo, para colocação de tintas, pincéis, etc. Armários pequenos para motivos (constantemente renovados) e trabalhos não expostos no momento.

**Bibliografia para o professor:**

- O desenho racional na escola. — Ferdinand Lienaux
- Pedagogia científica. — M. Montessori
- Reflexões sobre o ensino do dezenho. — Revista de Pedagogia Setembro de 1939. — Tucuman — Argentina.
- El Tesoro del Maestro — 5.º volume.

### 2.º ANO

**Práticas:**

- 1 — Variação de motivos, sobre tôdas as sugestões para o 1.º ano.
- 2 — Desenho de imaginação. — Olhar as cousas quietas e dar-lhes movimento. Exemplo; pássaros, bandeiras, árvores, etc. Profissões e seus movimentos. Exemplo: a lavadeira, o soldado, etc. parados e em diversas de suas atividades.
- 3 — Interpretação dramatizada pelas crianças e vívida de reproduções de obras célebres da pintura mundial. Deve-se procurar que as reproduções sejam sempre tão perfeitas quanto possível.
- 4 — Manuseio do albums ou livros com reproduções de pintura mundial, como si simplesmente foram albums de figuras.
- 5 — Visitas a exposições de pintura e a ateliers de artistas.

**Bibliografia para o professor:**

A mesma recomendada para o 1.º ano

### 3.º ANO

**Práticas:**

- 1 — Deesnho espontâneo. Correção e estímulo dados aos alunos individual e coletivamente

- 2 — Desenho relacionado com os trabalhos manuais. Desenho de vinhetas e adaptação a cadernos, etc.
- 3 — Caligrafia. Desenho artístico de alfabetos. Uso de penas apropriadas. Observação atenta de reproduções de páginas caligráficas de valor artístico, aplicadas ou não a textos, anúncios, à arquitetura, a capas de livros, etc.
- 4 — Atividades dos tipos 2, 3, 6, 10 e 11 do programa do 1.º e 2.º anos.
- 5 — Desenho de fantasia. Contos fanáticos. Cenas campestres. Lendas.

6 — Exercícios para compreensão de que as formas tão várias da natureza são redutíveis a formas geométricas, primeiro planas e depois sólidas, isto é, ampliação do ponto 5 do programa do 1.º e 2.º anos.

7 — Em seguida a isso, e até paralelamente, representação de objetos de formas simples por meio de manchas, isto é, silhuetas cheias.

“Após a observação do modelo, colocado a curta distância e de preferência contra a luz, o aluno toma posição, como o pincel carregado de tinta, para fazer u'a mancha de um contorno qualquer sobre o papel. Esta primeira mancha é estendida no sentido mais conveniente, de modo que se torne semelhante a silhueta do modelo. É conveniente principiar pela forma principal para a eia ajuntar em seguida os diversos anexos”.

8 — Silhuetas rendadas ou abertas. “Trata-se de reservar alguns claros no interior da silhueta, para indicar partes diferentes, acidentes de relevo ou reflexos”.

9 — O ensino da perspectiva será iniciado como uma correção dos desenhos da primeira parte, não sistemática, deste programa. Cabe completá-lo com lições especiais posteriores, sobre a perspectiva do círculo e, também, mesmo, agora mais ordenadamente, a perspectiva das retas, dada de modo prático, segundo, por exemplo, a processuação de Ferrelet.

#### 4.º ANO

##### Práticas:

Além de todas as atividades do 3.º ano, recomendamos os temas seguintes:

- 1 — As cores. A formação das cores. Idéia de valor.
- 2 — A significação afetiva das cores.
- 3 — Desenho de objetos isolados.
  - a) — Redução às formas geométricas;
  - b) — representação de objetos de uma só cor, em dois, três, quatro e cinco tons. Como indicação geral, a título de exemplo, tomemos o caso de cinco tons: “um tom para o fundo, um para a sombra feita pelo modelo, um para a parte iluminada, um para a sombra própria do modelo, e um branco para reflexo ou ponto brilhante”.
- 4 — Atitudes.
- 5 — Perspectiva aérea. Deformação das cores e dos contornos à distância.
- 6 — Repetição dos títulos 2, 3, 6, 8, 10 e 11 do programa do 1.º e 2.º anos, granduadas as dificuldades.
- 7 — Desenho livre do natural.
- 8 — A paisagem.

##### Observações especiais:

Desde o 3.º ano, deve o professor dar uma particular, se bem que discreta atenção aos alunos que revelarem sinais manifestos de aptidão artística. Estimule-os, oriente-os, dê-lhes enfim aquilo que sua natureza exige mais interessantemente que a dos outros alunos.

### TRABALHOS MANUAIS

##### Objetivos gerais:

- 1 — Exercício e estímulo à capacidade de criação do espírito infantil.
- 2 — Desenvolvimento neurológico e muscular da criança.
- 3 — Desenvolvimento da iniciativa, de hábitos de ordem, de cooperação e do desejo de perfeição.
- 4 — Capacidade para atividades manuais úteis na vida diária.

##### Práticas:

#### 1.º ANO

- 1 — Modelagem.
  - a) — Modelagem espontânea. Deve o professor estimular inteligentemente a observação e a inspiração da criança, de modo a que se possa esperar daí um efetivo progresso na capacidade de expressão da criança. Por exemplo.
    - I — Enquanto a criança está modelando livremente, vá também o pro-

fessor fazendo u'a modelagem simples, de fatura acessível à criança, ao mesmo tempo em que conversa sobre o seu trabalho;

II — Faça o professor comentários sobre o trabalho dos alunos, chamando a atenção para erros, detalhes esquecidos ou coisa semelhante, ou sugerindo que se acrescentem novas particularidades, etc.;

III — Sugira temas novos aos alunos;

IV — Proponha a realização de um projeto aos alunos: Uma casa, por exemplo, com as suas cercas, o muro de frente, as árvores do quintal, o galinheiro, o cachorro, etc.;

V — Inicie um trabalho e peça colaboração das crianças, etc.

2 — Os trabalhos indicados nas outras matérias, particularmente jardinagem e horticultura.

Os trabalhos de jardinagem e horticultura e cuidado dos animais, bem como outros da mesma natureza, serão realizados dividindo-se a classe em tantas turmas quantas forem as modalidades de trabalho a realizar, atribuindo-se a cada turma uma tarefa e responsabilidade determinada. Far-se-á a rotação das funções atribuídas às turmas, desde que não haja contra-indicação dos fatos. No programa de linguagem oral já ficou dito que a distribuição de trabalhos, a constituição das turmas, a organização enfim, do trabalho coletivo, deve ser realizada ao modo de palestra com os alunos, — na hora de linguagem, por conseguinte.

3 — Recorte, estimulando-se o trabalho de criação da criança.

##### Ambiente de classe:

1 — Ideal será a existência, para a escola toda de um sala especial para trabalhos manuais, com uma secção destinada à modelagem. Poderá organizar-se numa sala só, o que se chamará o Centro de Artes plásticas, adequada para o desenho (veja-se o ambiente para o ensino do desenho, no programa respectivo) e para a modelagem. E, no que à modelagem se refere:

- a) — mesa grande para modelagem. Si não houver uma própria, poderá servir a mesa grande de desenho, ou, si o trabalho tiver de se realizar na classe, a carteira do aluno, forrada com folhas duplas de jornal;
- b) — barro para modelagem, que será conservado úmido envolvido em panos de juta (saco de anagem), permanentemente molhados;
- c) — exposição, periodicamente renovada, de trabalhos mais interessantes dos alunos;
- d) — arquivos dos trabalhos mais interessantes dos alunos, em estantes ou armários.

2 — Destina-se, no pátio, área para horticultura, jardinagem e criação de animais de fácil adaptação dentro do ambiente escolar. Em lugar próprio, — material de jardinagem para as crianças e o necessário para a manutenção dos animais. Veja-se, no programa de matemática, com dai pode e deve decorrer uma abundante atividade matemática.

##### Recomendações especiais:

Considere o professor, que na escola elementar, o trabalho manual é um fator de formação, de portanto mais valor as reações que ele determina e educando de que ao resultado material em si mesmo.

Como no desenho, permita e incentive a livre elaboração. Considere-o ainda, técnica de expressão.

Motive-o sempre, e use-o como motivação.

##### Bibliografia para o professor:

- Métodos Americanos de educação. — O. Euyse.
- El Tesouro del Maestro. — 5.º volume.
- Pedagogia científica. M. Motessori.

#### 2.º ANO

##### Práticas:

- 1 — Todas as do programa do 1.º ano.
- 2 — Aplicação da imaginação nos trabalhos de modelagem, tomando como fontes de inspiração:
  - a) — fábulas;
  - a) — poesias;
  - c) — histórias.

3 — Colaboração com as classes mais adiantadas, reservando-se para o 2.º ano as partes mais fáceis do trabalho de projetos que ultrapassem os limites de uma classe, por exemplo, uma festa, uma representação, comum, etc.

4 — Trabalhos ligeiros de recorte e colagem.

5 — Trabalhos de costura relacionados com atividade de real interesse, por exemplo, o enxoval da casa da boneca, etc.

**Ambiente de classe:**

O mesmo recomendado para a série anterior

**Observações especiais:**

Além das feitas no 1.º ano, é interessante observar, registrar, e procurar resolver os casos de crianças que revelam desinteresse, que tendem a não persistir no trabalho iniciado, ou que não revelam sentido de cooperação, etc.

**Bibliografia para o professor:**

A mesma do 1.º ano.

**3.º ANO**

**Práticas:**

1 — Os trabalhos indicados nos programas das diversas matérias.

2 — As formas de arte popular brasileira.

3 — Sloyd. Diversas formas de sloyd. Para as meninas, particularmente, arte decorativa do lar.

**Ambiente de classe:**

Como em relação aos 1.º e 2.º anos, a situação ideal seria a existência de uma sala especial, onde se dispusesse de mesas, armários e bancos adaptados ao gênero de trabalho previsto pelo programa. Na impossibilidade desta situação, a própria sala de desenho ou ainda a própria sala de classe, disposta de uma estante ou armário para a colocação do material, solucionarão o problema.

**Observações especiais:**

Em relação ao sloyd, é necessário ter em vista sempre:

1 — Os trabalhos manuais na escola primárias são elemento de formação geral e não de formação técnica.

2 — Os temas de trabalho, exigindo progressivamente novas habilidades, devem ser objetos úteis para a criança e por elas desejados.

3 — As medidas far-se-ão, ora com instrumentos simples de medida (régua, compasso e esquadro apenas), ora a olho nu.

4 — Em princípio, quanto mais rudimentares forem os instrumentos de trabalho, mais educativa resulta a atividade. Por isso, exclue-se o uso de máquinas, etc., recomendando-se, apenas, o uso de uma faca ou canivete, serra, lixa e outros semelhantes.

5 — Como o que se visa é a formação geral e não técnica, desde que a criança chegou a vencer uma dificuldade, o exercício perdeu grande parte de sua significação educativa e deve dar lugar a novo exercício, que suponha nova e maior dificuldade.

6 — Deve merecer atenção especial a aquisição de hábitos de trabalho econômico, de trabalho azeitado e em ordem, e de acabamento perfeito.

7 — No curso do trabalho realizado pela criança, deve o professor palestrar com os seus alunos sobre o material utilizado, as novas formas geométricas, a procedência do material, etc., dentro de uma idéia de globalização das matérias de ensino.

**Bibliografia para o professor:**

A mesma recomendada às séries anteriores.

**4.º ANO**

**Práticas:**

1 — Todas as sugestões feitas para orientação da aprendizagem no 3.º ano.

2 — Técnicas simples de impressão.

a) — em cartolina;

b) — em batatas;

c) — em carretéis, lápis, rólhas, etc.;

d) — em linóleo.

**Ambiente de classe:**

O mesmo recomendado ao 3.º ano

**Observações especiais:**

Todas as observações feitas em relação às séries anteriores cabem aqui também.

**Bibliografia para o professor:**

A mesma recomendada para as séries anteriores.

**CANTO ORFEÔNICO**

**Objetivos gerais:**

Despertar nas crianças interesse tão vivo pela música, que esta se torne parte integrante da sua vida como meio de expressão.

Contribuir para a educação das crianças, desenvolvendo-lhe a sensibilidade musical num sentido estético, disciplinar, cívico e socializador, pela prática frequente do canto e das atividades de apreciação musical.

Levar ao conhecimento da criança um repertório de boas e selecionadas cantigas e canções de todos os gêneros, principalmente das que constituem o patrimônio folclórico brasileiro.

Implantar, nos alunos, o sadio hábito de cantar em conjunto sempre que se ofereça oportunidade, levando-os a compreender o valor do trabalho em conjunto, através das execuções orfeônicas.

Onde houver professor especializado:

— Dar aos alunos noções da técnica de leitura e escritas musicais.

**1.º ANO**

**Práticas:**

Constituem as aulas de canto orfeônico um dos aspectos da educação geral da criança, devendo integrar-se no conjunto de atividades da escola. Assim torna-se necessário associá-las ao desenho, aos brinquedos e jogos, às historietas, dramatizações e ballados, à linguagem, à caligrafia, à matemática, aos trabalhos manuais, etc., ora como continuação de trabalho anterior, ora como fonte de novas realizações. É portanto de toda conveniência que essas aulas sejam frequentes, para que, embora curtas, possam deixar uma impressão nos trabalhos de todo dia.

O canto orfeônico compreende uma série de atividades especificamente musicais, que, por razões de ordem didática, podem ser discriminadas em 3 partes: prática orfeônica, apreciação musical e introdução à teoria musical.

A — Inclui a prática orfeônica as seguintes atividades, que se desdobram em muitas outras: estudo de canções, treino rítmico, exercícios de respiração e emissão de voz, treino de obediência à regência.

**Estudo de Canções** — Esta atividade poderá ser desenvolvida através da execução de canções preferidas, do estudo de canções novas, de acordo com as oportunidades da classe ou no recreio, pelo brinquedo de roda e outras atividades de livre expansão da criança.

A primeira aula de canto orfeônico deve proporcionar à criança impressões tão vivas, que sejam sempre recordadas com prazer. E às aulas subsequentes compete não só conservar o interesse inicialmente despertado, mas desenvolvê-lo cada vez mais. Para alcançar este objetivo é indispensável escolher material adequado. Um repertório de canções de boa fonte será um segundo idioma que a criança levará pela vida afóra.

É preciso, pois, que o sentido da letra, o vocabulário empregado, a extensão da melodia e a natureza dos intervalos e ritmos utilizados sejam acessíveis aos pequeninos cantores, devendo evitar-se as canções vulgares.

Convém seja cuidadosamente observada a coincidência das tónicas, literária e musical, afim de evitar erros de acentuação que prejudiquem a beleza de peça e dificultem a compreensão da letra cantada podendo transferir-se à linguagem oral.

Para que a melodia não ultrapasse o alcance das vozes infantis no 1.º ano, é necessário que se conserve no seguinte âmbito: do si do 2.º espaço

suplementar inferior, na clave de sol, ao ré da 4.ª linha, na mesma clave. Canções escritas em registro muito agudo ou muito grave poderão ser aproveitadas, desde que sejam transportadas para uma tonalidade que se enquadre na extensão das vozes infantis.

De diversas formas poderá ser apresentada a canção nova: na oportunidade oferecida pelo aniversário de um colega, pelo batizado de uma boneca, pela comemoração do término de um trabalho feito pela turma, pelos preparativos para uma excursão, por um concerto ou audição a que os alunos tenham assistido, pelo preparo de uma dramatização, etc.

Por outro lado, o gosto natural infantil, de cantar pelo próprio prazer que essa atividade proporciona, levará o professor a apresentar a canção em situações de puro recreio ou em momentos de descanso. Nesse caso, poderá ser contada uma história ou utilizadas gravuras coloridas que ilustrem o assunto da canção.

Além do estudo de canções novas, fará o professor a revisão e seleção das canções que a criança haja trazido de casa e que deseje continuar a cantar.

Conversas e comentários deverão preceder o canto, visando levar a criança à compreensão do pensamento expresso na letra e na música, e à participação interessada na aprendizagem da canção.

O estudo de canções se fará por audição. O professor deverá ter cuidado no entanto, de não transformar esse ensino em trabalho mecanizado. Procurando fazer da repetição uma atividade interessada, levará os alunos a sentirem a necessidade dessa repetição e a desejarem uma execução cada vez mais perfeita.

Inicialmente, convém que a canção seja entoada, integralmente, pelo professor, afim de que os alunos tenham uma idéia global da mesma e possam repeti-la depois, com o auxílio do professor, que indicará o movimento melódico, por meio de gestos ascendentes ou descendentes.

Os alunos poderão cantar em uníssono, em canon ou na forma dialogada. Um exemplo do canon muito fácil e atraente é o Hino ao Sol de Lucília Guimarães Vila-Lobos. Como cação dialogada temos o Anel, brinquedo de roda, num arranjo de Villa-Lobos.

Outras canções poderão ser ensinadas às crianças, como por exemplo, as seguintes que se encontram na coleção "Guita Prático" de H. Vila-Lobos:

- Cai, Cai, balão (1 vez) — popular
- O cravo brigou com a rosa (1 voz) — popular
- Capelinha de melão (1 voz) — popular
- Carneirinho de algodão (1 voz) — popular
- Bão-ba-la-lão
- Vamos, maninha vamos
- Ciranda, cirandinha (1 voz) — popular
- Terezinha de Jesus (1 voz) — popular
- O pastorzinho
- A canoa virou (1 voz) — popular
- Vamos, companheiros (1 voz) — popular
- Carneirinho, carneirão.

Além destas há também:

- Repiu-piu-piu — arr. de H. Vila-Lobos
- Relóginho, relóginho — no tom de si bemol., Francisco Braga — Leonor Posada

E ainda a Coletânea:

"Canções de quando eu era pequenina", de Celso de Barros Barreto

É indispensável, no estudo de canções, a afinação orfeônica, recurso necessário à perfeita concordância das vozes, no início da execução. No 1.º ano o professor, com o auxílio do diapasão, poderá realizar a afinação em uníssono, a boca fechada, na tónica da escala em que esteja escrita a música e, algumas vezes, na nota inicial da melodia, cuidando que isso se faça com muita suavidade.

É de toda a importância que o professor, desde a primeira aula, consiga que as crianças cantem sem gritar, mantenham com naturalidade uma posição adequada ao canto, respirem naturalmente, se habituem a pronunciar corretamente as palavras e as entoar com justeza, ritmo certo e expressão.

Não deve ser desprezada a contribuição das crianças quando apresentem melodia de sua invenção ou versinhos para serem musicados. O professor deverá, mesmo, estimular essas atividades inventivas, que o levarão, não raro, a descobrir verdadeiras vocações.

É também de bom aviso que o professor tenha cautela com os alunos incapazes de entoar corretamente, pois a desafinação é contagiosa. Nêsse

caso, é recomendável que o professor lance mão de experientes adequados à situação como, por exemplo, dar ao aluno desentoadado a incumbência da execução rítmica da peça, com auxílio de um instrumento de percussão, o que satisfaz o amor próprio do aluno e lhe permite receber a influência benéfica de uma execução afinada, sem prejudicar a classe.

**Treino rítmico** — As atividades ritmadas concorrem para maior homogeneidade do conjunto orfeônico e determinam mais completa fusão das vozes, precisão no ritmo, nas entradas, no corte final, etc.

O treino rítmico poderá ser feito:

- a) — por meio de palmas: enquanto um grupo de alunos canta, outro acompanha o movimento rítmico da canção batendo palmas;
- b) — por movimentos do corpo: o ritmo da canção; interpretado com gestos, passos ou outros movimentos;
- c) — mediante emprêgo de instrumentos de percussão: tambor, pandeiro, castanholas, xilofones, que podem, até, ser construídos pelos próprios alunos;
- d) — mediante a declamação rítmica das canções.

E a declamação rítmica uma atividade que visa fixar a pronúncia correta das palavras no canto. Consiste em dizer essas palavras sem entoação musical, apolando-as no compasso e no ritmo da música, e observando as acentuações mais e menos fortes, as elisões etc. o professor empregará a declamação rítmica em canções novas e, principalmente, em canções viciadas. Não se esquecerá, no entanto, de que a ignorância do significado de cada palavra do texto poderá acarretar vícios de pronúncia e que, nesse caso, a simples declamação rítmica de nada valerá.

Para conseguir efeitos variados, poderá o professor utilizar no treino rítmico os chamados efeitos orfeônicos, que tanto agradam às crianças, como sejam os sons onomatopaicos, que imitam: o efeito do marulhar das vagas; as batidas do milho; o bater de sinos; o dedilhar do violão; o murmúrio do vento.

O treino rítmico constitui atividade das mais interessantes, sobretudo nos primeiros anos do curso primário, podendo ser facilmente associado a educação física. Seu valor, na prática orfeônica, como já vimos, pode ser ainda computado pelo que consegue, relativamente aos alunos desentoados.

**Exercícios de respiração e emissão de voz** — A boa emissão de voz é consequência da boa respiração. É necessário, pois, que o professor realize com os alunos, exercícios de respiração, muito simples e de curtas duração, como atividade preparatória ao canto. Por exemplo:

- a) — levar a criança a respirar plenamente e sem esforço;
- b) — praticar a respiração com relaxação muscular na expiração;
- c) — praticar a respiração com vogal muda e entoada, levando os alunos, de acordo com as suas possibilidades fisiológicas, a:
  - 1 — entoar com suavidade sem abrir demasiadamente as vogais;
  - 2 — conservar atitude correta do corpo, sem a qual não poderá haver nem boa respiração, nem som bem emitido.

**Treino de obediência à regência** — O treino de obediência à regência é necessário desde o 1.º ano, devendo o professor, logo na primeira aula, levar a classe a compreender a necessidade de atender aos sinais de início e término da execução, bem como à gradação "forte" e "fraco".

B — Levar a criança a apreciar música, será, antes de tudo, fazê-la ouvir com interesse. No início, sua apreciação se restringirá a gostar ou não gostar, a preferir esta ou aquela composição, a reconhecer certos trechos familiares. A orientação do professor irá transformando, aos poucos essas primeiras apreciações em verdadeiro julgamento de valor, baseado no conhecimento mais íntimo que os alunos vão tendo da música.

Nos primeiros anos do curso primário, a apreciação musical limitar-se-á a audições frequentes e de curta duração, de músicas que, não sendo vulgares, pela melodia e pelo ritmo, possam interessar realmente às crianças.

As peças destinadas à apreciação musical devem apresentar caráter definido (marcha, cantiga de roda, hino, etc.), e ser bem executadas (com correção, expressão e justeza, para não habituar mal o ouvido da criança; e com letra compreensível, no caso de serem cantadas).

As aulas poderão constar de programas de discos selecionados, programas radiofônicos adequados e execuções musicais realizadas na escola.

**Programa de discos selecionados** — Quando o aparelhamento da escola e permitir, devem ser utilizados, já no 1.º ano, discos selecionados de acordo com o desenvolvimento mental e interesses dos alunos.

É aconselhável estimular a criança no sentido de uma audição aten-

ta, levando-a a reconhecer as músicas anteriormente ouvidas e a descobri-las, por si, certas características. Isto se consegue preparando o ambiente antes de fazer ouvir as duas ou três pequenas músicas escolhidas para o programa do dia. Pode o professor fazer uma curta apresentação em linguagem fácil e atraente ou valer-se de gravuras sugestivas que, por si mesmas, induzam a criança ao caminho apreciativo acertado.

Valem estas aulas de apreciação musical, principalmente, pelo hábito que implantam de ouvir atentamente a música e senti-la, compreendendo-a.

**Programas radiofônicos adequados** — Desde que as condições da escola o permitam, será interessante que se promovam audições radiofônicas, atividade que exigirá muito cuidado, desde a escolha do programa até a sintonização do aparelho, devendo ser seguida a mesma orientação sugerida para os programas de discos selecionados.

**Execuções musicais realizadas na escola** — É frequente encontrar-se na escola, tanto entre professores como entre os próprios alunos, quem toque um instrumento qualquer (piano, violino, violão flauta, etc.) ou cante. São ótimas as oportunidades educativas que se oferecem com o aproveitamento desses elementos para audições escolares. As crianças terão ensaio de conhecer, de perto, um instrumento musical, sendo o seu gosto estimulado pelas audições apresentadas. Também, as próprias execuções orfeônicas realizadas pelas classes mais adiantadas poderão constituir objeto de apreciação musical.

**C** — A introdução à teoria musical (onde houver professor especializado) é preconizada do 2.º ano em diante, mas nada impede que o professor a ministre desde o 1.º ano, uma vez que assim julgue oportuno. Convém lembrar, entretanto, que essa iniciação deve partir sempre do aprendizado prático dos intervalos e do ritmo.

**2.º ANO**

**Práticas:**

**A** — A prática orfeônica, no 2.º ano, abrangerá atividades muito semelhantes às do 1.º, embora se apresentem um pouco mais desenvolvidas: estudo de canções e hino, treino rítmico, exercícios de emissão de voz, treino de obediência à regência.

**Estudo de canções** — Esta parte do programa poderá incluir não só o estudo de canções novas e hinos, como também o aperfeiçoamento das canções aprendidas no 1.º ano e ainda a execução dos hinos e o das canções preferidas.

A aprendizagem das canções deverá ainda ser feita por audição, tendo o professor, inicialmente, o cuidado de apresentar a canção de modo atraente afim de que as crianças queiram aprendê-la. Para tornar compreensível aos alunos, o pensamento expresso na canção, deverá explicar-lhes o significado dos termos desconhecidos. Com os alunos já sabem ler e escrever, poderão copiar a letra escrita no quadro negro ou ler em exemplares, impressos ou mimeografados, distribuídos pelo professor, tomando-se, deste modo, mais fácil, não só a compreensão da letra, como a própria aprendizagem da canção.

É aconselhável o canto a uma voz, em canon ou na forma dialogada, podendo constar porém, do repertório do 2.º ano, as canções a duas vozes, desde que sejam de pequena extensão e apresentem em harmonização simples, de preferência sentido melódico em ambas as vozes. Tratando-se de canto a duas vozes, será interessante que todos os alunos possam cantar tanto a primeira quanto a segunda voz.

O canto a mais de uma voz obrigará o professor a classificar as vozes dos alunos, separando-as inicialmente em dois grupos: o de vozes agudas e o de vozes graves, de meninos e meninas. Quanto menos formal puder ser essa classificação, melhor. Nem mesmo será necessário que ela se processe logo na 1.ª aula, podendo o professor, durante as primeiras execuções orfeônicas, verificar quais os alunos que entoam facilmente os sons mais agudos e quais os que revelam tendência para as notas graves.

Há a considerar alguns casos particulares, como por exemplo; a existência na classe, de alunos de idade mais avançada (repetentes que já deveriam estar no 4.º ano, podem ser encontrados alunos na fase de mudança de voz. Tais alunos, bem como os desentoados, devem receber tratamento adequado ou fazendo-os cantar baixinho entre os demais, ou atribuindo-lhes outra atividade compatível com a aula de canto, como seja a de marcar o ritmo da canção entoada, ou apenas os tempos fortes.

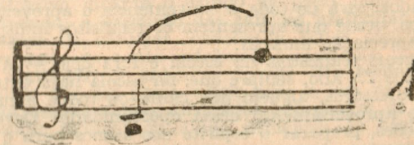
Deverá o professor, no 2.º ano, realizar a afinação orfeônica, como foi

indicada para o 1.º ano, em uníssono, podendo, entretanto, caso as condições da classe o permitam fazê-lo com notas arpejadas em intervalo de 3.ª., a boca fechada e muito suavemente.

No decorrer das aulas, todas as oportunidades deverão ser aproveitadas pelo professor para corrigir a dicção e melhorar a interpretação normal levando os alunos a cantar afinadamente, com compreensão, suavidade e ritmo certo, sem apressar nem retardar o andamento obtendo uma constante e ativa participação da classe no trabalho.

Como já foi sugerido no 1.º ano, o professor examinará cuidadosamente o repertório a ser adotado, o qual deverá apresentar os seguintes requisitos:

extensão apropriada às vozes das crianças;



letra expressa em linguagem adequada; coincidência das tônicas; literária e musical; melodia atraente, apresentando intervalos fáceis de entoar; ritmo e tonalidade bem definidos; valor artístico.

O assunto da canção poderá ser relacionado com outras atividades da classe, como: confecção de albuns ilustrados, feitura de frisos para ornamentação, realização de pequenas dramatizações cantadas e historietas, execução de desenhos e de trabalhos de linguagem, pequenas composições, etc.

Além das canções sugeridas para o 1.º ano, ainda aconselhamos para esta classe as cantigas da Coletânea "O Brasil cantando" de Frei Pedro Sinzig e de "Cantigas de quando eu era pequenina" de Ceição de Barros Barreto.

Sempre que possível, deverá o professor estimular nos alunos o gosto pela criação de pequenas melodias, seja adaptando-as a quadrinhas já conhecidas ou a versinhos de sua própria autoria.

**Treino rítmico** — O treino rítmico, visando promover melhor execução orfeônica, poderá abranger as seguintes atividades:

- a) — bater palmas, marcando o ritmo da canção;
- b) — andar, marchar, correr, balançar o corpo, os braços etc., ao som da música (em conexão com a Educação Física);
- c) — tocar instrumentos de percussão, como pandeiros, caixas, bombos, castanholas, etc.;

d) — fazer a declamação rítmica das canções;

e) — realizar efeitos orfeônicos.

**Exercícios de emissão de voz** — Os exercícios de emissão de voz deverão ser muito simples e basear-se na respiração corrente. Tendem esses pequenos exercícios a implantar e fixar bons hábitos no canto, quer individual, quer coletivamente e devem ter apenas a duração própria das atividades preparatórias. Constarão principalmente de:

- a) — treino de respiração com vogal muda ou entoada;
- b) — exercícios puramente de respiração.

Procurará o professor com isso, obter da classe, a posição correta do corpo, indispensável à boa emissão de voz, e à entoação justa e de timbre agradável, dentro das possibilidades infantis, com suavidade e leveza.

**Treino de obediência à regência** — Tratando-se de atividade básica à boa execução orfeônica, os alunos deverão continuar o treino, de obediência à regência, iniciado anteriormente, atendendo aos sinais de início e término da execução, bem como aos referentes à intensidade forte e suave.

**B** — Da mesma forma que no 1.º ano, as músicas destinadas à apreciação musical deverão apresentar caráter definido, ser bem executadas e apresentar letra compreensível, no caso de serem cantadas.

Como na série precedente, as atividades compreendidas na apreciação musical advirão de:

- a) — Programas de discos selecionados;
- b) — Programas radiofônicos adequados;
- c) — Execuções musicais realizadas na escola ou fora dela.

**Programas de discos selecionados** — Como já foi dito no 1.º ano, no caso da escola dispôr do material necessário, serão proporcionadas às crianças au-

dições frequentes de discos selecionados. No 2.º ano, esses programas já comportam alguma ampliação, podendo ser apresentados sólos (vocal, de piano, de violino, etc.) e música de conjunto (côro, orquestra, banda). O professor não deve esquecer a preparação do ambiente para a audição, no sentido de despertar o manter vivo o interesse das crianças pelo que irão ouvir, apresentando gravuras que ilustrem ou sugiram os motivos que caracterizam a música do programa.

Poderá o professor verificar o que foi fixado em cada aula de apreciação musical, mediante o treino de reconhecimento de peças já ouvidas e das características apresentadas na execução musical, (o aluno deverá dizer se a música ouvida, é uma dança, marcha, cantiga de ninar, orquestra, côro, etc.).

**Programa radiofônicos adequados** — Sempre que o aparelhamento da escola o permitir e, dentro das mesmas normas prescritas para os programas de discos selecionados, será de toda a conveniência o aproveitamento de programas radiofônicos, desde que apresentem os requisitos indispensáveis a uma eficiente aula de apreciação musical.

... Execução musical realizadas na escola e fora dela — A semelhança ao que se sugeriu para o 1.º ano, sempre que, na escola haja entre os alunos, ou mesmo entre os professores, alguém que cante ou toque algum instrumento, será conveniente o aproveitamento dessa oportunidade. Deverá o professor, antes dessas execuções, preparar o espírito dos alunos para o que vão ouvir; e, depois de terminadas, fazer os comentários, valendo-se das impressões apresentadas pelas crianças. Há, ainda, a considerar as execuções orfeônicas das classes mais adiantadas, que darão ensino às mesmas atividades apreciativas, despertando nas crianças o desejo de aprender novas canções e de aprimorar a execução das que estudaram.

Quando os alunos tiverem comparecido a concêrtos públicos, será interessante ouvir suas impressões sobre as músicas executadas, esclarecendo-as, na medida do possível, quanto às várias formas da expressão musical (música instrumental, vocal, em sólo ou em conjunto, etc.).

C — A introdução à teoria musical, (onde houver professor especializado) do mesmo modo que a apreciação, não deverá constituir uma atividade isolada da prática orfeônica; é parte integrante do ensino do canto em conjunto e com ele deve caminhar paralelamente.

À medida que a criança estiver desenvolvendo seus dotes musicais, através do canto orfeônico, cumpre iniciá-la na música de modo sistemático, cobrindo a de conhecimentos que venham permitir-lhe, mais tarde, solfejar, sem auxílio de outrem. Para que assim aconteça, entretanto, antes de ensinar-lhe a leitura musical, é preciso cuidar do desenvolvimento de sua sensibilidade auditiva e do senso rítmico.

Para desenvolver na criança a sensibilidade auditiva, sugerimos algumas atividades, que poderão ser completadas por outras imaginadas pelo professor:

- a) — exercício na escada (traçada esquematicamente no quadro negro ou no chão, representando os degraus a sucessão das notas, na escala);
- b) — jogos diversos (ex, escala viva, em que cada criança representa uma nota da escala e por ela é responsável, seja para reconhecê-la, seja para entoá-la, conforme a indicação da professora).

Essas atividades terão por base ora o reconhecimento dos sons, ora a sua entoação.

São de utilidade exercícios que levem o aluno a perceber quando o som sobe ou desce; quando sobe ou desce por intervalos pequenos ou grades, quando é emitido "forte" ou "suave"; quando muda o andamento (mais lento ou mais rápido), quando muda o ritmo.

### 3.º ANO

#### Práticas:

Ao Ingressar no 3.º ano, a criança já atingiu um certo desenvolvimento, tendo incorporado à sua personalidade hábitos e atitudes que ainda se revelavam incipientes nos dois primeiros anos. Mostra-se mais à vontade e mais compreensiva nos trabalhos coletivos, de modo que, no canto em conjunto, já entoa, com desembaraço e com voz agradável as canções que aprendeu, reagindo também favoravelmente, e já com certo senso crítico, às audições musicais que lhe são proporcionadas. Assim sendo, as atividades propostas para o 3.º ano, embora idênticas, muitas delas, às do 1.º e 2.º anos,

obrigarão o professor a imprimir-lhes complexidade compatível com o desenvolvimento apresentado pela classe.

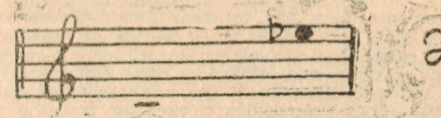
É importante que o professor relacione, como vinha fazendo desde o início do curso, as atividades do canto orfeônico com os acontecimentos normais da vida da criança, no lar, na escola e na comunidade. Estará, deste modo, a prática do canto em conjunto, aliada a todas as matérias que constituem o currículo escolar.

A — A prática orfeônica abrangerá também no 3.º ano as seguintes atividades: aprendizagem de cantigas, canções e hinos; treino rítmico; exercícios de respiração e emissão de voz; afinação e feitos orfeônicos; exercícios de obediência à regência.

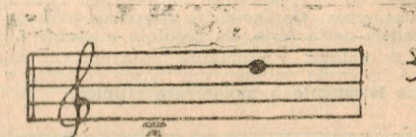
**Aprendizagem de cantigas canções e hinos** — Como nas séries anteriores, esta aprendizagem incluirá o estudo de peças novas; a recordação do repertório já estudado; a execução das canções preferidas.

A aprendizagem de cantigas, canções e hinos constitui realmente, a parte mais importante do canto orfeônico, justamente por ser o ponto de partida para a realização de todas as demais. Na verdade, o conteúdo de uma canção e tudo que ela possa exigir para a sua aprendizagem, servem de sugestões para muitas outras atividades, sejam elas de Apreciação ou de Introdução à teoria musical ou ainda atinentes às várias disciplinas do programa escolar.

Obedecendo ao mesmo critério, adotado na organização do repertório dos anos anteriores, o professor escolherá canções apropriadas, que possam realmente ser bem cantadas e aceitas com interesse pela classe. É sempre aconselhável, a observação dos seguintes requisitos: valor artístico da composição (relativamente à música e à letra); extensão ao alcance das possibilidades vocais das crianças, isto é, que não ultrapasse o limite



no canto a duas vozes é o limite



no canto a uma voz; letra que exprima pensamento ao alcance da compreensão das crianças, em linguagem adequada; coincidência das tônicas, literária e musical; melodia atraente, que apresente intervalos de fácil entoação; ritmo bem definido.

A aprendizagem de cantigas, canções e hinos se fará por audição procurando o professor despertar o interesse dos alunos na aprendizagem de canções novas como também, em aperfeiçoamento das estudadas nos anos anteriores.

O modo de apresentar a canção aos alunos é muito importante para êxito da aprendizagem. Para o preparo de uma determinada canção ou de um programa, várias são as oportunidades oferecidas pela vida do lar e da escola, que poderão ser aproveitadas pelo professor, como por exemplo: a elaboração de planos para uma festa, a organização de audições ou de programas de canções para serem entoadas em várias ocasiões, como a caminho da escola ou de uma excursão, um aniversário, festas tradicionais, etc.

O estudo da canção, propriamente dita, deverá ser precedido de comentários sobre o sentido da letra e da música, o que concorre para os alunos fixarem os termos que lhes sejam desconhecidos, enriquecendo, deste modo, o

seu vocabulário. Assim, o assunto da canção poderá possibilitar ao professor a articulação da música com as outras matérias.

O canto a mais de uma voz exigirá que se faça uma classificação das vozes das crianças de acôrdo com o timbre. Assim, de um lado ficarão os sopraninos e tenorinos (vozes agudas femininas e masculinas) e do outro, os contraltinos femininos e masculinos (vozes graves de meninas e meninos).

Desde que a canção não contenha notas muito graves, nem muito agudas, em cada uma das vozes, convém que todos os alunos aprendam tanto a 1.ª quanto a 2.ª voz.

As cantigas e canções a serem ensinadas no 3.º ano, poderão ser as do Guia Prático, de H. Vila-Lobos, já indicadas para os dois primeiros anos, porém, a duas vozes, e ainda seguintes:

- Anquinhas — a 2 vozes (popular)
- Eu entrei na roda — 2 vozes (popular)
- Briha — Briha — 2 vozes — Vaylor — O Krahenbühl
- Dia de alegria — 2 vozes — H. Vila-Lobos
- Cantar para viver — a 1 voz — H. Vila-Lobos
- Formiguinhas — a 2 vozes (popular)
- A jangada — a 2 vozes — Henriqueta Miranda de Abreu — Arr. de V. Lobos.

- Madriçal ingênuo — (Mozart — adpt. C. B. B.) — a 1 voz
- O tamborzinho (Rameau) — a uma voz.
- Senhora D. Sancha (adapt. Ceição D. Barreto) — a 2 vozes.

Os alunos desentoados como já se frizou anteriormente não deverão ser considerados como elementos estranhos à aula de canto. Se se tratar de desafinação ligeira, atribuída à falta de exercício, poderão ser colocados entre crianças bem afinadas, cantando baixinho; se os alunos forem totalmente desafinados poderão acompanhar o canto com movimentos ritmados, palmas, instrumentos de percussão, etc. Naturalmente, porém, esse trabalho será feito discretamente, para não provocar desajustamentos nas crianças.

Todo o esforço deve ser empregado no sentido de conseguir que os alunos se habituem a cantar com suavidade, em atitude, adequada, pronunciando corretamente as palavras, com afinação e ritmo certo. Esses hábitos, aliás, já deverão fazer parte da experiência das crianças desde que não tenham sido obrigadas, nas séries procedentes a executar trabalho acima de suas possibilidades.

**Treino rítmico** — No 3.º ano, as atividades rítmicas que decorrem da prática orfeônica deverão ser realizadas tendo-se em vista que os alunos já podem cantar a duas vozes. Os exercícios sugeridos para os anos anteriores poderão ser praticados, nesta série, da seguinte maneira:

- a) — por meio de palmas — Enquanto um grupo canta, dois outros grupos se alternam no bater de palmas: um marca somente o tempo forte; o outro acentua mais levemente o movimento rítmico.

1.º Grupo		etc. - Melodia
2.º "		etc. - Marcação do 1.º tempo
3.º "		etc. - Marcação dos valores rítmicos.

- b) — por movimento do corpo. Conforme a canção, as crianças com gestos, passos ou outros movimentos regulares interpretarão o seu ritmo característico;

c) — mediante o emprêgo do instrumentos de percussão: tambor, cas, tanholas, xilofones, etc. os quais poderão até ser confeccionados em classe pelos próprios alunos;

d) — mediante a declamação rítmica das canções. Canções há cuja dificuldade de execução se deve unicamente à pronúncia das palavras, em andamento apressado ou em ritmo pulado, como por exemplo no Hino Nacional.

**Exercícios de respiração e emissão de voz** — Os mesmos exercícios sugeridos no programa do 1.º e 2.º anos são aqui recomendáveis. Surgirão sempre como atividade preparatória para o canto; terão, por isso, pequena duração, limitando-se o professor e praticar com as crianças a respiração plena, com relaxação muscular, a respiração com vogal entoada, tendo sempre como objetivo conseguir que os alunos entoeem com suavidade, sem gritar nem abrir demasiadamente as vogais, mantendo, também, para isso, uma atitude correta do corpo.

**Afinação e efeitos orfeônicos** — Desde o 1.º ano, já vem a criança se habituando à prática da afinação orfeônica, indispensável no canto em conjunto. Agora, porém, que já é capaz de cantar a duas vozes, poderá também efetuar a afinação em acordes arpejados, formando intervalos de 3.ª, 5.ª e 8.ª sobre fundamental. Isso irá facilitar ao aluno a percepção da tonalidade da canção que vai executar. A afinação poderá ser feita:

- a) — a boca cerrada;
  - b) — com sílabas neutras (nam, la etc.).
- Os efeitos orfeônicos já mencionados para o 1.º e 2.º anos, poderão no 3.º ano ser executados com maior precisão e apresentar maior variedade.
- Exercícios de obediência à regência** — O professor realizará êsses exercícios aproveitando as próprias canções em estudo. Poderá por exemplo:
- a) — levar os alunos a interromper subitamente a execução de uma música ou a prolongar êste ou aquêle som, habituando-os a iniciar e a terminar o canto com precisão;
  - b) — levá-los a entoar a mesma canção, em andamentos diversos, de acôrdo com a indicação dos gestos da regência;
  - c) — fazer executar determinado trecho em "pianíssimo", passando deste, gradativamente, ao "forte" e vice-versa.

Muitas vezes, os alunos inventam melodias ou versinhos para serem musicados. Deverá o professor, não só aproveitar essas oportunidades, como também estimular essas atividades criadoras.

B — As aulas da apreciação musical, no 3.º ano, já poderão levar a classe a distinguir, com maior precisão, os vários aspectos com que se apresenta a música: se executada por sólo vocal ou instrumental (piano, violino flauta), se executada por conjunto vocal (Côro) ou por conjunto instrumental (orquestra ou banda). Para alcançar êste objetivo é aconselhável a escolha de repertório adequado, entre as peças dos melhores autores nacionais e estrangeiros de todas as escolas e épocas. Com isso, o que se deseja é que o aluno se familiarize com a música em todas as suas formas de expressão, mas que êsse contacto se faça, sempre, por meio do que houver de melhor na matéria. Por exemplo: se desejamos fazer a criança perceber que determinado trecho é executado por côro, façamo-la ouvir um cântico sacro ou profano, entoado por um conjunto vocal universalmente conhecido. O mesmo com relação à música instrumental. Um trecho de compositor clássico afamado, desde que acessível à classe, irá levar à criança um pouco da boa música que ela deve aprender a amar desde cedo. Não deve ser esquecida a contribuição do folclore e da música típica de cada região do país; será mais um meio de se levar a criança a conhecer e a admirar a variedade de que é feita a nossa unidade, na toada dos boiadeiros, nos bumba-meuboi, nos côros e nas emboladas do nordeste, nas chimarritas e nas ranchelras do Sul do país ...

As aulas poderão constar, tal como sugerimos para as séries anteriores, de programas de discos selecionados, programas radiofônicos adequados e execuções musicais, realizadas na escola ou fora dela.

**Programas de discos selecionados** — Como nas séries anteriores, no caso da escola possuir vitrola, será de grande valor educativo a audição frequente de discos selecionados. Na organização do programa, é importante verificar se o efeito das músicas é estimulante ou calmante, para que não vá a aula de apreciação musical provocar maior tumulto nas classes turbulentas, ou propiciar o desinteresse total, quando peças do poder calmante forem apresentadas, em momento inadequado.

No 3.º ano, as crianças já sabem expressar de modo mais claro as suas idéias e emoções. Será interessante, pois, que o professor apresente à classe certas músicas de caráter mais nitidamente descritivo para que os alunos, ao fim da execução, externem a impressão que a audição das mesmas lhes causou.

- Um programa que poderá prestar-se a essa experiência é o seguinte:
  - a) — Marcha militar — Schubert (sólo de piano ou orquestra);
  - b) — Convite à valsa — Weber (orquestra ou sólo de piano);

c) — O Cisne — Saint — Saens (sólo de violoncello);

ç) — Batuque — Lorenzo Fernandez (orquestra).

O caráter das peças e o respectivo gênero poderão ser perfeitamente reconhecidos pelas crianças do 3.º ano.

**Programas radiofônicos adequados** — Havendo rádio na escola, poderá o professor sintonizá-lo para a audição de bons programas musicais, acessíveis à classe, obedecendo os mesmos cuidados já sugeridos para as séries precedentes.

**Execuções musicais realizadas na escola ou fora dela** — Como já dissemos para o 1.º e 2.º anos, poderão ser aproveitados na escola, em audições frequentes os alunos ou professores capazes de proporcionar execuções musicais às classes, uma vez que essas execuções sejam adequadas às aulas de apreciação musical. Igualmente concertos públicos, a que os alunos tenham assistido, podem fornecer oportunidades de apreciação, por parte da classe. Em ambos os casos, o critério de escolha do programas e o desenvolvimento da aula devem obedecer às sugestões já apresentadas para o 1.º e 2.º anos.

**C — Introdução à Teoria Musical** — (onde houver professor especializado)

O professor limitar-se-á ainda no 3.º ano, à realização de atividades que, de modo prático, dêem à criança o senso dos intervalos mais simples e dos ritmos elementares.

A criança irá adquirindo o senso dos intervalos por meio de exercícios realizados praticamente e sem imposição, procurando o professor fazer com que ela descubra esses intervalos, nas próprias canções que entoa. O aproveitamento de canções do repertório, na aprendizagem e fixação de intervalos, tem como objetivo evitar que essa atividade se transforme em uma série de lições abstratas, sem sentido para a criança, sem ligação com a realidade máxima no momento, que é a expressão musical, a execução ou a apreciação da música.

O senso rítmico como já foi dito, deverá ser desenvolvido por meio de marchas, palmas, instrumentos de percussão, levando-se a criança a executar ritmos variados, com precisão.

Dando-se inicialmente ao passo de marcha o valor de semínima, vai-se depois, gradativamente, executando outros valores em andamento mais rápidos ou mais lentos, alternando-se estes e complicando-se cada vez mais a execução por combinações variadas. No caso de não haver espaço para marchar exercícios equivalentes podem ser feitos com instrumentos de percussão (tambor, pandeiro, castanholas, etc.), batendo palmas ou, simplesmente, batendo com o lápis na carteira. O importante é que haja igualdade no andamento, que não deve ser apressado nem retardado para que a criança sinta que, no mesmo tempo em que dá um passo normal ( ) , pode dar dois mais rápidos ( ) e pode também dar um mais lento no tempo que corresponderia a dois passos normais ( ) , executando, com precisão, a passagem de um valor ao outro. Assim o aluno executará esses valores praticamente e só depois de tê-los assimilado bem, poderá conhecê-los por sua designação própria; semínima, colcheia, mínima, etc. Esta designação, própria, entretanto, salvo em casos excepcionais só deverá ser ensinada no 4.º ano em cujo programa incluímos as sugestões sobre o assunto.

Os símbolos musicais só deverão ser apresentados aos alunos, quando estes estiverem em condições de reconhecer os intervalos, auditivamente, e executar os ritmos mais elementares, com segurança.

No sentido de desenvolver a sensibilidade auditiva, o professor poderá utilizar exercícios variados como sejam:

a) — apresentar aos alunos melodias conhecidas mas em ritmo diferente, para que a reconheçam;

b) — executar um trecho já estudado, de maneira diversa da que é conhecida, a fim de que os alunos descubram essa diferença.

#### 4.º ANO

##### Práticas:

**A — Estudo de canções e hinos** — Nesta série, como nas precedentes, este estudo abrangerá a aprendizagem de canções e hinos novos e a revisão de canções e hinos já estudados.

A partir do 4.º ano, o repertório musical da criança poderá ampliar-se bastante, não só no que diz respeito à quantidade, mas também à variedade de gêneros e à maior complexidade da linha melódica e do ritmo das can-

ções. Continuarão a ser observadas, quanto à escolha do repertório, as mesmas normas sugeridas para os anos anteriores. As notas externas não deverão ultrapassar o limite:



É também importante um certo cuidado na escolha das canções, cuja harmonização, feita por outrem que não o próprio autor, poderá, em alguns casos, desvirtuar o sentido original.

Para levar os alunos à aprendizagem de uma canção, ou de um hino, convém que o professor atente nos seguintes pontos que mais uma vez queremos frisar:

a) — apresentação da canção ou hino — deve ser feita sempre com um fim em vista, seja o preparo de um programa especial, seja o simples cantar como atividade puramente recreativa, como meio salutar de expressão de sentimentos e emoções. É necessário, como condição primordial, uma situação favorável ao trabalho a realizar, isto é, que os alunos sintam vontade de cantar e que o professor os leve a desejar uma execução cada vez mais perfeita. A escolha de repertório compatível com o nível mental dos alunos, a não imposição das músicas por parte do professor, a extensão adequada da peça e a limitação de tempo gasto no estudo da mesma, muito concorrerão para uma boa aceitação das canções pela classe;

b) — estudo da canção propriamente dita — ainda nesta série, excetuando-se os casos em que as condições do meio permitam à classe realizar a leitura de trechos fáceis, o aprendizado das canções e hinos se fará por audição. Não que a criança nesse período seja incapaz de aprender a ler e a escrever música, mas em virtude da escassez de tempo de que dispõe o professor para essa atividade, com classes numerosas. A aprendizagem "por audição" obedecerá ao já exposto nos programas dos anos anteriores. Agora, no entanto, certos pormenores da composição poderão ser analisados pelo professor no decorrer do trabalho, como, por exemplo, as frases musicais, em comparação com as frases literárias. Interpretando o sentido da letra da canção, antes de entoá-la, mais facilmente poderá o aluno assenorear-se da linha melódica e ir estabelecendo o paralelismo entre os recursos da palavra e os da linguagem musical. Realmente, é de toda conveniência que música e linguagem caminhem juntas, mormente em se tratando de canto. Desse modo, o estudo de uma canção poderá suscitar comentários, composições orais e escritas, ligando-se também aos trabalhos manuais, desenho, etc., estabelecendo-se, assim o necessário entrosamento entre as várias matérias do currículo.

Poderão ser aprendidos no 4.º ano os seguintes hinos e canções:

- Hinos:**
- Nacional Brasileiro
  - à Bandeira Nacional
  - à Independência
  - da Proclamação da República
  - às Árvores — José Carlos Dias
  - ao Trabalho (a 1 voz) — Duque Bicalho.

- Canções:**
- Canção Cívica 7 de setembro — Obertal Chaves-Thiers Cardoso
  - Cantar para viver (2 vozes) — Vila-Lobos
  - Contrabaixo (a 3 vozes) — Silvio Salema
  - Luar do Sertão (a 1 e a 2 vozes) — João Pernambuco — Catulo Cearense
  - Na Bahia tem (a 3 vozes) — arr. de H. Vila-Lobos.
  - Um canto que saiu das senzalas — (a 2 vozes) canto ambientando dos negros da Bahia, — por H. Vila-Lobos
  - Canção do expedicionário — Alda Caminha.



Coletâneas: — Brasil cantando — Frei Pedro Sinzig  
— Alegria das escolas — Fabiano Lozano  
— Guia Prático — H. Vila-Lobos.

Como já foi dito nos programas dos anos anteriores, é necessário que a prática do canto em conjunto concorra, efetivamente, para a aquisição de bons hábitos, de atitudes e de novos conhecimentos. Se desejamos que os alunos se habituem a cantar com voz agradável, e com expressão devemos, seguir, que sempre cantem dessa maneira, muito concorrendo para isso o exemplo dado pelo próprio professor.

Quanto ao problema dos alunos "ouvintes" (desentoados), dos quais a escola deve procurar corrigir as deficiências, sobretudo em casos que dependem exclusivamente de exercícios adequados, não se pode, de modo algum, como já se insistiu, excluí-los da aula de música. Como entretanto, a desafinação é contagiosa havendo impossibilidade de adotar tratamento especial pelo próprio exercício do canto (por se tratar de aula coletiva), será conveniente, como foi sugerido nas séries anteriores, atribuir a esses alunos a marcação rítmica ou outra função que os matenha incorporados ao trabalho que no momento se realiza na classe.

**Afinação orfeônica** — Continuará a ser praticada a afinação orfeônica em arpejos e em acordes de 3 a 4 sons, no tom da canção a ser executado, ou produzindo efeitos orfeônicos, alguns dos quais se prestam a exercícios de articulação dos sons consonantais.

**Treino rítmico** — Comportará o treino rítmico atividades da mesma natureza das já apresentadas no 1.º e 3.º anos, porém, com a introdução do ritmos um pouco mais complicados, de acordo, aliás, com a própria evolução revelada no repertório musical da classe.

**Exercícios de emissão de voz** — Os exercícios de emissão de voz continuarão a ser breves e de caráter preparatório. Baseados na respiração correta, deverão consistir em treinos de articulação dos sons consonantais de mais difícil prolação, podendo o professor utilizar-se de vários recursos, como sejam:

- a) — alguns efeitos orfeônicos (que ponham em relevo a consoante cuja articulação se deseja corrigir). Por exemplo: ten, ão, din, den, etc.;
- b) — a entoação a boca fechada (emitindo-se, fortemente um som sobre a sílaba tum, por exemplo, fazendo-se um "piano" súbito a boca fechada, conservando o som).

E — O repertório musical para esta fase do curso primário abrangerá gêneros diversos, evitando-se, entretanto, as peças de longa duração.

As aulas de apreciação musical poderão facilmente ser associadas as demais atividades do canto orfeônico, assim como a outras matérias: linguagem, desenho, educação física, recreação e jogos, trabalhos manuais, geografia, história etc. — (composições escritas, desenhos, alguns de gravuras, dramatizações, pequenos bailados, confecção de ornamento para a sala de aula, e assim por diante).

Como já aconselhamos para as séries anteriores, as aulas de apreciação musical poderão constar de: programas de discos selecionados, programas radiofônicos adequados, execuções musicais realizadas na escola ou fora dela.

**Programa de discos selecionados** — As audições de discos, nas escolas que disponham de aparelhamento adequado, deverão seguir a mesma orientação já sugerida para os três primeiros anos. Dois tipos de audição poderão ser realizados: um, precedido de uma parte explicativa sobre as músicas que irão ser executadas, outro, em que os comentários são posteriores à audição. Ao organizar tais programas deverá o professor ter em vista algum objetivo: levar os alunos à apreciação de gêneros, de instrumentos de ritmos, à discriminação de frases musicais ou à aquisição de conhecimentos sobre alguns dos grandes compositores.

**Programas radiofônicos adequados** — Como já foi dito para os anos precedentes, estes programas poderão prestar serviços valiosos na educação da criança, especialmente nas escolas que não disponham de vitrola e discos. O seu uso, porém, dependerá de muito critério, afim de que não se prejudiquem os principais objetivos visados pela educação musical.

**Execuções musicais realizadas na escola ou fora dela** — Além das oportunidades que a escola oferece, com sets programas de música vocal e instrumental, outras há que decorrem do comparecimento dos alunos a concertos públicos, audições, recitais de grandes artistas nacionais e estrangeiros. — fato que não pode deixar de interessar ao professor. A este, cumpre aproveitar essas oportunidades, procurando estender a todos os alunos o ensejo de assistir a bons programas musicais.

**C — Introdução à teoria musical**, onde houver professor especializado. Ao ingressar no 4.º ano, já terá o aluno bastante ampliada a sua experiência musical. Ao mesmo tempo que é capaz de executar, de várias maneiras, ritmos diversos, consegue também discriminar sons. É chegado, pois, o momento de traduzir em símbolos e linguagem musical, praticada em três anos consecutivos.

A grafia dos valores musicais poderá ser apresentada, associando:

- a) — ao passo normal, que chamaremos semínima, a figura correspondente;
- b) — ao passo mais rápido (executado na metade do tempo anterior), que chamaremos colcheia;
- c) — ao passo mais lento (duas vezes mais demorado do que o passo normal), que chamaremos mínima, a figura correspondente ( ).

Através de canções fáceis do repertório escolar, poderá o professor iniciar os alunos no conhecimento gráfico das notas, relacionando cuidadosamente a experiência musical, adquirida em classe nos três anos anteriores, à escrita musical.

Apenas notas e valores devem ser objeto de estudo no 4.º ano.

## CONHECIMENTOS GERAIS APLICADOS; GEOGRAFIA E HISTÓRIA

### CONHECIMENTOS GERAIS APLICADOS

#### Objetivos gerais:

1 — Dar à criança um número de conhecimentos gerais, aplicados à vida social, à educação para a saúde e ao trabalho, bem como elementos de ciências físicas e naturais, destinados a enriquecer o patrimônio de experiências do aluno e capazes de alicerçar a aquisição posterior de conhecimentos científicos, e, mesmo, permitir, em tempo próprio, a formação de uma concepção do mundo.

2 — Dar ao sistema escolar, um aspecto prático, natural e por conseguinte global, fazendo deste programa o centro de onde partirão as aprendizagens da leitura, escrita, cálculo, geografia, etc., e para onde se voltarão outras aprendizagens isoladamente iniciadas.

#### 1.º ANO

#### Objetivos específicos:

Ao terminar o 1.º ano é de desejar que o aluno:

— tenha atingido um razoável grau de consciência de grupo, bem como todas as qualidades dela decorrentes, como sejam a solidariedade, cortezia, atenção à autoridade, etc.;

— tenha adquirido certas noções relativas à economia, tráfego urbano, bem como à significação e uso de algumas instituições de valor imediato na vida prática;

— tenha adquirido hábitos e noções tendentes à garantia da própria conservação:

a) — asseio pessoal, de objetos de uso, de ambiente, etc.;

b) — alimentação correta em qualidades, quantidades e distribuição de horários;

c) — conhecimento e prática de meios de prevenção contra as moléstias; — tenha adquirido através de observação e experimentação algumas noções sobre a vida animal, vegetal e mineral que se desenvolve no ambiente escolar e proximidades;

— tenha adquirido, também pela observação, algumas noções sobre os fenômenos físicos, químicos e meteorológicos mais comuns.

#### Práticas:

1 — Aproveitar o caminho indicado pelos programas isolados de geografia e história, e desenvolver os centros o lar e a escola, buscando alcançar o objetivo social deste programa:

a) — no período de adaptação ao novo ambiente, levar a criança a fazer explorações dando-lhes caráter social, como visitar outras classes, trazer um irmãozinho para conhecer a sua classe conhecer o diretor, etc.;

b) — incentivando e aproveitando sugestões da criança para instalação da sociedade escolar; disposição de móveis, organização de grupos, ornamentação da sala, renovação de material, etc.;

c) — aproveitando o natural desenvolvimento da vida em comum para, através da imitação, levar a criança à aquisição de hábitos sociais: o cumprimento, o pedir licença, o pedir desculpas, o agradecer, etc. Jogo: colocar etiquetas — atitudes corretas, atitudes incorretas — em cartazes muito sugestivos;

d) — também pela prática diária, pela imitação e apelo discreto ao nascente espírito social, habituar a criança a zelar pelo ambiente em que vai viver todo o ano, e onde, depois dela, outras o farão, como o fizeram outras ainda muito antes;

e) — interessando a criança pela história de seu novo lar

2 — Atingir o objetivo de informação sobre a vida, através dos mesmos centros acima sugeridos, levando a criança a prestar atenção aos fatos seguintes:

I — vida animal mais comum que a cerca:

a) — observando e cuidando dos animais da escola. A sua vida e os seus hábitos;

b) — animais que são amigos e inimigos do jardim;

c) — os insetos: observação, coleção, gravuras, conhecimentos de por menores, maravilhas da sua vida;

II — vida vegetal mais comum que a cerca:

a) — conhecimento das árvores e flores da escola e jardins próximos, pelos seus nomes;

b) — auxílio no cuidado da ordem no jardim;

c) — cuidado das flores e folhagens em vasos que podem ser colocados na sala de aula;

d) — plantio e cuidado de sementes em caixetas para observação diária.

O fenômeno da germinação;

e) — coleções de sementes, flores, cascas, madeiras, folhas, raízes;

III — coleção de minerais mais comuns na região;

IV — excursões a parques, granjas, circos com secções zoológicas, museus de história natural, etc.

3 — Dar, pelo exemplo, hábitos relativos à higiene da alimentação, aproveitando para isso as horas de merenda.

4 — Cartazes sugestivos do tipo: ao escolher a merenda prefira frutas, leite ou pão, aos doces expostos ao pó, etc.

5 — Dramatizações: fazer compras para o almoço, no armazém de brinquedo. Que se deve preferir entre...

6 — Fazer do refeitório escolar um departamento de educação para a saúde no tocante à alimentação, não só vendendo-se e distribuindo-se os alimentos mais indicados, como também pela artística e inteligente organização do ambiente que, além de outras coisas, pelo material de propaganda sugestiva, oriente insensivelmente a criança na escola da boa alimentação. Sugestão: um quadro da "receita do dia" para ensinar à mamãe. "Peça à mamãe que prepare as batatas assim"... etc.

7 — Para o ensino da higiene, tenha-se em conta o seguinte:

a) — organização, com as crianças mais adiantadas, de um código de saúde muito simples, e organização, em seu caderno de uso diário, de um capítulo de saúde, no qual virá um código por elas mesmas ilustrado;

b) — frequentes dramatizações sobre esses pontos. Por exemplo: brinquedos de casa, de comadres, etc... com o objetivo de educação e higiene;

c) — referências acidentais a cuidados higiênicos. Por exemplo:

1.º — mandar uma criança tirar o dedo da boca;

2.º — contar o número de crianças que trouxeram o lenço limpo;

3.º — os que escovaram os dentes;

4.º — notar as crianças resfriadas e ensinar-lhes os cuidados que elas devem tomar no interesse de seus colegas;

d) — contacto da própria criança com a sua ficha biométrica, levando-a a considerar particularmente o seu peso, como um sinal mais visível da saúde;

e) — narração de contos;

f) — utilização, como motivação, do desejo da criança de agradar ao mestre, do desejo de ser alto e forte, do desejo de assemelhar-se a ideais específicos, tais como: seu pai, sua mãe, um policial, um médico, um escoteiro, uma gravura mesmo.

8 — Planejada ou ocasionalmente promover a observação de fenômenos físicos e químicos muito simples, que se apresentam na vida diária da criança: o efeito da ferrugem, lentes imã, a evaporação, vidros prismáticos, as variações de temperatura, o termômetro, o caleidoscópio, etc. Física recreativa.

9 — Preparar o espírito da criança para o conhecimento prático das formas de orientação, levando-a a observar o nascer do sol, da lua, o cruzamento.

10 — Levar o aluno a observar o movimento do sol, por exemplo, pela marca da sombra de uma haste, na janela, no pátio ou no jardim.

11 — Organizar o calendário de classe, marcando entre outras coisas, a variação do tempo.

12 — Fazer observar os efeitos das chuvas e da seca, do calor e da luz sobre as plantas.

13 — Dar por uma prática muito simples, uma noção do processo de formação da chuva.

14 — Observar as nuvens e os ventos.

15 — Formar assembléias para resolução de certos problemas econômicos da classe. Sugestões:

a) — a feira escolar, o oferecimento de frutas da estação, por alunos que delas possam dispor, para venda na cantina, em benefício total do problema da classe, ou por exemplo, 2/3 ou 3/4 apenas;

b) — organizar instituições como caixas, sociedades para fins de assistência.

16 — Organizar campanhas de assistência, por exemplo: brinquedos usados, brinquedos feitos em horas de trabalhos manuais para os menos afortunados, crianças de asilos, creches, etc.

17 — Organizar jogos, diversões com fins filantrópicos ou puramente recreativos.

#### Ambiente de classe:

Para desenvolvimento deste programa, a classe se estende a todas as dependências da escola, que terá aquela riqueza de organização sugerida para os outros programas.

A organização social da classe propriamente dita, que seja a mais natural possível. Um ambiente em que seja agradável viver, já pelo seu aspecto de organização, já pelo seu aspecto de claridade, ordem e elegante simplicidade. Um misto de sala de estar e trabalho. Quadros bonitos, flores frescas nos vasos, plantas em caixetas. Na mesa ou estante, livros, gravuras, revistas já para simples recreio, já para ampliação de algum conhecimento. Estantes para coleções, material colhido em passeios, excursões, etc. Um aquário se possível. Calendário de classe. Cartazes oportunos, periodicamente renovados.

Oportunidade para trabalho de jardinagem, observação da vida dos animais, etc.

#### Observações especiais:

Apliquem-se as sugestões do programa, concedendo uma natural flexibilidade. Adaptem-se, suprimam-se ou acrescentem-se atividades, respeitando-se as necessidades das zonas rural, urbana ou litorânea, quer em relação a saúde ou vida social, quer em relação aos problemas econômicos.

Mantenha-se um contacto dos pais com a escola, obtendo-se sua colaboração no sistema educacional, e fazendo da escola um centro de reeducação social da comunidade.

As informações da parte relativa a animais e vegetais, conceda-se caráter eminentemente biológico, deixando de parte descrições anatómicas, para chamar atenção sobre particularidades de vida; relacione-se o órgão com a função. Faça-se o aluno notar o desenvolvimento, os hábitos, curiosidades da vida animal ou vegetal.

Sobretudo, deixe-se o aluno observar, e dê-se às informações oportunas, um cunho de naturalidade. Em relação aos fenômenos físicos e químicos, limite-se a colocar o aluno diante deles, e oriente o conhecimento pelas perguntas que ele fatalmente fará.

#### Bibliografia para o professor:

- Programa de Ciências sociais — D. Federal - 1934 - 1.º vol.
- Programa de Ciências naturais — D. Federal - 1934 - 1.º vol.
- Didática das ciências naturais — Faria de Vasconcelos.
- Como se ensina geografia — F. Proença.
- Pela escola ativa — Firmino Costa.
- O método Decroly — Amélia Hamaide.
- Os centros de interesse — Abner de Moura.

#### 2.º ANO

#### Objetivos específicos:

- Ao terminar o 2.º ano, convém que o aluno:
  - tenha ampliado o seu interesse social até a localidade toda, alargando consequentemente todas as qualidades, e conhecimentos disso decorrentes;
    - a) — solidariedade, civismo, etc.;
    - b) — informações sobre indústria, comércio, vida cultural, etc.;
    - c) — produção vegetal, animal e mineral;
  - tenha adquirido noções mais precisas acerca de meios eficientes de vida prática podendo deles fazer uso;
  - tenha adquirido a capacidade e o hábito de buscar e usar fontes de informações adequadas a certos problemas;
  - tenha aprendido a bem distribuir o seu tempo entre as atividades úteis e as puramente recreativas;
  - tenha adquirido noções mais amplas, variadas e precisas tornando-se capaz de resolver problemas e situações de ordem econômica e higiênica, como por exemplo:
    - a) — sobre compras e qualidades dos alimentos;
    - b) — compras e importância do agasalho adequado;
    - c) — conforto e asseio do lar;
    - d) — meios de prevenção contra as doenças;
    - e) — meios de transporte, etc..
  - tenha aprendido a manejar certos instrumentos úteis para resolução de problemas comuns na vida prática;
  - tenha enriquecido o seu cabedal de experiências, observações e informações sobre fenômenos químicos, físicos e meteorológicos.

#### Práticas:

- 1 — Ligar este programa ao de geografia e história. Explorando a cidade, interessar a classe no conhecimento da importância do trabalho do indivíduo sobre o desenvolvimento da vida da comunidade. Desenvolver o centro: "os homens que movimentam a cidade". Imaginar situações do tipo: que representa a suspensão do trabalho dos operários dos centros geradores e distribuidores de energia elétrica, a falta do trabalho de transportes, a

paralisação do serviço postal e telegráfico, o fechamento das escolas, etc. etc..

2 — Visitas a instituições, fábricas, redações de jornais, granjas, etc.

3 — Acompanhar pelos jornais e procurar conhecer o desenvolvimento de empreendimentos da atualidade na cidade.

4 — Fazer reportagens ligeiras, sobre por exemplo:

- a) — visita ao centro de saúde para revisão da carteira sanitária;
- b) — o movimento de um ponto central da cidade;
- c) — o movimento da feira livre;
- d) — o movimento à entrada dos cinemas;
- e) — oportunidades determinadas pela sugestão 2, etc. etc.

5 — Dramatizações: organizar uma loja "faz de conta", com lista de preços, e resolver pequenos problemas; colocar cartas no correio, passar telegramas, expedir registrados, (problemas), fazer ligações telefônicas, obedecer as leis de trânsito, comprar passagens obedecendo tabelas numa estação ferroviária, etc.

6 — Observar os tipos de casas relacionando-os com a zona de localização e fim a que se destinam. Os diversos estilos: origens e razões de se encontrarem na cidade. Por exemplo, apreciar o chalé suíço e o bangalô. Predominância de um tipo numa zona. Razões. O problema da imigração. Causas e conseqüências.

7 — A casa ideal para habitação. Projeto: discussão, organização e execução. Problemas. Solução de todas questões de higiene, conforto e estética da habitação:

- a) — localização inteligente;
- b) — ventilação e iluminação;
- c) — distribuição das dependências;
- d) — instalações sanitárias;
- e) — importância do problema da água, destacando-se a consideração de origem, qualidades, causas da contaminação, perigos, moléstias provocadas, e meios simples de purificação.

8 — Continuação do emprego dos processos recomendados ao 1.º ano, para educação da higiene pessoal.

9 — Organização em assembléia, de um código de conduta muito simples.

10 — Continuação do cuidado com animais e plantas da escola.

11 — Observar aspectos interessante do jardim da escola, como comunidade de vida:

- a) — os animais amigos e os inimigos do jardim e da horta;
  - b) — proteção e destruição; meios;
  - c) — as plantas preferidas pelos amigos e inimigos.
- 12 — Práticas simples para observação de:
- a) — fenômeno da germinação;
  - b) — efeitos da água, luz e calor sobre a planta.

13 — Observar as plantas mais comuns na localidade: praças, jardins, etc.

14 — Observar animais domésticos não existentes na escola, fazendo depois rodas de conversa ou pequenos relatórios escritos sobre hábitos, desenvolvimento, curiosidades. Fazer leituras a respeito.

15 — Despertar o interesse do aluno para os fenômenos como:

- a) — metamorfoses da borboleta e da rã;
- b) — a luta pela vida: as plantas parasitas, os meios de defesa dos animais, etc.;

- c) — a rotação das estações e a vida: observem-se as transformações que sofrem alguns animais e plantas no curso de um ano. Dê-se alguns exemplos às crianças e peça-se que elas procurem outros, interrogando os pais, outras pessoas, etc., e os tragam para informar os colegas;

- d) — a razão por que os vegetais são verdes; isole-se a clorofila, mediante a trituração de folhas (couve, por exemplo) em uma latinha com um pouco de álcool. Filtre-se o líquido resultante e coloque-se em um tubo de vidro com um pouco de benzina. Agite-se depois, energicamente e deixe-se repousar até obter uma porção verde correspondente a clorofila, e outra amarela correspondente a xantofila.

16 — Dar de maneira simples e natural a explicação de fatos e expressões físicas e químicas de uso corrente. Exemplo: a água do rio arrasta objetos. Uns flutuam, outros submergem. Nas sargetas das ruas, a água fica turva e depois sedimenta ou deposita o barro que estava antes de misturar com ela. A água do mar é salgada porque tem dissolvido o sal comum.

Práticas: — deite-se n'água um prego e uma rôlha; em uma garrafinha deite-se vinagre e azeite. Impureza de certos líquidos: filtrem-se. Deixe-se pousar um ou dois dias água com argila. Dissolva-se açúcar na água; note-se que ainda filtrada a água tem sabor açucarado. Qualidades das substâncias: tenazes, duras, frágeis, elásticas, etc.

17 — Organizar caderno de observação da natureza: indicações sobre o meio em que vive o objeto, hábitos etc. Desenhos esquemáticos explicativos do porte, locomoção, etc.

Indicações 8, 9, 10, 11, 12, 13 e 14 do programa do 1.º ano.

#### Ambiente de classe:

o mesmo recomendado ao 1.º ano.

#### Observações especiais:

As mesmas feitas para desenvolvimento do programa do 1.º ano.

#### Bibliografia para o professor:

A mesma indicada para o 1.º ano.

### 3.º ANO

#### Obejetivos específicos:

Ao terminar o 3.º ano, convém que:

— o interesse da criança pelos problemas sociais da localidade, tenha aumentado sensivelmente e tenha se estendido aos da nação e da humanidade;

— a criança saiba apreciar devidamente o papel do indivíduo dentro da comunidade, valorizando-se a si mesmo e sabendo valorizar o seu semelhante, o que supõe a aquisição de hábitos como o respeito à opinião alheia, segurança de ação, decisão, precisão de julgamento, generosidade, cooperação, cortezia, asseio, conforto, jovialidade, etc.;

— a capacidade de resolver problema de ordem econômica, apresente também sensível progresso;

— continua em crescendo, o interesse do aluno em relação à natureza, ultrapassando mesmo os limites de observação direta;

— os hábitos de observação e experiência tenham enriquecido de métodos de trabalho;

— o aluno conheça mais alguns princípios de química e física elementares, através de sua aplicação, por exemplo: força, calor, mudanças de estado, etc.

#### Práticas:

1 — Desenvolver centros como por exemplo: "nossa alimentação", ou "nossa casa".

a) — rumo: os alimentos mais comuns. Valor alimentício. Origem: os animais, os vegetais. Como organizar um regime ideal às necessidades do nosso organismo. Aqueles que a cidade e o estado produzem: quanto, como, onde? Influência dessa produção sobre a vida da população;

b) — aqueles que importamos. Os que exportamos. De onde, para onde. 1.º rumo: cidades brasileiras. Como chegam ao seu destino esses alimentos. Meios de transporte, estradas. Acompanhar pelos mapas as viagens. Leitu-

ras sobre os lugares de origem ou de destino dos alimentos em questão. Ilustrações exibidas, e procuradas para as coleções; fotografias, estampas, cinema, sobre o aspecto das cidades e tipo de vida dos habitantes. Curiosidades. 2.º rumo: cidades estrangeiras. Problemas;

c) — razões diversas, por que o estado ou a nação não produzem certos gêneros de primeira necessidade, e precisam importá-los. Climas, terrenos, topografia, etc. O preço do gênero de produção local ou nacional, e o de importação. Problemas;

d) — a história dos nossos principais alimentos: os já conhecidos e usados pelos nossos índios e os trazidos pelos colonizadores. Por exemplo: o gado, e os primeiros exploradores; a interessante história do café, o açúcar como um foco de atração de aventureiros no Brasil-colônia: as invasões; o cacau, as vinhas e os estados do sul, etc. etc.;

e) — a influência africana sobre a nossa cosinha;

f) — correspondência escolar.

2 — Centro "nossa casa" seguindo o mesmo rumo do acima sugerido: a) — a casa ideal a adaptada ao meio em que vivemos. Condições higiênicas. Origem do material usado;

b) — produção local, produção importada... De então em diante, o mesmo caminho do centro anterior, isto é, da nossa casa, aos abrigos primitivos.

3 — Além dos motivos de estudo da natureza, que centros daquele tipo naturalmente oferecem, é interessante continuar com:

a) — trabalhos de jardins e horticultura;

b) — cuidados com os animais da escola, bem como observações registradas num caderno individual, sobre a vida, animal, vegetal e mineral, encontrados em ambientes extra-escolares.

4 — Despertar do interesse para o estudo do homem sob os aspectos biológicos. A fisiologia humana, como uma das maravilhas da natureza. Problemas: como respiramos; como o alimento que ingerimos se transforma em sangue, como ovimos, etc.

5 — Calendário de classe. Registro de tempo, fases da lua, astros observados na época. Vegetais abundantes, etc.

6 — Construir material rudimentar para observações práticas sobre:

a) — efeitos do calor;

b) — condução;

c) — irradiação;

d) — equilíbrios: gongorras, balanças, etc.;

e) — alavancas.

Problemas e perguntas simples, constituem ótimos pontos de partida para aprendizagem elementar da física e química. Busquem-se as sugestões do Tesouro da Juventude, no "livro dos porquês". Exemplo: porque sobem os balões? Por que estalam, à noite, as paredes de madeira? Por que o leite azeda? Por que não se deve usar colheres de metal no servido de saladas? etc. etc.

7 — Física recreativa. Sugestões colhidas em almanaques, revistas, jornais.

8 — Assembléias para ampliação do código de conduta pessoal. Fazer conhecer o código dos escoteiros, e entusiasmar para participação do aluno naquela instituição, ou organizar o "centro de escoteiros sem uniforme" ou ainda interessá-lo pela adoção de apenas alguns mandamentos, no código em organização. Começar pelos mais simples, como por exemplo, o que diz respeito à jovialidade, e passar gradualmente aos mais complexos.

9 — Da mesma forma organizar ou ampliar com os alunos o código de saúde. Contar-lhes como os escoteiros de uniforme são crianças capazes de zelar pela própria saúde, seguindo regras muito simples. Da mesma forma poderão agir os escoteiros sem uniforme.

10 — Cuidar também da saúde do espírito, promovendo jogos, sessões cinematográficas, passeios, representações de fantoches, etc. Ensine o aluno a criar a sua própria diversão.

**Ambiente de classe:**

As mesmas recomendações feitas para organização do ambiente das classes anteriores, acrescidos naturalmente pelas necessidades decorrentes da natureza dos centros sugeridos.

**Observações especiais:**

As mesmas feitas para desenvolvimento do programa do 3.º ano.

**Bibliografia para o professor:**

- Programa de ciências sociais — D. Federal — 2.º volume.
- Programa de ciências naturais — D. Federal — 2.º volume.
- Delgado de Carvalho — Geografia humana, política e econômica.
- Guia do Escoteiro — Velho Lobo.
- Compêndio de Higiene — J. Fontenelle.
- Delgado de Carvalho — Geografia do Brasil.
- Gilberto Freire — Casa grande e senzala - (Alimentação).
- Gilberto Freire — Sobrados e Mocambos.
- Coleção: O Tesouro da Juventude. O livro da natureza e o livro dos porquês.
- Goué e Goué — Como fazer observar nossos alunos.
- Fernandes, Saturnino. Coleção de interessantes problemas de física e química — El encanto de los niños.
- Didática das ciências naturais — Faria de Vasconcelos.
- Práticas de geografia — Raja Gabaglia.

**4.º ANO**

**Mínimo a atingir:**

Pelo desenvolvimento do programa do 4.º ano, final do curso primário, convém que o aluno:

- tenha desenvolvido todas as qualidades desejáveis à perfeita adaptação à sociedade em que vai viver;
- tenha desenvolvido também, o sentimento de simpatia, tolerância e respeito, em relação a outros grupos sociais;
- tenha atingido um nível de compreensão da contribuição do passado ao presente, e da responsabilidade do presente para com o futuro;
- tenha adquirido a capacidade de enfrentar e resolver com decisão, problemas comuns da vida prática;
- tenha se tornado e possa se fazer, cada vez mais apto a garantir a própria conservação, pela prática e conhecimento de meios preventivos;
- tenha realmente adotado a leitura, como o inestimável instrumento que é, de recreio, cultura artística, científica e técnica;
- tenha aumentado consideravelmente o número de conhecimentos relativos à natureza, e principalmente, conserve intactos a curiosidade e simpatia em torno da mesma;
- tenha adquirido o hábito de orientar útil e convenientemente essa curiosidade, sabendo traçar planos de observação e experiência, para através deles, chegar às conclusões.

**Práticas:**

1 — O programa de história do Brasil, dá oportunidade à diversos assuntos de interesse social. Tome-se por exemplo o fenômeno das entradas e bandeiras:

a) — faça-se ponto de partida e comentário de circunstâncias atuais. Por exemplo, o que consideramos um mínimo indispensável ao nosso conforto em casa e em viagem. Como se transpõem rapidamente hoje, distâncias

extraordinárias. Como "voam" as notícias, pelo rádio, telefones, telégrafo, etc. E por isso mesmo, como é hoje "pequeno" o país, como é pequeno o mundo. Como já foi muito grande. Tome-se um horário de aviões e leve-se o aluno, a imaginar a preparação e a rapidez de uma viagem, por exemplo, S. Paulo-Cuiabá ou S. Paulo-Minas. Proponha-se a imaginação da mesma façanha no século XVII. Proponha-se o acompanhamento imaginário de uma bandeira, seguindo aquele mesmo percurso;

b) — leve-o a imaginar o ambiente em que viviam os antigos paulistas. Seus problemas de habitação e vestuário. Recursos de alimentação. Qual a idéia de conforto que se tinha naquela época. Como se educavam os filhos, e as filhas principalmente;

c) — a aventura pelos sertões como um fenômeno social. A preparação da bandeira. Meses e meses. Inversão de todos os bens de família, muitas vezes, nos preparativos. Que se precisava levar: víveres, medicamentos, utensílios, rédes, etc. As imensas arcas. Como se cuidava da preservação dos alimentos. Disposições testamentárias, etc..

d) — a caminho, enfim. Perigos: a floresta, as feras, serpentes, insetos, febres, índios. Os acampamentos rápidos e os prolongados. Plantação de roças, caçadas, pescarias. Incertezas de rotas. Como contavam o tempo: as fases da lua. Como se orientavam. Como se resolveria hoje esse problema de orientação na floresta; bússola; comentários, princípio e se possível, observação. Notícias esperançosas. Desfalecimentos... E o tempo passando... E o avião de nossos dias, fazendo centenas de viagens por sobre esses desbravadores do passado...

e) — a chegada, as vezes imprevista a um ponto desejado, as vezes nunca alcançada. A vida no novo núcleo, ainda mais rude de que no ponto de partida. Os casebres improvisados, utensílios rudimentaríssimos, os poucos recursos higiênicos;

f) — a insensível concessão aos costumes rígidos dos velhos paulistas, já durante a longa viagem, já na improvisação dos aldeamentos. O ouro, como fator de modificação de costumes;

g) — como chegavam as notícias das vitórias ou fracassos desses homens extraordinários. Pintem-se vivamente esses fatos. Como evoluiu a arte de transmissão de notícias. Dos índios aos explorados, serviço postal e telegráfico, rádio, etc.;

h) — consequências sociais desse grande movimento: o "recuo do meridiano", os aldeamentos, os núcleos, as cidades, que iam surgindo nos sertões. O abandono das lavouras. A nomenclatura de serras, rios, etc. Diamantina, Sabará, Ouro Preto, Cuiabá, rio das Mortes, etc., etc.;

i) — em todas as oportunidades, oferecidas pelo desenvolvimento do plano, proceder leituras, principalmente de interesse social, seguir pelos mapas os itinerários, levando sempre o aluno à imaginação das situações no presente e no passado. Por exemplo, imaginar o que representa uma hora de avião, ou mesmo de ônibus, no avanço daquela gente.

Ver e colecionar gravuras, estampas relativas àquele movimento. Visitas a museus, consultas a fontes autorizadas. Fazer desenhos e trabalhos manuais alusivos. Dramatizar motivos extraídos das leituras.

2 — Como esse, outros assuntos nos levam ao alcance dos objetivos sociais do programa, por exemplo:

a) — apreciação histórico social de invasões estrangeiras, causas e consequências;

b) — a indústria de nossos dias e do passado: a extrativa, agrícola, manufatora, etc.

3 — História das invenções de utilidade corrente: a aviação, máquinas a vapor, telefone, para-raios, imprensa, etc., algumas das quais, devendo partir ou levar a observações diretas de fenômenos físicos e químicos.

4 — História de grandes benfeitores da humanidade, brasileiros ou não: Oswaldo Cruz, Pasteur, Koch, Ana Néri, Nightingale, etc.

5 — História e conhecimento da produção de grandes artistas brasilei-

rós ou não: Castro Alves, Bilac, Casimiro, Machado de Assis, V. Meireles, P. Américo, o "Alvejadinho", Carlos Gomes, etc., etc.

6 — Despertar o interesse do aluno pelas formas de arte e tradições populares. Lendas, cantigas, representações, etc. Coleções.

7 — Ampliação dos códigos de saúde e de conduta, das séries anteriores, através de resoluções de assembléias:

a) — insista-se na conservação de hábitos de proteção nos dentes, garganta, ouvidos, olhos, nariz, mão, bem como relativos à respiração, fuga de atitudes e hábitos nocivos à saúde do corpo e da mente;

b) — auxilie-se a formação da mentalidade de consideração do médico e dentista como elementos amigos do indivíduo e da sociedade;

c) — na orientação inteligente para organização dos códigos, procure-se introduzir alguns tópicos indicados para desfazer credences, superstições e práticas absurdas, dotando ao mesmo tempo o aluno, da capacidade de resolver rápida e eficientemente situações reais de socorro urgente;

d) — organizem-se os pelotões de saúde, farmácias de emergências, e ensine-se o aluno a agir com calma e segurança nas circunstâncias reais que se apresentar: casos de hemorragias nasais, cortes, queimaduras, picadas de insetos, etc. Insista-se no conhecimento das técnicas usadas pelos escoteiros;

e) — organize-se também, nos moldes daquelas agremiações uma série de preceitos indicados para prevenção de acidentes, em casa, no trabalho, nas ruas.

8 — Resolução por assembléia de alunos, de problemas relativos a:

a) — incidentes e comportamento de classe, ou de elementos da classe;

b) — economia;

c) — organização de trabalho.

9 — Orientação do estudo da natureza, segundo o processo de comunidades de vida. Tome-se como exemplo de comunidade, o jardim o rio, o campo, o bosque, um tanque, a praia, a horta, o quintal de uma casa, etc. Em tais meios desenvolve-se uma vida animal e vegetal, recebendo os indivíduos, influências do ambiente físico, e inter-influenciando-se por sua vez. A vida de cada elemento, está relacionada com tudo o mais que aí vive ou aí se passa. É uma verdadeira comunidade de vida, e o que se fará muito sensível ao aluno, é justamente a inter-relação de todos os fenômenos nesse ambiente.

Tenha-se como objetivo, estudar os seres da natureza em seu ambiente, vivendo, e nas suas relações de dependência e influências recíprocas. Tome-se um exemplo de seriação do trabalho para estudo de uma comunidade vital. Seja, o jardim da escola.

a) — As crianças fazem uma relação, por escrito, de todos os seres encontrados no local, com discriminação: vegetais, animais e minerais. Enumeração feita em colunas. Estimule-se o aluno, a fazer as relações tão completas quanto possam;

b) — o professor escolhe então, na relação feita, aqueles termos que mais possam, pedagogicamente, interessar, podendo tomar temas como os seguintes:

1.º — A luta pela existência. O fenômeno do parasitismo. Os meios de defesa dos animais.

2.º — A rotação das estações e a vida.

3.º — O desenvolvimento dos seres vivos. Metamorfoses.

4.º — A ação da luz e da água nos vegetais.

5.º — As partes de uma planta. Funções.

6.º — A vegetação de acordo com o meio.

7.º — Coisas curiosas da vida das plantas.

8.º — A alimentação dos animais.

9.º — As sociedades animais.

10.º — A locomoção dos animais.

11.º — A constituição dos animais em sua relação com o meio.

12.º — Estudo da minhoca, da aranha, de insetos, do caracol, de peixes, do sapo, de aves, do coelho, do rato branco, etc., como exemplares tipos dos vermes, dos aracnídeos, dos insetos, dos moluscos, dos peixes, dos batráquios, das aves e dos mamíferos.

13.º — A ação das águas correntes: destruidora e de sedimentação.

14.º — As rochas. Observação das camadas de um corte de terreno. As rochas da região.

15.º — Minerais. Algumas propriedades interessantes de alguns deles;

c) — escolhidos os temas, são eles fornecidos ao aluno.

Estudar-se-ão estes temas, um por um, do modo seguinte, por exemplo:

1.º — Observação direta pela criança, procurando conhecer o ambiente e as relações do indivíduo com outros elementos do meio, hábitos de vida, utilidade e nocividade, a sua forma em relação ao meio, etc.;

2.º — palestra pelo professor, em tom de conversação sobre o assunto;

3.º — investigação pelo aluno, em casa, do material de leitura relativo ao assunto, em livros e revistas; o resultado de tais investigações será trazido à classe e relatado para todos os colegas;

4.º — idem, idem pelos alunos colhendo o material com os pais e com outras pessoas;

5.º — o material colhido de todas as fontes, na medida em que fôr obtido, vai sendo apontado, pelos alunos, em folhas de papel de formato alçaço, soltas, colecionadas dentro de uma capa que terá o título da comunidade em estudo. Cabem em tais folhas, desenhos, que podem mesmo ser muito abundantes, gravuras coladas, etc.;

6.º — as observações podem ser orientadas pelo professor, que chamará a atenção do aluno para pormenores que passem despercebidos. Os questionários são ótimos auxiliares de observação e experimentações. Use-se abundantemente a lente de aumento.

1º — Para estudo dos fenômenos físicos e químicos, além dos assuntos e práticas sugeridas para o 3.º ano, que podem ser reexploradas, considere-se agora a oportunidade de conhecimentos elementares relativos a luz, eletricidade, pressão, reações químicas, em suas aplicações e explicações práticas. Aliás esses temas, se alguma ocasião o determinar, poderão ser tratados nos 2.º e 3.º anos. Conceda-se a esse estudo um aspecto natural, simples, as vezes recreativo mesmo;

a) — o material de experiências, que deve haver em cada classe, numa caixa sobre uma mesa comprida, no fundo da sala, será composto de tubos de comprimidos, latas de pasta de sapatos, pedaços de tubos de borracha, carretéis, vidros próprios para leite, de boca larga. Aparelhos, enfim, de grande simplicidade, que podem ser feitos pelas próprias crianças. Adote-se para realização de trabalho a seriação seguinte:

1.º — levar os alunos a construção do aparelho;

2.º — realização da experiência, de preferência pelos alunos;

3.º — chame-se bem a atenção para o resultado;

4.º — peça-se aos alunos que dêm uma explicação do resultado, que digam por que as coisas se passaram do modo que se viu; as respostas serão as hipóteses;

5.º — discutam-se com os alunos essas hipóteses, levando-os mesmo a verificá-las, se necessário fôr, com novas experiências, até chegar à explicação justa;

b) — como tipo de experiências que se devam realizar aqui, indicamos os exemplos seguintes sobre o tema Água:

1.º — fale-se sobre as máquinas a vapor. Depois, tome-se um tubo de metal, encha-se de água até o meio e feche-se com uma rôlha. Aqueça-se e a rôlha é expulsa. É o princípio da máquina a vapor. Mostre-lo;

2.º — tome-se uma lata. Atravesse-se-lhe a também com um tubo de vidro bem fino. Encha-se a lata de água e aquecendo-a, observa-se a dilatação da água, o que faz com que ela suba pelo tudo de vidro;

3.º — faça-se evaporar ao fogo, completamente, uma porção de água

açucarada. Observe-se o sedimento. Dissolva-se sal na água. Ponto de saturação. Elevação desse ponto, com a elevação de temperatura.

Sobre o tema luz:

1.º — Faça-se o aluno observar a propagação da luz, deixando entrar por uma fresta, uma réstea de sol;

2.º — realizem-se práticas simples com espelhos planos para, fazer notar os princípios de reflexão. Leve-se o aluno a observar os efeitos fortuitos da reflexão sobre superfícies líquidas, metais, etc.;

3.º — faça-se observar a formação das imagens em espelho planos, concavos e convexos, levando a criança a comparações;

4.º — usem-se prismas para observação do processo de decomposição da luz, e relacione-se o observado com o fenômeno do arco-iris;

5.º — proponha-se a confecção de um "disco de Newton";

6.º — leve-se o aluno a notar:

a) — a impressão da localização do fundo de uma lata grande, cheia de água límpida;

b) — a impressão da visão de uma haste, mergulhada até o meio, num vaso com água límpida;

c) — a impressão da visão de uma moeda mergulhada no fundo de um vaso cheio de água.

11 — Preparação e execução de excursões, com objetivo de observação da natureza.

12 — Organização de um museu de classe, renovado anualmente, de modo que o material exposto, tenha significação vital para o aluno. Pode-se seguir aqui o seguinte processo:

a) — relacionando com as observações, ou referente às excursões, as crianças trarão aquele material que lhes pareça mais significativo. Periódicamente, discutir-se-á em classe a conveniência de conservar cada uma das peças;

b) — o aluno fará a ficha correspondente à peça colhida. Essa ficha terá feição mais ou menos uniforme. Nela serão designados: o nome da peça, a sua procedência, a data em que foi colhida, a descrição do ambiente, o que houve de interessante e até pequenos detalhes pitorescos, relacionados com o momento em que a peça foi colhida, como por exemplo: o Joãozinho, quando foi apanhar essa pedra, escorregou e caiu no rio;

c) — findo o ano letivo, o professor selecionará o material que julgar ser útil, e transferirá para o museu geral da escola, com a respectiva ficha.

13 — Continue-se com a prática de observação de fenômenos meteorológicos, pela organização de calendários agora mais amplos. Insista-se na observação da influência desses fenômenos sobre a vida na terra. Ensine-se a interpretar os boletins meteorológicos oficiais, publicados pela imprensa e pelo rádio. Realizem-se práticas simples para explicação de fenômeno como o orvalho, granizo, nevoeiro, relâmpagos, etc.

14 — Sugestão n. 10, do programa do 3.º ano.

**Ambiente de classe:**

O mesmo recomendado ao 3.º ano.

**Observações especiais:**

Procure alcançar os objetivos gerais e específicos do programa, através de todas as horas e todas as atividades escolares.

Considere de valor secundário a determinação da matéria aqui sugerida, que pode ser perfeitamente, substituída, adaptada ou ampliada.

Dê porém, grande importância aos processos escolhidos para determinação das reações desejáveis na formação moral, social e prática do aluno. É necessário fugir a tudo o que seja mecânico estático e morto, ou que exija

aquisição econômica, e buscar os temas e processos ativos de pesquisa escolar ou de contacto com as vidas social, animal e vegetal que o cercam. Essas observações aplicam-se também a todas as outras séries.

**Bibliografia para o professor:**

A mesma sugerida para desenvolvimento do programa do 3.º ano e mais: O recuo do meridiano — A. Ellio Jr.

## GEOGRAFIA

**Objetivos gerais:**

1 — Levar a criança, mediante, sobretudo, um trabalho pessoal de pesquisa e observação, ao conhecimento geral dos fatos geográficos, (a terra, a vida animal e vegetal que nela se desenvolve, o homem, — aí compreendendo-se a sua vida econômica, cultural e política, e compreendendo-se as relações entre os povos), levando-a a aprender as inter-relações necessárias.

2 — Dar à criança uma noção larga da geografia do Brasil e particularmente do Paraná.

3 — Dar-lhe uma noção da vida geográfica fora de sua Pátria, ao mesmo tempo que uma concepção geográfica geral da terra, considerada em si mesma e nas suas relações cosmográficas.

4 — Auxiliar a formação cívica da criança, fazendo-a sentir a vida de sua Pátria e as suas necessidades, levando-a a desejar contribuir para a solução de seus problemas objetivamente considerados.

5 — Dar à sua formação cívica um sentido complementar de solidariedade entre as nações, despertando na criança a simpatia pelos outros povos, a compreensão de sua vida, e fazendo-a compreender que tal solidariedade é um imperativo das condições da vida contemporânea.

6 — Levar a criança a uma ampliação de sua personalidade mediante o contacto com outras culturas, com outras formas de vida.

7 — Despertar na criança a curiosidade para as mil revelações que o conhecimento geográfico pode lhe proporcionar, dar-lhe hábitos de observação, de investigação bibliográfica, etc.

8 — Levar a criança a compreender o valor que a vida social representa para o indivíduo, e os deveres que daí decorrem para cada um.

9 — Levar o aluno à reflexão e interesse pelos problemas locais, ao estudo das soluções que eles exigem, etc., de modo a marcar o papel e a responsabilidade de cada um na organização da vida no meio em que ela se desenvolve.

**Matéria:**

1.º ANO

- Iniciação geográfica pelo estudo da localidade;
- Iniciação à orientação;
- A medida do tempo.

**Práticas:**

1 — Os alunos, nos dois primeiros dias de aula, visitam a escola, nas suas diversas dependências, aprendem a mover-se dentro dela, familiarizam-se com a sua nova casa.

2 — Conversação com as crianças sobre o percurso que elas fazem para vir à escola, sobre a maneira como vêm, etc. O professor mostrará, em mapa, representando com um pequeno quadrado, no chão, a escola, e indicando, depois, a situação da casa de cada aluno, pela direção e distância apenas.



3 — Conhecimentos da cidade, úteis para pequenos serviços que a criança possa prestar, referidos às circunvizinhanças da escola e circunvizinhanças de seu lar. Leva-las, assim, próximo. Ensinar a criança, com telefone de brinquedo, a telefonar para esses pontos e outros de utilidade.

4 — Alguns conhecimentos interessantes da cidade, cousas curiosas, etc. Palestras do professor, livre conversação instrutiva dos alunos, que contarão de lugares desse tipo que conheçam, etc.

5 — Idéia das profissões, partindo das profissões dos pais das crianças. Outras profissões conhecidas das crianças. O professor estimulará as crianças a uma livre conversação instrutiva a este respeito, levando-as a contar particularidades que conheçam. Baseados nessas conversas, brinquedos relativos às profissões. Idéia da igualdade do valor moral das profissões honestas.

6 — Relação das fontes de produção da localidade. Fábricas ou centros de produção agrícola e seus produtos. Livre conversação instrutiva.

7 — Mapa meteorológico, marcando as crianças o estado do tempo, mediante desenhos significativos feitos depois de observação, ou de memória (um homem tomando sorvete, um sol muito radiante, u'a mulher com guarda-chuva armado, etc.).

8 — Alguns acidentes geográficos da localidade, visíveis da escola ou que sejam de conhecimento da criança. O rio, a montanha que aparece ao longe, etc. O mar.

9 — Alguns acidentes geográficos que se possam apresentar às crianças tomando como ponto de partida uma livre conversação instrutiva em que as crianças contem os seus conhecimentos a respeito. Representação no taboleiro de areia dos acidentes geográficos aprendidos por esses processos.

10 — Orientação, partindo-se da noção de direita e esquerda, de em frente e atrás, e passando daí, depois de mostrar a relatividade de tais noções, à noção dos pontos fixos de referência, que serão marcados, de um modo geral, pela entrada e saída do sol. Aplicações numerosas.

11 — Conhecimento prático da medida do tempo. Dia, semana, meses e ano. Para isso:

a) — formar coleções de cartões grandes com os nomes dos dias da semana. Um aluno separa diariamente um cartão correspondente ao dia da semana, colocando-o à vista da classe, podendo mesmo anunciar: hoje é segunda-feira. No fim da semana, contam-se os dias. Nota-se a ordem em que eles aparecem. No fim do mês pode-se contar os domingos, as segundas-feiras, etc.;

b) — colecionar blocos de folhinhas, com os quais se podem fazer exercícios semelhantes;

c) — pendurar na classe cinco cartões mais ou menos do tamanho de uma folha de papel almaço com estampas ou desenhos que representem variações do tempo. Por exemplo: Num cartão, o dia de chuva; noutro, o dia de sol, noutro, de vento, noutro, de frio, noutro, de calor. Na parte inferior de cada cartão, haverá um porta-cartões onde irão sendo guardadas as folhas do bloco das folhinhas que forem sendo tiradas dia a dia e de acordo com o tempo que fizer. No fim do mês, retirando as folhas de cada porta-cartões, os alunos contarão para ver qual foi o número de dias de chuva, de sol, etc.

#### Ambiente de classe:

1 — Taboleiro de areia. Uma disposição muito prática e simpática do taboleiro de areia resulta de sua colocação em um dos ângulos da sala, no chão ou sobre u'a mesa, podendo ser as suas paredes coloridas, de um cereja sensível, por exemplo. Além do taboleiro de classe, é conveniente que a escola tenha, no pátio, outro grande, de 3 m x 3 m mais ou menos, dentro do qual as crianças possam trabalhar livremente e brincar na hora do recreio.

2 — Os mapas do tempo, feitos pelas crianças, serão expostos em classe, — dois ou três de cada vez, pregados com taxinhas, em lugar adequado para

exposições gráficas da classe. Esse local pode ser um quadro mural de madeira, de tom cinzento prateado fosco.

#### Bibliografia para o professor:

Como se ensina geografia: A. F. Proença.  
Programa de ciências do Distrito Federal — 1.º e 2.º anos.  
El Tesoro del Maestro — 3.º volume.

#### 2.º ANO

#### Materia:

- Geografia local;
- Cidades do Paraná;
- Nomes dos acidentes geográficos;
- Representação cartográfica.

#### Práticas:

1 — As crianças serão levadas a construir, no taboleiro de areia, os principais fatos geográficos da localidade, ou de memória, ou depois de observação ou por informações obtidas pelas crianças. Lembre-se aqui como processo excelente, levar as crianças ao conhecimento detalhado da região, mediante visitas sistemáticas e numerosas, depois de cada uma das quais far-se-á a reprodução, no taboleiro de areia, da nova porção conhecida, de modo que, terminada a série de visitas, resulte, na escola, uma miniatura da região, detidamente estudada.

2 — Estudar, por esse processo:

a) — o rio, lembrando as suas margens, o seu leito, o seu fundo pedregoso ou barrento, a sua velocidade, a sua direção e o motivo que a determina; cabeceira, nascente, etc.; o trabalho do rio, de carreamento, de sedimentação, de fertilização das zonas marginais; a sua ação de erosão. A sua influência na vida local, enchentes, meios de transporte, moinhos, etc., rodas de água, etc.;

b) — as irregularidades do terreno;

c) — as fontes de produção: fábricas, culturas, etc.;

d) — a localização de seus órgãos culturais, de administração, etc.

3 — Estudar o clima, a composição da população, as suas ocupações, as produções da localidade, os costumes dos habitantes, as autoridades locais, os meios de comunicação.

4 — Animais e plantas da localidade. Importância para o homem.

5 — Representação, no taboleiro de areia, dos fatos acima, que o possam ser, e transcrição, posterior, em uma carta geográfica.

6 — Idéia das convenções topográficas e levantamento de cartas topográficas rudimentares, ao modo dos escoteiros, ou jogando com a imaginação dos alunos, com apelo à sua atração pela vida dos aventureiros, etc.

7 — Para o estudo das cidades do Estado, usar, por exemplo, da livre conversação instrutiva, apelar para os conhecimentos dos alunos, mostrar fotografias, retratar as cidades, contando particularidades suas, pedir as pessoas que viveram aspectos típicos e curiosos de cada região que venham narrá-los às crianças, levar os alunos a realizar investigações junto aos maiores, etc.

#### Ambiente de classe:

1 — Organize-se um pequeno museu de geografia local. Nesse museu, em que cada peça terá a sua ficha, como se faz no ensino da história nacional, podem figurar desenhos ilustrativos feitos pelos alunos, etc.

2 — Arquivo geral dos trabalhos dos alunos, em lugar visível.

Nota: — O ensino da geografia local deve ser matéria de todos os demais anos seguintes do curso primário, de maneira a criar nos alunos a consciência dos problemas de sua localidade e da maneira de enfrentá-los e resolvê-

los. Visa-se com isso, a mais profíqua influência da escola na solução dos problemas locais.

### 3.º ANO

#### Matéria:

- A terra; forma e nascimentos; regiões; mares e terras; continentes e oceanos; os países;
- As raças;
- Localização do Brasil na América; sua divisão em Estados e as capitais destes;
- As grandes regiões do Brasil, — seus grandes rios, sua produção fundamental, o seu homem;
- idem em relação ao Paraná;
- Interpretação cartográfica.

#### Práticas:

Evidentemente, para ensinar o programa desta série, não é necessário "passar pontos" à criança, para esta decorar. Podem ser usados processos como os seguintes:

- 1 — A exposição sistemática e clara do professor, objetivada o mais possível, o mais possível relacionada com a experiência da criança, e feita mais ao modo de narração viva, — uma informação para a imensa curiosidade infantil;
- 2 — Depois, como processos de fixação, por exemplo:
  - a) — as festas, os hábitos de vida em várias regiões do mundo, em várias regiões do Brasil;
  - b) — coleção de formas, postais, selos;
  - c) — desenho de paisagens típicas referentes a várias regiões do mundo e do Brasil;
  - d) — recortar, em madeira, com serra tico-tico o contorno do mapa do Brasil. Utilizar esse recorte para traçar esse contorno muitas vezes, fazendo uma coleção de mapas que são verdadeiros apontamentos pessoais e vivos, que reflitam as narrações ouvidas, as leituras feitas, etc. — localizando as cidades em um, os rios em outro, num terceiro a distribuição da produção, das vias aéreas, das ferrovias, etc.;
  - e) — leituras: revistas, viagens, etc.;
  - f) — livre conversação instrutiva;
  - g) — projeções cinematográficas;
  - h) — correspondência escolar;
  - i) — pedir a pessoas que conhecem outras regiões, que venham palestrar com as crianças sobre elas;
  - j) — uso abundante dos mapas para acompanhar neles todas as atividades anteriores.

#### Ambiente de classe:

O mesmo recomendado ao 2.º ano, agora mais amplo quer em relação às coleções, mapas, albuns e curiosidades do museu, como também em relação ao material de leitura. A coleção do "Tesouro da Juventude", é neste sector altamente recomendável. É interessante também a inclusão na mesa de leitura, de livros de leituras geográficas.

#### Bibliografia para o professor:

A mesma recomendada para as séries anteriores.  
Programas de ciências do Distrito Federal — 3.ª, 4.ª e 5.ª séries.

### 4.º ANO

#### Matéria:

- O céu e nosso sistema solar;

- Idéia clara dos acidentes geográficos dominantes em cada região do Brasil, das agrupações humanas e sua vida nessas regiões;
- Idem, do Paraná;
- Os problemas da geografia humana local;
- Os principais países do mundo e suas capitais;
- As formas de governo.

#### Práticas:

- 1 — Todas as feitas para o 3.º ano.
- 2 — Discutir com os alunos alguns problemas ao seu alcance, de ordem administrativa, econômica e cultural da geografia local, do Estado, do Brasil.
- 3 — Elaboração de pequenos relatórios, mediante investigação pessoal, sobretudo investigação bibliográfica, relativos, por exemplo, a um certo rio, ou a uma certa região, etc.
- 4 — Leituras geográficas atraentes e sugestivas.
- 5 — O caminho dos grandes descobrimentos, a sua aventura; grandes exploradores, etc.
- 6 — Acompanhar pelo jornal, no mapa, acontecimentos mundiais de significação educacional.
- 7 — Desenhar trajes característicos de diversos países ou diversas regiões do Brasil.
- 8 — Ler relatórios de viagens etc., e acompanhá-los no mapa.
- 9 — Escolher, por exemplo, um rio, ou uma ferrovia. Com um mapa, fazer uma relação das localidades por onde passa.
- 10 — A vida para nós estranha dos desertos, das regiões polares, etc.
- 11 — Estudo raciocinado da geografia local.
- 12 — Organização de museu regional.
- 13 — As festas, os hábitos regionais do Brasil, de outros países.

#### Ambiente de classe:

As mesmas recomendações feitas para organização dos 2.º e 3.º anos.

#### Observações especiais:

Recorde o professor que o valor da aprendizagem é proporcional à quantidade e qualidade de experiência pessoal. É interessante, que além das coleções de colaboração que fornecerão o museu do ano, promova-se a organização de alguns e coleções individuais. O material dos anos anteriores servirá de estímulo às novas pesquisas e coleções.

Conservem-se entretanto as peças de mais valor, que passarão a integrar o museu geral da escola.

#### Bibliografia para o professor:

A mesma recomendada às séries anteriores

## HISTÓRIA PATRIA

#### Objetivos gerais:

- 1 — Auxiliar o desenvolvimento do sentido cronológico, no espírito infantil.
- 2 — Auxiliar a formação da consciência do indivíduo, como um elemento componente de um grupo social.
- 3 — Formar e fortalecer um sentimento de responsabilidade, como consequência natural do sentimento de comunidade.
- 4 — Desenvolver um sentimento de civismo despertado e alimentado por um ensino de vivências.
- 5 — Criar um interesse pelo desenvolvimento presente e futuro da vida nacional.

### 1.º ANO

#### Objetivos específicos:

- Ao completar o 1.º ano é preciso que a criança:
  - tendo vencido características egocêntricas de seu comportamento, passa mostrar um real interesse pela vida de sua classe e de sua escola;

— tenha aprendido e considerar a sala, mobiliário, muros e jardins da escola, algo sobre que precise velar como patrimônio geral;

— tenha, não apenas o conhecimento da história da escola e da classe, mas tenha contribuído conscientemente para ela, enfim tenha feito história, e sinta nisso uma real satisfação;

— tenha levado até o lar o desejo de cooperar;

— aprecie afetivamente o aspecto e a vida de sua cidade;

— conheça a razão da denominação de certas ruas, praças, escolas, monumentos, etc., não através de uma longa biografia, mas por uma simples informação; foi um poeta, um professor, um grande médico, etc.

**Práticas:**

1 — Explore sugestões de conversação livre, do programa de linguagem oral, e oriente-a no sentido desejado: a criança, o lar, a escola.

2 — Explore também as palestras sugeridas para orientação do programa de geografia, e ensine a criança a ver a classe, a escola, as circunvizinhanças, a cidade enfim, sob vários aspectos.

3 — Faça com as crianças um balanço sobre as atividades da semana, ou do mês;

a) — em roda de conversação;

b) — examinando os quadros de ocorrências escolares.

4 — Faça passeios rápidos ou excursões mais longas, tirando proveitos de sentido histórico.

5 — Aproveite datas, notícias, etc., como motivos ocasionais.

**Ambiente de classe:**

Conforme as sugestões práticas do programa, o ambiente de classe é o comum. Trata-se de conhecer um ambiente e nele se integra. É entretanto prover a coleção de estampas, da mesa de leitura, de motivos de interesse histórico: gravuras, fotografias, desenhos, etc.

**Observações especiais:**

Na aplicação da sugestão número 5, empregue o professor a forma de exposição, auxiliada por ilustrações gráficas. Empregue a metodologia das rodas de história. Mas tenha o cuidado de ao pintar os fatos, fazer maior apelo ao instinto social, de que ao lutador. Conserve esse princípio através do ensino em todas outras séries.

**Bibliografia para o professor:**

Pela escola ativa — Firmino Costa.  
El Tesoro del Maestro — III volume.

**2.º ANO**

**Objetivos específicos, em correspondência com o programa de geografia:**

Ao completar o 2.º ano é preciso que a criança:

— possa apreciar a vida atual de sua cidade pelo conhecimento de seu processo evolutivo;

— tenha um conhecimento também de valor histórico social, sobre outras cidades, regiões, bem como do Estado em geral;

— tenha uma impressão da posição de seu Estado entre os demais estados da União;

— tenha noções mais profundas em relação aos fatos alusivos a datas nacionais em transcurso.

**Práticas:**

1 — O ponto de partida do conhecimento do passado da cidade podem

ser palestras vividas, por pessoas que conheçam antecedentes históricos locais e venham narrá-los para as crianças.

2 — Estampas, fotografias, albuns, objetos antigos, bem como lendas, histórias, episódio enriquecerão as narrativas do professor, que empregará também inteligentemente o processo comparativo: como era, como é, o ontem e o hoje, dão vida e cor à história.

3 — Chame a atenção do aluno para o marco da cidade, e crie a situação para levá-lo a conhecer a história de sua fundação.

4 — Leve-o a visitar a Câmara Municipal, ou conte-lhe de sua significação na vida da cidade.

5 — Explique-lhe a razão do progresso de certos pontos do Estado e do relativo atraso de outros.

6 — Tocando numa cidade qualquer, conte a criança dos homens notáveis, conte-lhe do que fizeram, e se puder mostre-lhe o que fizeram. Mortes, a terra de Turim, Paranaguá o berço de poetas e pintores, etc.

7 — O Paraná como uma província de S. Paulo. Razões e conseqüências.

8 — Aproveite sempre os motivos ocasionais.

**Ambiente de classe:**

O mesmo recomendado ao 1.º ano.

**Observações especiais:**

Não desligue esta disciplina da aprendizagem da geografia. Percorra um único caminho, tirando dele todo o proveito possível. Desenvolva centros de interesse por exemplo: a cidade; os meios de transporte; viagem de Curitiba a Paranaguá, etc. Não insista e não exija precisão de datas; faça pontos de referência muito hábeis. Continue a usar ilustrações gráficas e plásticas e comece a dar valor ao instinto colecionador da criança.

**Bibliografia para o professor:**

A mesma recomendada para orientação do 1.º ano e mais:  
Metodologia da História no curso primário — Jonatas Serrano.  
História do Paraná — Romário Martins.  
Mapas de História do Brasil — Esmeralda Lobo.

**3.º ANO**

**Objetivos específicos:**

Ao terminar o 3.º ano, é preciso que a criança:

— tenha uma visão geral da história de nossa Pátria, do descobrimento à proclamação da República, adquirida naturalmente, pelo conhecimento dos fatos mais representativos de sua evolução política e social;

— demonstre um interesse cada vez maior pela vida da escola e da localidade;

— esteja ao par do movimento atual da vida nacional, em relação aos fatos de maior interesse educacional;

— tenha aprendido a apreciar o valor da contribuição artística e científica, no processo de engrandecimento das nações.

**Práticas:**

1 — Apelo à curiosidade e imitação da criança, e conseqüente adoção do processo de contar os fatos em episódios, artisticamente armados e habilmente cortados, quando o assunto a isso se prestar; por exemplo: o descobrimento da terra, as primeiras explorações, etc.

2 — Apelo a curiosidade, levando o aluno a fazer pesquisa sobre um pro-

blema enunciado, por exemplo: porque vamos encontrar no episódio seguinte toda a família real portuguesa, instalada na colônia?

3 — Contribuição da História às rodas de leitura oral:

a) — procurar e preparar leitura de poesias alusivas a determinado fato histórico;

b) — procurar e preparar a leitura de poesias, narrativas, etc., de determinados autores;

c) — procurar e preparar a leitura de pequenas biografias, de vultos como Oswaldo Cruz, Carlos Gomes, Itiberê da Cunha, Euclides da Cunha, Machado de Assis, Santos Dumont, Ana Néri, Castro Alves, Bilac, etc.

4) — Organizar albums de recortes de fotografias, gravuras, etc., com pequenas notas alusivas ao vulto ou ao fato.

5 — Dramatizar imediatamente após a exposição breve e incisiva do professor. Procure-se interpretação pessoal da criança, jogando-se por exemplo com a emulação, isto é, pedindo a mesma interpretação, ou melhor, a interpretação do mesmo fato a várias crianças.

6 — Leitura bem orientada de jornais bem escolhidos. Exploração inteligente de notícias do tipo: o trabalho de Cesar Lattes, a expedição às terras dos Xavantes, etc.

7 — Sugestão de matéria para resolução do primeiro ponto do mínimo exigido:

a) — o descobrimento;

b) — os habitantes da terra;

c) — as primeiras explorações;

d) — a administração da colônia;

e) — o reino;

f) — a independência e primeiro império;

g) — o segundo império;

h) — República.

#### Ambiente de classe:

O mesmo recomendado ao 1.º ano.

#### Observações especiais:

As mesmas feitas para desenvolvimento do programa do 2.º ano.

#### Bibliografia para o professor:

Metodologia da História na escola primária — Jonatas Serrano.

Pela escola ativa — Firminc Costa.

El Tesoro del Maestro — III volume.

História do Brasil para crianças — Viriato Correia.

Mapas de História — Esmeralda Lobo.

### 4.º ANO

#### Objetivos específicos:

A conclusão do 4.º ano, dará ao aluno:

— uma noção mais completa a respeito de nosso desenvolvimento histórico;

— o hábito de seguir interessadamente o movimento político, científico, artístico, econômico e social da vida nacional da atualidade.

#### Práticas:

1 — Todas as feitas para o desenvolvimento do programa do 3.º ano, variando naturalmente os motivos.

2 — Adoção do sistema de pesquisa bibliográfica para fins de debates bem orientados.

3 — Pontos interessantes para resolução do mínimo exigido:

a) — o século das invenções e descobertas;

b) — as invasões estrangeiras;

c) — a marcha para o oeste;

d) — os movimentos para a independência;

e) — a independência e o primeiro império;

f) — o segundo império e seus sinais mais representativos; a influência do grande imperador sobre os movimentos artísticos e cultural. Os romancistas e os poetas. O Colégio. Os melhoramentos materiais. A abolição: precedentes e consequências. A imigração, etc..

g) — República — Os grandes presidentes e seus feitos. Os grandes homens da República.

#### Ambiente de classe:

O mesmo recomendado as séries anteriores, naturalmente com recursos mais amplos quer em relação ao material de consulta, quer em relação ao de ilustração.

#### Observações especiais:

Todas as feitas às séries anteriores. Na exposição, além daqueles cuidados de intensidade e naturalidade de narrar, cuide o professor da seleção dos fatos. Lembre-se que a curiosidade, a lenda, a anedota não só atraem mais facilmente o auditório, como também revelando tendências e características da época e do vulto, auxiliam a gravação do essencial.

Explore esses meios com inteligência. Não dê pontos para serem copiados pelos alunos. Ensine-os a organizá-los pessoalmente, através de apontamentos para pesquisas, ou relatórios escritos, quando o assunto exigir. Se não confie na intensidade da tua orientação de aprendizagem e escolha meios de exame que não exijam o estudo de memorização. Organize testes por exemplo.

#### Bibliografia para o professor:

A mesma indicada para o 3.º ano.

## INICIAÇÃO MATEMÁTICA

### Aritmética

#### Objetivos gerais:

Tem sido o ensino da aritmética e a sua rica possibilidade educativa por demais sacrificada à rotina e à indiferença limitando-se o seu ensino ao simples domínio da mecânica do cálculo.

Para se ter uma idéia mais justa do verdadeiro sentido que é preciso dar a tal ensino, apoiamo-nos na idéia de Leo J. Brueckner, mencionado por Faria de Vasconcelos.

Dentro dessa larga maneira de ver, tais seriam as funções do ensino da aritmética:

1.º — “A função de cálculo”, que “consiste na aprendizagem e na prática da operação e processos de cálculo”. Acrescentariam os que essa prática deve estar organizada de modo a que tal ensino coloque o cálculo sempre em função de situações e problemas de ordem aritmética. Aprender, por exemplo, a multiplicar, somente para saber multiplicar, é algo absolutamente inútil, que somente a mais superficial concepção pedagógica pode aceitar e tolerar.

“Além dessa função há que notar a função de informação que implica o ensino de vários aspectos da aritmética, de modo tal que esta disciplina adquira uma riqueza de sentido que não é possível alcançar, quando se consagra o tempo à função apenas de cálculo. Assim, uma criança aprende a fazer a troca de moedas como uma operação de cálculo. Mas a real significação social do conceito da moeda não se torna clara se o professor não chamar ao mesmo tempo a sua atenção para o fato de que a moeda é o produto final dum grande número de esforços da raça humana, para desenvolver um meio eficaz de expressar o valor. Uma criança pode apreciar a diferença entre a troca e os nossos modernos sistemas de valores, pode sentir a simplicidade e a utilidade do sistema de câmbio que compreende elementos como cheques, letras, notas, obrigações, etc. Do mesmo modo, grande riqueza de sentido pode ser descoberta nos conceitos de comprimento, área, peso, tempo, volume e outros aspectos quantitativos do meio. O trabalho em aritmética desde este ponto de vista considerará várias matérias como grandes unidades para o estudo. Não há razão para que a arte do tempo em aritmética não seja consagrada a problemas de significação social, por causa da informação que nêles adquire a criança, mais do que por causa da prática que fornecem para calcular. Por conseguinte, o ensino da aritmética tem por função, não só a aprendizagem das operações e processos de cálculo, mas também a compreensão da significação social dos fatos e relações quantitativas do meio”. Vem daí:

“I — a aplicação da aritmética a várias situações da vida que oferecem aspectos quantitativos;

II — a utilização das oportunidades que, sob este ponto de vista, oferece as diferentes disciplinas para enriquecer e vitalizar a significação e utilidade do número;

III — a compreensão do papel vital que o sistema numérico tem desempenhado no progresso social, econômico e industrial;

IV — a escolha de problemas, não meramente por causa da prática que eles proporcionam para efeito de cálculo, mas, em parte pelo menos, pela significação social que encerram”.

“A função sociológica consiste na contribuição importantíssima da aritmética para a viva compreensão dos aspectos das atividades econômicas — produção, consumo, etc., — e das relações sociais que se prestam ao estudo e análise quantitativa, o que implica:

I — a familiarização do aluno com as atividades da agricultura, do comércio, da indústria, dos meios de transporte, da vida doméstica, etc.;

II — a familiarização do aluno com a aritmética das atividades cívicas: contribuições, impostos, taxas, etc.;

III — a compreensão das vantagens da prosperidade pessoal, da economia e da previdência, da escrituração das receitas e despesas, da elaboração do orçamento pessoal, etc.;

IV — capacidade e hábito de aplicar as operações, processos e regras aritméticas à solução dos problemas que a vida econômica, doméstica, cívica, social, suscita e que o indivíduo tem que resolver como consumidor, como produtor, como chefe de família, como cidadão”.

1.º ANO

Matéria:

Ao terminar o 1.º ano convém que a criança esteja apta a resolver situações que impliquem o conhecimento da matéria seguinte:

1 — Numeração:

a) — De 0 a 10.

I — Sistematização e ampliação dos conhecimentos que a criança tenha trazido de casa, relativos aos dez primeiros números e às suas combinações mais rudimentares. Trabalho oral e concreto, sem referência aos símbolos gráficos, e, sempre que possível, referido a situações interessantes para a criança;

II — Noção de primeiro, segundo, último, etc.;

III — Conhecimento dos símbolos escritos, até dez, — e de sua significação;

IV — Adição e subtração concretas, até dez; conhecimento dos sinais de adição, subtração e igualdade. Mais tarde, conhecimento dos sinais de multiplicação e divisão;

V — Lição do zero.

b) — Até 99.

I — A idéia de dezena. A dezena mais um, mais dois, até 19. Duas dezenas;

II — Duas dezenas mais uma unidade, mais duas, duas dezenas e nenhuma unidade mais. Significação do zero na coluna das unidades;

III — A série natural dos números inteiros até 99;

IV — Cálculo mental: achar o complemento aritmético dos nove primeiros números inteiros: 1-9, 2-8, 3-7, etc.;

V — Contagem rítmica de 2 em 2, de 5 em 5, etc. Pode-se fazer o exercício escrito;

VI — Números pares e ímpares até dez;

VII — Divisões concretas que não excedam o número doze;

VIII — Cálculo oral e escrito, com auxílio de material concreto somente enquanto for necessário, de adição e subtração em que não se exceda a 19. Considerar separadamente, sem omissão, séries de exercícios de cada um dos tipos seguintes: 9 mais 3; 12 mais 3; 12 menos 3; 15 menos 3. Escrita dos

elementos das operações em colunas, quer dizer, realização formal da operação;

IX — Adição e subtração, com auxílio de material concreto enquanto necessário, em que não se exceda ao número 99, — sem que se tenha que jogar com reservas, — realizados por escrito, de maneira formal, isto é, com os elementos das operações dispostos em colunas;

X — O mesmo que no caso anterior, com o uso de reservas, considerando-se separadamente, sem omissão, séries de exercícios de cada um dos dois tipos seguintes: 26 mais 6; 66 menos 37;

XI — O mesmo que no caso anterior, no caso porém de ser necessário jogar com o zero nos elementos dados ou no resultado. Exemplo: 30 mais 76; 30 menos 15; 43 mais 27; etc.;

XII — Exercícios dos tipos IX, X e XI dados fora das séries;

XIII — Cálculo oral: arredondar um número, isto é, ver quanto lhe falta para chegar à dezena seguinte. Por exemplo: a 35 é preciso juntar 5 para chegar a 40;

XIV — Cálculo oral: Dar ao aluno o número 8, por exemplo, para que ele encontre que 8 é igual a 7 mais 1; a 6 mais 2, a 9 menos 1, etc.;

XV — A multiplicação como um caso particular da adição: 2 mais 2, mais 2 é igual a 3 vezes 2;

XVI — Iniciação ao estudo sistemático da divisão. Divisões concretas;

XVII — Números pares e ímpares maiores que 10;

XVIII — Cálculo oral: a metade dos números pares menores que 12;

XIX — Uso de aparelhos ou jogos para conhecimento dos produtos dos números dígitos, ou, simplesmente, exercícios com grãos de milho, etc., a esse respeito;

XX — Idem para a divisão.

c) — Até 1000.

I — Os números até 1000;

II — Adição com números de 3 algarismos, com duas parcelas, com transporte apenas em uma coluna;

III — Idem, apresentando a dificuldade particular do zero em uma das colunas. Idem, com um zero em uma das casas do resultado;

IV — Adição com três e quatro parcelas, graduando-se as dificuldades, como anteriormente;

V — Caso geral da adição;

VI — Subtração, procedendo-se de modo gradual, como se fez agora com a adição;

VII — A multiplicação formal por dois, considerando-se, separadamente, sem omissão, séries de exercícios de cada um dos tipos seguintes: 43 vezes 2; 3 vezes 2; 60 vezes 2; 25 vezes 2; 65 vezes 2; idem, com números maiores que 100;

VIII — A multiplicação formal por 5 e depois por 3 e por 4, organizando-se, como nos casos anteriores, exercícios graduados que abranjam todos os casos, sem exceção, de transporte de reservas e do uso do zero. Considere-se que as dificuldades maiores deixem exigir mais exercício. Procure, pois, professor atender rigorosamente aos pontos de maior dificuldades para os seus alunos;

IX — Divisão formal do tipo 46 divididos por 2;

X — Idem, do tipo 126 divididos por 2;

XI — Idem, do tipo 72 divididos por 3;

XII — Idem, do tipo 73 divididos por 3;

XIII — Aplicação dos exercícios dos tipos anteriores a divisões maiores, dividendo, porém, sempre inferior a 1000;

XIV — Uso geral das quatro operações até 1000, limitadas a multiplicação e a divisão aos casos em que o multiplicador e o divisor não excedam a 5;

XV — Problemas abundantes, relacionados com os objetivos gerais do ensino da aritmética. Os exercícios de todas as letras anteriores devem, sempre que possível, fazer-se relacionados com problemas concretos, ligados do círculo dos interesses da vida escolar e doméstica dos alunos, de

seus jogos, etc. Será conveniente habituar o aluno a formular e resolver problemas por si mesmo.

2 — Elementos fracionários:

- a) — idéia de metade;
  - b) — idéia do terço, quarto, etc.;
  - c) — idéia de frações muito simples como  $\frac{2}{3}$ ,  $\frac{2}{4}$ , etc.;
  - d) — operações muito simples com frações simples.
- 3 — Medidas. Exercícios com medidas naturais.

4 — O ensino da geometria deve limitar-se, no 1.º ano, a uma simples ampliação do vocabulário infantil.

#### Práticas:

1 — Quando as crianças forem chegando para as aulas, vá o professor contando-as, uma por uma, diante dos outros alunos que o cercam. Fulano foi o primeiro menino que chegou hoje. Beltrano foi o último. Sicrano foi o segundo. Já chegaram 4 meninos e 2 meninas. Hoje faltaram 5 alunos. Etc.

2 — Aproveite, dêse mesmo modo, todas as oportunidades para contar, em voz alta, para os seus alunos, até 10.

3 — Leve a criança a colocar sobre a carteira tantos palitos quantos dedos levantar a professora; de início a professora levantará um ou dois dedos apenas.

4 — Mostrar um certo número de objetos (2, 3, etc.), à criança e pedir-lhe que mostre o mesmo número de palitos ou o mesmo número de dedos.

5 — Dar, com um ritmo regular, um certo número de pausas num objeto bastante sonoro e pedir que a criança reproduza esse numero batendo palmas ou de outro modo.

6 — Contagem com ritmo: pequenas rondas infantis que envolvam a enunciação da série numérica. Exemplo: 1 e 2 e 3, e 4 e 5 e 6, e 7 e 8 e 9, para 12 faltam 3.

7 — O professor coloca em frente da classe 3 ou 4 crianças; um aluno vem distribuir dois palitos para cada criança. Depois, os outros alunos repetem a distribuição em suas próprias carteiras, como si estivessem distribuindo aos seus colegas da frente da classe.

8 — Fazer cortar uma folha de papel em 2, 3, 4 partes iguais.

9 — Fazer repetir um movimento um certo número de vezes;

10 — Enfiar bolas, por exemplo de 2 em 2; 2 vermelhas, 2 azuis, 2 amarelas, etc.

11 — Fazer grupos com quantidades grandes de palitos, grãos de milho ou outros e levar as crianças a agrupá-los de 10 em 10.

12 — Colocar sobre a mesa 19 palitos; cada criança fará o mesmo em sua carteira; ajuntar mais um palito; há, agora, dois grupos de 10, 2 dezenas, vinte.

13 — Pequenas historietas que envolvam problemas aritméticos, com objetivação de gravuras ou pelo professor no quadro negro, ou de outra maneira qualquer, como, por exemplo, supondo que a carteira do aluno é um campo onde estão 12 bois pastando (os bois são representados por palitos ou grãos de milho); fugiram 3, vieram mais 2, etc. Chegou o dono e viu isso e aquilo, etc.

14 — Suponhamos que se trata de escrever 53; separemos os feixes de dezenas de palitos. Cinco feixes, quer dizer, 5 dezenas, e mais 3 unidades. Escrevemos 5 dezenas primeiro e depois, ao lado, 3 unidades. Fica 53. Fazer muitos exercícios desse gênero, realizando a separação concreta dos palitos, até que a noção sugerida aqui se torne absolutamente familiar às crianças.

15 — Problemas resultantes de dramatizações muito simples.

a) — medir o percurso feito por automóveis de brinquedo e comparar as distâncias. A metade, o dobro, mais da metade;

b) — pedir às crianças que dividam uma folha de papel em 2, em 3, em 4 partes iguais;

c) — fazer a divisão de objetos concretos, palitos, botões, pessoas; a noção de meio, de um terço, etc.;

d) — dividir grupos de objetos entre crianças, fazendo exercícios de frações;

e) — fazer as crianças recortarem tiras de papel em partes iguais e fazer exercícios iniciais da adição e subtração de frações homogêneas.

17 — Prática de medidas: Aproveitar e estimular o aparecimento de oportunidades para medidas. São exemplos de tais oportunidades:

a) — distribuição de alimentos aos animais na escola;

b) — compras que a criança realiza;

c) — o peso e a medida dos animais na escola, expressos em coleções de caroços de pêssego, em pedaços de barbante, etc.;

d) — medida de quantos palmos tem a sala de aula; quantos passos tem o pátio, etc.;

e) — medida de com quantas chicanas de areia é possível encher um pacote. Três crianças são destacadas para essa atividade, enquanto as outras fazem uma atividade coletiva qualquer.

#### Ambiente de classe

As atividades determinadas pelas outras disciplinas, farão o ambiente ideal para determinação das situações ideais para resolução dos problemas de contagem, medidas e pequenas operações. Como material auxiliar para o ensino é conveniente a existência de um contador, de mapas Parker, albums de gravuras, etc.

#### Observações especiais:

Na impossibilidade de indicarmos aqui sugestões completas para a prática do ensino de toda a matéria, pois isso alongaria demasiado este capítulo, limitando-nos a algumas sugestões não sistemáticas, sobretudo relativas ao primeiro período de ensino àquele em que as necessidades de objetivação são mais imperativas. Tais sugestões não constituem, como se vê desde logo, um guia didático completo, mas apenas exemplos de processos que esclarecem o mestre sobre a natureza do ensino nesse período e sobre a maneira de resolver alguns problemas que ele tem, então, de vencer.

#### Bibliografia para o professor:

- Jogos educativos — Decroly.
- Pedagogia científica — M. Montessori.
- A nova metodologia da aritmética — Thorndike.

#### 2.º ANO

#### Matéria:

- Ao completar o 2.º ano, o aluno deverá:
  - lêr e escrever até milhões;
  - resolver problemas sobre as quatro operações de números inteiros;
  - ter ampliado e consolidado as idéias de frações adquiridas no 1.º ano;
  - conhecer a numeração romana até trinta, em função de sua utilidade;
  - conhecer praticamente certas medidas convencionais;
  - conhecer as horas;
  - conhecer as denominações das principais figuras geométricas.

#### Práticas:

Para resolver as dificuldades apresentadas pelos novos casos de multiplicação e divisão, adote a seguinte apresentação:

1 — Multiplicação:

I — Estudo da formação das táboas do 2 e do 5; do 10; depois, na ordem indicada aqui: a do 3 e do 4; a do 9; a do 6; a do 8; e a do 7;

II — Multiplicação formal, com dois ou mais algarismos no multiplicando, seguindo-se a ordenação abaixo:

1.<sup>a</sup> etapa: Exemplo: 21 vezes 13.

Quer dizer, dois algarismos no multiplicando e dois no multiplicador, sem levar reservas à coluna seguinte.

2.<sup>a</sup> etapa: Exemplo: 72 vezes 35.

Dois algarismos também em cada dado, com transporte de reservas para a coluna seguinte.

3.<sup>a</sup> etapa: Exemplo: 70 vezes 35.

É o caso da dificuldade especial de introduzir o zero no final do multiplicando.

4.<sup>a</sup> etapa: Exemplo: 32 vezes 20.

O zero está agora no final do multiplicador e a criança deve acostumar-se a baixá-lo sem multiplicar.

5.<sup>a</sup> etapa: Exemplo: 70 vezes 70.

Não oferece novas dificuldades, porém os zeros são uma fonte de erros e devem merecer uma atenção especial.

6.<sup>a</sup> etapa: Exemplo: 378 vezes 72.

A novidade consiste em aumentar os algarismos do multiplicando.

7.<sup>a</sup> etapa: Exemplo: 370 vezes 35.

8.<sup>a</sup> etapa: Exemplo: 204 vezes 72.

O zero no centro do multiplicando oferece dificuldade e confusão, que é preciso vencer com bastante prática.

9.<sup>a</sup> etapa: Exemplo: 279 vezes 30.

10.<sup>a</sup> etapa: Exemplo: 308 vezes 40.

11.<sup>a</sup> etapa: Exemplo: 175 vezes 1,6.

Multiplicação de decimais.

12.<sup>a</sup> etapa. Deve consistir na combinação de todas as dificuldades que as etapas anteriores encerram e de todos os elementos que nelas entram.

Observação: Entre cada duas etapas deve-se pôr um número de problemas práticos que se resolvam com as multiplicações elementares cujo exercício se realizou.

2 — Divisão, dentro da ordenação seguinte:

1.<sup>a</sup> etapa: Exemplo: 2468 divididos por 2.

Isto é, o divisor é dígito e as unidades das diversas ordens do dividendo são divisíveis pelo divisor.

2.<sup>a</sup> etapa: Exemplo: 24.437 divididos por 7.

O divisor ainda é um dígito, mas as unidades das diferentes ordens do dividendo não são divisíveis por ele.

3.<sup>a</sup> etapa: Exemplo: 7435 divididos por 100.

O divisor é a unidade seguida de zeros.

4.<sup>a</sup> etapa: Exemplo: 8532 divididos por 300.

O divisor é um algarismo qualquer seguido de zeros.

5.<sup>a</sup> etapa: É o caso em que o divisor é formado de mais de um algarismo, qualquer que ele seja. Decompõe-se em dois casos: primeiro, em que o quociente é um número dígito e em que o divisor tem dois algarismos, sendo o das unidades 1 ou 9. Exemplo: 495 divididos por 79 e 495 divididos por 71. A razão está na proximidade que 71 e 79 guardam em relação a 70 e 80 respectivamente, o que facilita para a criança o trabalho de achar o quociente. Segundo: o quociente, um número de mais de um algarismo, sendo o divisor formado de dois algarismos, o das unidades 1 ou 9.

6.<sup>a</sup> etapa: Caso geral da divisão, compreendendo: primeiro, cada resto parcial tem um algarismo; segundo, cada resto parcial tem dois algarismos; terceiro, cada resto parcial tem três ou mais algarismos.

Outras sugestões:

1 — "Usar anúncios simples de jornal para que deles os alunos formem problemas concretos".

2 — "Formar grupos de vendedores e compradores. Os vendedores reu-

nem tudo quanto pode constituir atrativo para os colegas (fazendas, gravuras, retratos, livros, brinquedos e objetos variadíssimos). Fazer com que os compradores realizem compras calculando previamente os gastos. Que os vendedores emitam faturas de todas as vendas. Convidar os vendedores a terem um registro exato das entradas e dos gastos. Propôr aos dois grupos operações que exijam um cálculo mais complicado, feitas sobre objetos reais e mensuráveis".

3 — Contos aritméticos.

4 — Para facilitar a aprendizagem da taboada adote o professor a taboada de Pitágoras, organizando-a com os seus alunos e colocando-a em lugar bem visível na frente da classe, para que todos os alunos sem levantar, possam ver os produtos desejados. Independente disso, cada aluno pode fabricar a sua taboada de Pitágoras, pequena, e tê-la sempre à mão.

5 — Distribuam-se aos alunos, em folhas de formato almanaque, séries de exercícios de cada um dos tipos indicados para este ano. Cada folha corresponderá a um tipo. Organize-se, assim, uma coleção completa de exercícios em folhas numeradas de modo bem visível. Jogando com o instinto lutador da criança, deve o professor incitá-la a vencer as folhas de exercícios. Isso será a maneira de realizar a individualização do trabalho aritmético, progredindo cada criança dentro das suas possibilidades. Ou então: organize o professor exercícios para treino, consistindo em grupos de 5 a 10 cálculos pequenos, ordenados de modo que cada exercício reforce as técnicas envolvidas no precedente e habilite o aluno a melhor aprender as do subsequente. Esses exercícios devem ser precedidos de motivação e apresentados em situação de jogo.

6 — Para o estudo da numeração adotar a processuação de Montessori ou outra que dela se aproxime.

7 — Para o segundo ano, recomendamos as práticas seguintes, relativas à geometria:

a) — peça o professor aos seus alunos que façam uma enumeração, em uma tira de papel, de todos os objetos da sala de aula, de que se lembrem, que vejam em um passeio em volta da escola feito especialmente para isso, etc.; — que se reduzam a uma determinada forma geométrica;

b) — o mesmo exercício anterior em forma de competição entre grupos de alunos, que trabalhem coletivamente;

c) — leve o professor os seus alunos a, partindo de folhas de papel quadradas, do mesmo tamanho, formarem outras figuras geométricas planas; leve-as, depois, com esse material, a sentir as relações entre as figuras;

d) — organizem as crianças, em um caderno de desenho, páginas de geometria que reproduzam os exercícios do a, b e c, podendo os desenhos ser acompanhados de notas explicativas;

e) — nas conversações diárias da classe, insista o professor em usar as denominações das formas fundamentais do espaço. Cabe fazê-lo, em particular, nas aulas de desenho e trabalhos manuais;

f) — passeios para aprendizagem de geometria. Tais passeios, como toda a excursão escolar, devem ter um plano e um objetivo certos, devendo, além disso, os alunos saírem munidos de material especial para apontamentos, para coleta de elementos diversos, etc.

Ambiente de classe:

O mesmo recomendado ao 1.<sup>o</sup> ano.

Observações especiais:

1 — De acôrdo com a seriação do ensino indicada atrás, vá o professor anotando, em seu **Caderno de observação dos alunos**, o desenvolvimento de cada criança na aprendizagem aritmética, no fim de cada mês, por exemplo.

2 — É recomendável que se procure realizar testes de diagnóstico das dificuldades encontradas pelo aluno em cada operação, e se procure, depois, dar a cada aluno um número de exercícios especiais referidos às dificulda-



des individuais. Ou, então, simplesmente, observe o professor com cuidado os exercícios feitos pelo aluno, confronte-os com as séries graduadas das operações que figuram no programa, e procure localizar as dificuldades especiais de cada aluno.

3 — Procure o professor medir objetivamente, ainda, a capacidade de resolver problemas do educando.

**Bibliografia para o professor:**

- A nova metodologia da aritmética — Thorndike.
- Pedagogia científica — M. Montessori.
- A medida objetiva do trabalho escolar — A. Gall.

**3.º ANO**

**Matéria:**

Ao completar o 3.º ano é necessário que o aluno:

- a) — tenha consolidado e ampliado o seu conhecimento da numeração e das quatro operações sobre números inteiros;
- b) — tenha adquirido pleno domínio na representação das frações ordinárias e decimais e realize bem as quatro operações sobre frações decimais;
- c) — haja se iniciado na observação das propriedades dos números inteiros;
- d) — conheça as unidades de medida, seus símbolos, seus múltiplos e sub-múltiplos e saiba calcular sobre eles.

**Práticas:**

1 — No ensino das quatro operações sobre números inteiros, comece o professor a iniciação do aluno no conhecimento e aplicação de alguns meios de abreviação do cálculo, bem como adextre-o para adquirir rapidez no cálculo mental. — Esses dois instrumentos de uso corrente na vida diária. Assim, ensine o aluno a fazer uso do cálculo mental, levando-o a descobrir a variedade de formas por que pode ser resolvido um mesmo problema, e levando-o, naturalmente, a escolher os caminhos mais rápidos. Leve-o, também, a conhecer algumas formas de cálculo abreviado, por exemplo:

- a) — multiplicação por 10, 100, 1000 ...
- b) — " " por 5, 50, 500 ...
- c) — " " por 9, 99, 999 ...
- d) — " " por 11, 101, 1001 ...
- e) — divisão por 10, 100, 1000 ...
- f) — divisão por 5, 50, 500 ...

2 — Exercícios de treinamento sobre as quatro operações, com os recomendados para o 2.º ano.

3 — Para iniciar a criança na escrita das frações decimais, apresente-se um metro e proponha-se que uma criança escreva o número 1, que o representa como quantidade. Depois, mostre-lhe a divisão em dez partes. Noção de décimos. Um décimo, dois décimos, etc. Apresente-se um décimo do metro e proponha-se o problema de escrever essa quantidade. A convenção adotada, o papel da vírgula para distinguir a parte inteira da fracionária e a significação do zero que quando não há parte inteira. Sómente quando a noção dos décimos estiver bem clara, passar-se-á aos centésimos. E, depois, aos milésimos. Dos milésimos em diante não há mais necessidade de objetivar, levando-se, antes, os alunos a generalizar, e, pois, à formação, leitura e escrita de qualquer fração decimal. É bom iniciar essa noção de frações decimais fazendo medições com o metro e decímetros. Primeiros exercícios de adições e subtrações com décimos precederão e farão compreender as adições e subtrações de unidades e décimos, mostrando, rapidamente, a sua analogia

com as mesmas operações dos números inteiros. Daí, como se disse acima, passa-se aos centésimos, milésimos, etc. Uma vez que a notação fracionária foi definitivamente dominada, desapareceram as principais dificuldades em relação a este ensino. Apesar disso, ao aplicar as quatro operações fundamentais aos números decimais se tem oportunidade de completar o conhecimento mediante exemplos de muito valor ilustrativo. Assim, a divisão de decimais pode ilustrar-se com problemas quasi manuais como os seguintes: quantos pedacinhos de três centímetros podem cortar-se de uma tira de papel que tem um metro e oitenta centímetros? que tamanho tem o pedaço de tira que sobra? A operação com os números escritos virá em seguida, comprovando o resultado que a criança obteve sem outro instrumento ou teoria além de uma régua graduada e uma tesoura. Não é de aconselhar-se que as operações com decimais, ou os exercícios correntes ultrapassem a casa dos milésimos.

4 — Em relação às propriedades dos números inteiros, deve a criança ser iniciada em seu conhecimento com objetivos práticos, com informações sobre os caracteres de divisibilidade por 2, 3, 5, 9.

Quasi como um jogo, pode-se dar às crianças idéias claras sobre os números primos e múltiplos, etc.; levando-as a uma investigação da maneira seguinte, por exemplo:

- a) — fazer listas com a tabuada do 2, do 3, etc., até que os produtos se aproximem o mais possível de 100; estão aí, nos produtos de cada lista, os múltiplos do número correspondente;
- b) — fazer listas com a série natural dos números inteiros até 100; depois, procurando nas listas de a, escrever, ao lado de cada número, os fatores que podem formá-lo, do modo seguinte::

- 1 = 1 x 1
- 2 = 2 x 1
- 3 = 3 x 1
- 4 = 4 x 1 = 2 x 2
- 5 = 5 x 1
- 6 = 6 x 1 = 2 x 3
- 7 = 7 x 1
- 8 = 8 x 1 = 2 x 4

Destes números alguns só podem ter como fatores, eles mesmos e a unidades são os números primos. Os números múltiplos, vistos novamente:

c) — na lista organizada segundo b, levar a criança a decompor cada um dos fatores que, por sua vez, seja múltiplo; suponhamos o número 20, que a criança decompoz em 2 x 10; ela verá que 10 = 2 x 5. — donde:

20 = 2 x 2 x 5

Agora todos os fatores são primos. Decomposição em fatores primos:

d) — suponhamos que sejam dados os números 40 e 60; decompostos em fatores primos, temos:

40 = 2 x 2 x 2 x 5  
 60 = 2 x 2 x 3 x 5

Fatores comuns. A curiosidade de que o produto dos fatores primos comuns divide os dois números e é o maior divisor de ambos, o maior divisor comum. Fazer a verificação. A outra curiosidade do menor múltiplo comum.

**Recomendação fundamental:** A necessidade de fornecer ao aluno o domínio de novas operações, etc., não pode fazer o professor esquecer que o cálculo existe em função do problema e este é que há de ser o motivo fundamental de toda a atividade matemática primária. De resto, recomenda-se que volte o professor a ler, atentissimamente, os objetivos gerais do ensino desta matéria, impregnando, deles, o seu ensino.

Em relação aos problemas, no ensino da aritmética, acrescentemos:

a) — sempre que possível, o próprio ensino de uma nova operação de cálculo deve partir de problemas; assim, para ensinar a dividir, partir de uma situação real em que a criança tenha necessidade de dividir; para ensinar decimais, partir, por exemplo, de uma situação em que se deva empregar o metro, e dê-se modo em todos os casos; procedendo por essa maneira, não

só atendemos ao destino normal do cálculo, que é a sua aplicação a problemas, como tornamos mais clara, para a criança, a significação de cada operação de cálculo. — o que é importantíssimo no ensino da aritmética;

b) — o próprio treinamento das operações de cálculo, uma atividade que tem de nos ocupar largamente, — pode ser vitalizado pela presença de problemas; para isso, usar problemas em que se fazem variar os dados, levando a criança quasi a um jogo, a procura das soluções sucessivas. Por exemplo: si cada um dos 29 alunos da classe escrever um convite em 10 minutos, teremos escritos os 320 convites necessários em quanto tempo? E si apressássemos, e cada aluno escrevesse em 9 minutos? E si o fizéssemos em 8, etc. Ou: dadas tabelas de preços, por exemplo, fazer várias operações; assim, com uma tabela de preços de passagens de trem, e sabendo-se que podemos dispôr de Cr\$ 50,00, quanto nos sobra si formos a Araucária, ao Vêo da Noiva, a Morretes, etc.;

c) — os problemas devem, si possível, ser reais, colocada a criança em situação real; damos, a seguir, uma relação de situações reais da escola, que podem dar lugar a operações com números.

Operações quotidianas ou regulares:

- 1 — distribuição dos alimentos ao canário, aos coelhos, às galinhas, ao cabrito, etc.;
- 2 — o peso e a contabilidade desses alimentos, postos ao cuidado dos alunos;
- 3 — compra desses alimentos, verificação das quantidades compradas;
- 4 — compra e venda de objetos escolares;
- 5 — administração económica de cantina durante um dia;
- 6 — compra das cousas necessárias à merenda escolar;
- 7 — contrôle dos gastos desses gêneros por dia, por semana, por mês;
- 8 — a contabilidade da cantina;
- 9 — as despesas de transporte para ir à escola;
- 10 — a compra dos materiais para trabalhos manuais;
- 11 — o preço dos objetos fabricados nos trabalhos manuais;
- 12 — a avaliação do peso e a medida da estatura de cada criança;
- 13 — a compra e utilização das sementes e das plantas para o jardim e a ornamentação da sala de aula;
- 14 — a confecção de gráficos indicadores do adiantamento nos diversos exercícios de ortografia, cálculo, leitura, etc.;
- 15 — a contabilidade dos pontos obtidos nos jogos, concursos, etc.

Atividades relacionadas com circunstâncias especiais:

- 1 — organização financeira de uma festa;
  - 2 — verificação das contas de uma festa organizada em beneficio de uma obra qualquer;
  - 3 — preparação económica de uma viagem, de um passeio, de uma excursão;
  - 4 — organização financeira de um teatro;
  - 5 — avaliação das despesas relativas a um melhoramento qualquer da escola;
  - 6 — o preço dos materiais para a confecção de objetos para uma festa, assim como o preço total do custo;
  - 7 — inspeção dos trabalhos e das despesas feitas com os jogos.
- E, agora, uma relação de sectores da vida que apresentam múltiplos problemas de cálculo:
- 1 — compra e venda de artigos de primeira necessidades e de objetos usuais. É conveniente que os escolares aprendam a conhecer os preços reais do mercado. Pode-se fazer observar como dependem da oferta e da procura. Também, mediante numerosos exemplos, pode-se dar a conhecer a importância da moeda como meio de câmbio e medida de valor;
  - 2 — ordenados ou salários dos empregados no comércio e nas oficinas, dos operários das fábricas, dos lavradores, dos empregados domésticos, etc.;
  - 3 — seguros de vida, contra incêndios, etc. Pontos de referência: apólices de seguro, etc.;

4 — administração de família, maneira de trazer os livros de receita e de despeza;

5 — o lar: gastos com o fogão, lenha, electricidade. Problemas referentes à iluminação, à cozinha, à lavagem de roupa. Problemas especiais que os pais têm que resolver para cuidar de seus filhos e atender a sua educação (vestuário, livros, etc.);

6 — problemas sobre questões agrícolas e industriais; tendo-se em conta a profissão dos pais;

7 — o correio. Convênios postais;

8 — transportes ferroviários: planos de viagem, preço das passagens para crianças e adultos, etc.;

9 — distâncias a outros lugares, especialmente os mais próximos. Em que tempo podem ser percorridos de trem, automóvel, bicicleta, a cavalo ou a pé;

10 — administração do Município e do Estado: impostos, multas, imposto sobre a renda, etc. O orçamento.

d) — mais, si os problemas não puderem ser dados em situação real, ou paralelamente a esses, podemos imaginar situações reais; podemos, pela imaginação, — uma qualidade tão pronunciada da criança, — levá-la a criar situações que tenham para ela tanta vida como as situações reais; recomendam-se, neste sentido, os contos aritméticos;

e) — levar a criança a formular problemas sobre operações dadas e até sobre números dados; por exemplo: compor problemas de divisão ou compor problemas em que entre a divisão de 452 por 32;

f) — levar a criança a indicar as operações a empregar na solução de problemas em branco, isto é, problemas em que os dados são indicados de modo geral; por exemplo: si tenho um certo número de laranjas e ganho mais laranjas, que operação devo realizar para saber com quantas fico?

g) — levar a criança a formular problemas em branco sobre determinada operação.

#### 4.º ANO

**Matéria:**

- a) — Consolidação do aprendizado no 3.º ano;
- b) — Breve desenvolvimento do estudo sobre frações ordinárias;
- c) — Medidas de superfície e volume;
- d) — Razões e proporções. Regra de três, juros e porcentagens, desconto, câmbio;
- e) — Intensificação do cálculo mental e simplificado.

**Práticas:**

Cuide bastante o professor de fixar bem o conhecimento da leitura e escrita de números; não é necessário insistir muito sobre as frações ordinárias, cujo manejo se deve chegar a conhecer, adquirindo uma boa prática sobre as operações rudimentares e correntes na vida real, usando-as também mentalmente. — sem necessidade de ultrapassar, no treinamento, esse limite. O conhecimento das áreas e dos volumes há-de ser apresentado objetivamente, mostrando, primeiro, objetivamente, a razão por que, para obter a área de um retângulo, multiplica-se um lado pelo outro e mostrando, depois, mediante o recorte, como, dessa noção inicial, se obtém a do valor do triângulo, etc., correspondentes e a respectiva formula para se obter a sua área. O mesmo processo com os sólidos.

Para dar a noção de grandeza direta ou inversamente proporcionais, apresente problemas simples, através dos quais o aluno descubra intuitivamente o raciocínio. Por exemplo:

- a) — o gasto na aquisição de uma mercadoria cresce com a quantidade comprada;
- b) — com menos material, menos trabalho se obtém;

- c) — o comprimento da sombra de dois objetos colocados em linha, varia com a altura de cada um;
- d) — ou com maior velocidade um veículo atinge mais depressa o seu objetivo;
- e) — mais operários gastam menos tempo para terminar um trabalho; etc.

Leve o aluno a formular exemplos de grandezas diretamente ou inversamente proporcionais, depois do que faça-o:

- a) — achar a razão de dois números;
- b) — estabelecer uma proporção independente de exemplos concretos, sem referências a quantidades concretas, em termos abstratos;
- c) — estabelecida uma proporção, descobrir a condição pela qual os quatro números formam-na.

2 — Inicie então na técnica da regra de 3, apresentando-a como uma maneira fácil de resolução de problemas.

3 — Considere as operações de percentagem, juros, desconto e câmbio, como simples aplicações da regra de 3, e portanto dê mais atenção à criação da situação ideal, a compreensão da significação dos termos, de que a técnica das operações, de princípios já conhecidos. São boas situações para iniciar essa aprendizagem:

- a) — notícias sobre grandes compras com abatimentos, sobre determinadas taxas;
- b) — notícias sobre pagamentos de dividendos de companhias de capitalização;
- c) — notícias sobre emprêgos, com pagamentos de comissão;
- d) — organização do "Banco escolar";
- e) — anúncios de vendas a prestações com determinado acréscimo;
- f) — atividades da cooperativa;
- g) — campanhas de economia.

4 — Continue a dar atenção às formas de abreviação de cálculo e ao cálculo mental:

- a) — somar mentalmente dois números de dois algarismos;
  - b) — somar a outro um número que se diferencia muito pouco de 100, 1.000 e 10.000;
  - c) — subtrair um número que difere muito pouco de 10, 100, 1.000 e 10.000;
  - d) — achar o dobro de um número maior que 50;
  - e) — multiplicar por quatro (dobrar duas vezes);
  - f) — achar a metade de um número qualquer;
  - g) — cálculo mental simples em problemas da vida diária.
- E, como programa de extensão:
- a) — somar mentalmente dois números quaisquer;
  - b) — achar mentalmente a diferença de dois números dados;
  - c) — multiplicar um número por 4, 8, 16 (dobrar 2, 3 e 4 vezes);
  - c) — dividir por 5, por 25, por 2, por 4, por 8, por 16.

**Recomendação especial:** — Deve-se repetir, aqui, o que se disse para o 3.º ano, insistindo sempre, em que o problema deve estar no princípio e no fim de todo o ensino da aritmética. Leia o professor, atentamente, aquelas recomendações que, propositadamente, se denominaram **fundamentais**.

## EDUCAÇÃO FÍSICA

### Objetivos gerais:

- Assegurar e melhorar a saúde, especialmente do ponto de vista das coordenações neuro-musculares.
- Desenvolver a capacidade de observação, análise, julgamento e decisão, e espírito de iniciativa.
- Proporcionar a aquisição de hábitos e atitudes que contribuam para a integração ao grupo social.
- Satisfazer a necessidade de recreio e vida ao ar livre na fase de crescimento.
- Facilitar o conhecimento de atividades que possibilitem a utilização sadia das horas de lazer.

### 1.º ANO

#### Objetivos específicos:

- Proporcionar desenvolvimento da capacidade física e da boa postura;
- Manter vivos a curiosidade e o prazer pela imitação;
- Promover trabalho de cooperação não esquecendo a tendência individualista nesta fase;
- Dar oportunidade à expansão do prazer da criança em fugir e perseguir, pular, trepar, cair, manipular, arremessar e atirar ao alvo, reconhecendo seu desejo de opôr-se e sobrepor-se, chamar atenção sobre si e dominar;
- Orientar o interesse revelado em ouvir e contar histórias, construir, cantar e dramatizar;
- Manter interdependentes os bons hábitos sociais e o desenvolvimento físico, permitindo que a criança adquira sua forma de conduta através de sua própria experiência.

#### Mínimos a alcançar:

- Ao fim desta série a criança deve demonstrar que:
  - tem prazer pelas atividades e deseja participar das aulas;
  - controle a direção da corrida tendo em vista o pegador ou a lei do jogo;
  - rola com direção e sabe apanhar a bola;
  - sente diferença de ritmo na música que houve;
  - executa com desembaraço as atividades citadas no programa;
  - é capaz de passar do papel principal ao secundário;
  - entra num jogo de eliminação;
  - têm confiança em si e precaução no uso dos aparelhos (onde houver instalações).

### Sugestões de atividades e sua orientação:

O professor deve ter uma atitude de realizador e assim, considerando a situação característica de sua turma, orientar as atividades de tal forma que as crianças possam aproveitar o máximo. Sabemos que condições ideais de agrupamento homogêneo, instalações e roupa própria à educação física nem sempre podem ser conseguidas, mas a experiência de muitos professores tem provado que a orientação alegre e metódica das atividades infantis, mesmo nas condições comuns da escola, influi poderosamente na educação da criança.

Especialmente nas primeiras séries escolares, é preferível que a professora da classe aproveite as horas de educação física, como se fossem horas de brinquedo.

As atividades sugeridas neste programa têm como base as necessidades biológicas da criança, sua evolução mental e social e o estudo da sua atividade natural.

Nos jogos a criança corre, atira a bola, salta e exerce força, puxa e empurra, conforme a necessidade que ela sente para bem praticar o jogo, para conseguir a vitória; trabalha tendo um fim em vista o seu organismo participa nesta realização de um modo integral. Os resultados são também completos; coordenação-neuro-muscular, aperfeiçoamento sensorial, grandes funções ativas e equilíbrio orgânico. O desenvolvimento mental e a sociabilidade não se verificam apenas como consequência indireta, pois nos jogos coletivos observam-se situações sociais. As decisões de cada jogador dependem tanto de sua capacidade como da previsão das reações dos companheiros: exercitam a atenção, a memória, o poder de criação, o julgamento, etc. Aos poucos a criança vai adquirindo, pela própria experiência, hábitos e atitudes essenciais ao comportamento: age com lealdade; trabalha em cooperação; controla, por vezes, impulsos prejudiciais à vida do grupo; admite a necessidade de espírito de sacrifício em algumas situações; enfim, vai-se integrando ao grupo social.

No 1.º ano, quando os alunos têm mais ou menos 7 a 8 anos, estão em franco progresso as coordenações sensório-motoras mais delicadas, havendo grande interesse por jogos que exercitem os sentidos e exijam certa habilidade.

São as seguintes as atividades que podem ser desenvolvidas nesta série:

#### Jogos:

- de correr (fugir e perseguir) e outros que ofereçam oportunidade para grande flexões;
- que requeiram coordenações delicadas;
- que ativem os sentidos.

Entre os primeiros, jogos de correr, muitos há que promovem o espírito de união, dando à criança oportunidade de ter alternadamente o papel principal e o secundário; agradam muito e há competição mas sem a intensidade dos jogos de partido: uma criança contra outra como em "gato e rato", "lenço atrás", uma contra muitas, como em "raposa e frangos", "machadinha", "seu lobo está aí".

No segundo grupo destacamos os jogos de bola rolada, arremessada ou batida. É aconselhável a utilização também de saquinhos de 10 a 15 cm de lado cheios de milho ou feijão nos jogos de arremesso.

Jogos como "Jocó e Raquel", "Alvo", "Bom dia", "Torre", "Professor" e outros, são valiosos no desenvolvimento dos sentidos.

Não sendo ainda bem desenvolvidas as noções de espaço, tempo e número, as regras devem ser muito simples, introduzindo penalidades leves, marcadas imediatamente as falhas executadas. Os jogos de eliminação, por exemplo, devem ser em pequeno número.

#### Atividades rítmicas:

- brinquedos cantados;

- imitar animais, mecanismos e outras coisas ao som de música;
- andar e marchar ao som de música, canto ou contagem.

Nos brinquedos cantados, além dos movimentos executados ao som de música, visamos a socialização da criança. Pela formação de roda, movimentos iguais executados por todas as crianças, e pela tradição que encerram, dão ótimo resultado, principalmente com os pré-escolares e escolares das primeiras séries, facilitando a ambientação na escola.

As imitações e marchas ao som de música satisfazem o desejo de imitação e repetição, desenvolvendo ao mesmo tempo a apreciação e interpretação da música ouvida.

#### Dramatizações:

- aulas historiadas;
- levar o aluno a ouvir e contar histórias, aproveitando-as para dramatização espontânea.

Na idade que precede a entrada para a escola e durante os primeiros anos escolares, o brinquedo da criança no lar é quase todo dramatizado: "Comadrinha", "Automóvel", "Avião". Assim a educação física pode ter também suas aulas historiadas, isto é, histórias que são contadas à proporção que se acompanha as cenas pela mímica.

Outra maneira de aproveitar essa forma natural de brinquedo é levar as crianças à dramatização de histórias já bem conhecidas e queridas. Deve-se escolher a história de acordo com a compreensão das crianças, contá-la com naturalidade, mais de uma vez, e quando se sentir que já é bem conhecida, convidar as crianças para brincar. Por exemplo, conhecida a história de "Os três porquinhos" dizer: "Vamos brincar de três porquinhos" e, em seguida encaminhar a brincadeira, ajudando as determinações das crianças quanto à: escolha das que desempenham papel principal, improvisação dos locais (cenas) e realização da história por uns, enquanto outros assistem a ela. Finalmente virá a crítica feita pelas próprias crianças. A dramatização pode ser repetida no mesmo dia ou em outros, dando oportunidade para que todas as crianças sejam assistidas e executantes.

#### Exercícios:

- naturais: trepar em árvore, pular corda, carregar objetos;
- de equilíbrio e destreza: imitações de animais e imitações do professor ou guia;
- em aparelhos: balanço, gangorras, pequenas barras, escorrega, escadas horizontais, galola.

Nos exercícios naturais, de equilíbrio e destreza e em aparelhos, há expansão e avaliação de capacidade individual; desenvolvem eles ainda a resistência física e concorrem para aperfeiçoamento de habilidades.

Para realização de qualquer das atividades o convite da professora deve ser de maneira simples como as crianças costumam convidar umas as outras: "Vamos brincar de", "Vamos ver quem pula mais...", "quem é capaz de fazer isto?". Enfim, frases conhecidas de todos que lidam com as crianças.

A discriminação das atividades em quatro títulos diferentes apresentada acima, não indica nenhuma separação e tempo especial para cada uma; tudo para a criança será brinquedo, ela cantará ou fará os exercícios, quando joga ou dramatiza.

#### Atividades complementares:

- excursões;
- concentrações e demonstrações;
- confecção de cartazes e recortes de figuras.

Satisfazendo curiosidades e desejos das crianças, as excursões são também orientadas pelo professor que as dirige sem impor normas.

A concentração, que reúne maior número de grupos brincando, e mesmo a demonstração de atividades já desenvolvidas pelas crianças, podem ser realizadas em dias de festa, na escola ou em praça ou jardim próximo.

Os cartazes alegres que estimulam a criança a brincar ao ar livre, o recorte de figuras em boa posição e a palavra suave da professora, também contribuem para o desenvolvimento de uma boa postura.

Nesta idade não se deve exigir perfeição para não haver desânimo, e o intuito primordial do professor será o de estimular a criança no exercício, para que o desenvolvimento se processe gradativamente.

## 2.º ANO

### Objetivos específicos:

- Proporcionar desenvolvimento de capacidade física e de boa postura;
- Auxiliar o desenvolvimento das coordenações motoras;
- Estimular a curiosidade a respeito do ambiente;
- Incentivar o desenvolvimento do espírito de iniciativa e provocar reações prontas e adequadas às situações propostas;
- Encorajar o espírito de grupo levando em conta o grau de ajustamento adquirido na primeira série;
- Proporcionar situações intensas de jogo que satisfaçam o desejo de aventuras, movimento e sensação, como também o de dominar o ambiente e o de medir-se contra obstáculos e companheiros;
- Oferecer oportunidades para eliminar as causas de timidez e agressividade, conseqüentes de desajustamento ao grupo.

### Mínimos a alcançar:

- Ao fim desta série a criança deve demonstrar que:
- arremessa com direção e apanha a bola;
  - é capaz de dirigir-se numa corrida de grupo onde todos seguem a mesma direção, tendo em vista o pegador e a lei do jogo;
  - anda, marcha e galopa ao som da música;
  - realiza com desembaraço dois ou três exercícios de equilíbrio e destreza;
  - mantém-se no jogo mesmo nas condições de insucesso.

### Sugestões de atividades e sua orientação:

Tendo as crianças desta série, em média, 8 e 9 anos podem realizar jogos que requeiram coordenações mais delicadas, uma vez que são capazes de ler e escrever e revelam maior precisão em seus movimentos.

A falta de condições ideais de grupamento homogêneo, instalação e roupa apropriada à educação física, não deve desanimar o professor. Uma boa orientação das atividades recreativas grande influência exerce no desenvolvimento e socialização da criança.

A criança tem necessidade de vida ao ar livre e movimento na fase escolar. Sendo insuficiente o tempo destinado à educação física na escola, deve-se organizar um programa de atividades que interessem o aluno, levando-o a repetir o exercício fora do horário escolar.

É nos brinquedos, quando tem em vista recrear-se, que a criança dá o máximo de sua atividade: corre, salta, empurra, faz força, presta atenção, raciocina, delibera.

Considerando que o processo educativo é um processo gradual, o professor, na orientação das atividades, deve atender antes de às necessidades do grupo e não aos resultados esperados em face do grau de adiantamento escolar da série. Num 2.º ano, por exemplo, que não tenha tido orientação dos jogos no 1.º ano, fará jogos de complexidade menor. O professor deve estudar as condições do grupo e contrabalançar as atividades de modo a levar

as crianças a conseguir, em grau relativo à experiência escolar, as qualidades sociais e habilidades naturais desejáveis.

Para conseguir os objetivos, que são ditados pela natureza e necessidade da criança, sugerimos as atividades abaixo, que satisfazem e estipulam os exercícios:

### Jogos:

- a) — de correr e outros que oferecem liberdade de movimento;
- b) — que requeiram coordenações delicadas;
- c) — que ativem os sentidos e desenvolvam a curiosidade.

Assim como na primeira série, nesta, os jogos devem dar oportunidade de expansão às crianças. Entre os jogos de correr, uns são dispersivos e facilitam as grandes corridas, enquanto outros exigem formação e unem mais os elementos do grupo.

Os jogos de bola, em geral organizados em roda ou semi-círculo, requeiram liberdade de movimento e desenvolvem habilidade. De início, a criança tem dificuldade de pegar a bola, porém, aos poucos vai conseguindo arremessar, bater e receber bem a bola: "trincheira", "porteiro", "chamada da roda", "professor", são muito apreciados pelas crianças desta série.

Há um grande número de jogos que não dependem de material, e que incluindo um pequeno desafio, estimulam os sentidos e aguçam a observação e curiosidade: "Jocó e Raquel", "cachorro e osso", "bom dia", "música mágica" e outros.

No segundo ano, já os jogos de eliminação podem ser realizados com sucesso, se forem contrabalançados com outros de penalidades mais leves. Ao ensinar jogos novos o professor tem em vista o grau de adaptação social; lembrando que, aos poucos vai a criança se desenvolvendo; a cooperação entre componentes do grupo deve ser estimulada através de jogos que mantenham unidos os alunos.

### Atividades rítmicas:

- a) — brinquedos cantados;
- b) — andar, marchar ao som de música, canto ou contagem;
- c) — danças regionais de passos simples.

Embora no 2.º ano os jogos predominem mais que no 1.º ano, os brinquedos cantados ainda aparecem entremeados nos jogos; aqueles que apresentam uma transição ao jogo ou à dança são os preferidos: "machadinha", "rolinha", "amigo perdido", "pai Francisco", "a menina vai andando" e outros.

A música satisfaz tanto às meninas quanto aos meninos, e as marchas cadenciadas e galopes com variações de ritmo são executadas com êxito.

As danças regionais de passos simples, em roda ou fileira, despertam grande interesse e as melodias simples e alegres irmanam com o espírito infantil: "vamos todos a caçar", "sete passos", "dança do cumprimento", "polca das crianças", etc. Devem ser ensinadas em ambiente alegre, apresentadas no seu conjunto, sem exigências de posições determinadas. Cada um tem seu modo de interpretar a música, e as danças regionais devem ser dançadas de maneira natural, sem afetação nem prazer pela exibição.

### Dramatizações:

Fazer ouvir e contar histórias, aproveitando-as para dramatização espontânea.

Quando o brinquedo dramatizado das crianças é bem aproveitado, fácil é desenvolver em todas as séries da escola primária a dramatização de histórias. Do "vamos brincar de três porquinhos", no primeiro ano, são as crianças levadas a brincar de outras histórias, dividindo cenas, escolhendo personagens e improvisando cenários. Nesta série podem as histórias ser mais longas e de diálogos menos repetidos, porém a maneira natural de levar a dramatização caracteriza a forma de jogo na realização. A repetição da

história e da dramatização agrada às crianças e ao mesmo tempo dá oportunidade a que todas sejam ora executantes ora assistentes.

**Exercícios:**

- a) — naturais: trepar em árvores, pular corda, peteca, etc.;
- b) — equilíbrio e destreza: imitação do professor ou gula;
- c) — em aparelhos: balanço, gangorra, pequenas barras, escorrega, escada horizontal, gaiola.

Nos exercícios naturais, de equilíbrio e destreza, e em aparelhos, tem a criança ocasião de avaliar sua própria capacidade, ao mesmo tempo que tenta adquirir habilidade.

Nas horas de recreio livre gostam as crianças de pular corda, jogar peteca, atirar ao alvo e estas atividades podem ser orientadas. Onde houver os aparelhos acima referidos, deve também a professora ir orientando a maneira conveniente de utilizá-los para prevenir acidentes e cuidar da sua conservação.

A grupos pequenos, na hora de educação física, no recreio ou mesmo um intervalo de aula, pode o professor, como se desafiasse os alunos, propôr a execução de movimentos que exijam controle para execução: cambalhota, sentar e levantar sem pôr as mãos no chão, andar em linha reta com um livro na cabeça, manter-se num pé só, etc.

Devemos sempre lembrar que a divisão das atividades nos quatro grupos aqui apresentada, não implica em organização diferente para a aula; tudo para a criança será um jogo; cantar, fará exercícios jogando ou dramatizando.

**Atividades complementares:**

- a) — excursões;
- b) — concentrações e dramatizações;
- c) — confecção de cartazes e recorte de figuras.

Ligadas ao desenvolvimento de outros programas como os de linguagem, ciências naturais, história ou geografia, as excursões proporcionam atividade natural necessária ao crescimento, concorrendo também para o fortalecimento do espírito de grupo.

O contacto entre crianças de várias turmas diferentes em horas especiais, com programa de atividades previamente emboçado, porém flexível, é salutar. Uma das concentrações por ano, reunindo três ou quatro escolas próximas, podem ser realizadas com êxito.

Em dias de festas, a demonstração de atividades, já realizadas com naturalidade, deve construir parte do programa.

O recorte de figuras, a organização de cartazes e albuns com crianças alegres, brincando, e a observação das boas posições de pé e sentadas estimulam o desenvolvimento de uma boa postura.

**3.º ANO**

**Objetivos específicos:**

— Satisfazer a necessidade de grande atividade física nesta fase, favorecendo o crescimento e boa postura;

— Levar a aquisição de habilidades várias para as quais a criança apresenta grande aptidão;

— Proporcionar atividades que satisfaçam o rápido desenvolvimento das coordenações neuro-musculares;

— Estimular o desejo que a criança tem de pertencer a um grupo, levando entretanto em conta sua dificuldade em ajustar-se às outras do grupo;

— Orientar o interesse pela competição introduzindo os jogos de partido;

— Dar maior relevo às regras e aos regulamentos.

**Mínimos a alcançar:**

- Ao fim desta série a criança deve demonstrar que:
  - tem grande desembaraço nos jogos de correr, pular, atirar ao alvo, chutar
  - mantém-se controlada em papel secundário, quando a outros cabe o principal na atividade;
  - compreende que nos jogos de time faz parte de um grupo;
  - apresentar algum desenvolvimento de ritmo simples nas danças regionais;
  - reconhece quando uma criança está em boa posição;
  - executa pequenas acrobacias com desembaraço;

**Sugestões de atividade e sua orientação:**

As crianças no 3.º ano têm em média 9 ou 10 anos e os jogos devem em sua maioria promover o espírito de união para facilitar o ajustamento dos membros do grupo.

Para realização das atividades desse programa, ideal seria que tivessemos grupamento homogêneo, local e roupa apropriados; o professor, porém orientando as atividades recreativas nas condições que tiver, poderá contribuir grandemente para o desenvolvimento dos alunos. Procurando compreender as crianças do grupo e sabendo as necessidades próprias da idade, o professor tomará parte nos brinquedos prediletos das crianças e irá ensinando novas atividades que as estimulem à repartição, mesmo fora da escola. O grau de dificuldades nos jogos, danças, dramatizações ou exercícios, dependerá não só da idade das crianças como também da experiência de brinquedo em grupo que tiverem. O professor, na posição de companheiro mais experimentado, irá controlando o grau de complexidade crescente nas atividades.

**Jogos:**

- a) — de correr;
- b) — que desenvolvam técnicas várias: saltar, arremessar (com ambas as mãos, direita ou esquerda); chutar, (com o pé direito e o esquerdo); combinação de técnicas;
- c) — de salão;
- d) — que requeiram astúcia.

As oportunidades de jogo nesta série devem ser mais intensas que nas anteriores, pois o desejo de adquirir habilidade é grande somente o exercício pode favorecer essa aquisição.

Os jogos de correr, dispersivos, com regra a serem obedecidas, incluem desafio e dão alegria; estimulam as grandes funções e satisfazem necessidades da fase de crescimento.

Uma grande variedade de jogos de bola que permitem liberdade de movimento constituem uma parte apreciável do programa: "parem", "trincheira", "porteiro", "evitar a bola" e muitos outros, são executados com entusiasmo.

Os jogos que se podem realizar em salão, ou mesmo no campo e que desenvolvem principalmente observação, memória, agudez de decisão ou controle emocional devem ser incluídos também nos planos de aula.

Há jogos em que não é necessária técnica difícil mas que dependem de astúcia dos jogadores e são muito apreciados nesta idade: "apanhar o lenço", "evitar a bola" e outros.

Nesta série escolar se inicia a competição de grupos, devendo ter os primeiros jogos do partido, organização simples: "apanhar o lenço", "corrida em círculo" e alguns jogos de estafeta que não exijam grande controle.

Quando se nota muita desigualdade de técnica entre meninos e meninas, quando as preferências são marcadamente diferentes, o professor deverá fazer sub-grupos e, aproveitando líderes naturais, orientar os brinquedos em separado. Entretanto são imprescindíveis os estímulos para os jogos que reúnem o interesse de todos, não devendo a turma estar sempre subdividida.

#### Atividades rítmicas:

- a) — marchas e movimentos ao som de música;
- b) — danças que apresentem a marcação de ritmo bem acentuada.

A música é apreciada em todas as séries, por meninos e meninas. Já no 3.º ano decaem os brinquedos cantados, mas as marchas e movimentos ao som do piano muito agradam e contribuem para domínio de movimentos e desenvolvimento de ritmo.

As danças regionais de passos simples, sem preocupação de exibição e lembrando os ambientes em que os povos costumam realizá-las, são elementos poderosos de socialização; uma ligação do programa de ciências sociais e trabalhos manuais aí encontraria vasto campo de aplicação: "sete passos", "vamos todos a caçar", "galope", "galinha com crista, polca das crianças e outras.

#### Dramatização:

- a) — histórias e dramatizações que satisfaçam o desejo de aventuras e astúcia.

As histórias contadas e repetidas não desejadas pela criança, mas devem nesta série incluir aventura e astúcia de seus protagonistas.

Nesta série já exigem as crianças condições mais reais para as suas dramatizações. Havendo estímulo para o brinquedo, são capazes de improvisações interessantes e muito trabalho físico e mental se realiza então: a arrumação do local para dramatização, a disposição de cenas, o arranjo dos personagens, a distribuição da assistência, é um trabalho de todo o grupo. A realização da história e finalmente a crítica coroa a atividade precedente. A experiência continuada neste tipo de atividade é valiosa aos tímidos e aos agressivos, que aos poucos vão reconhecendo seu próprio valor e o dos outros.

#### Exercícios:

- a) — naturais: trepar, arremessar ao alvo, pular corda, jogar peteca, etc.
- b) — de equilíbrio e destreza: imitação do guia;
- c) — em aparelhos: balanço, escorrega, gangorra, gaiota, escada horizontal.

Em grupos pequenos, no recreio, em intervalo de aula ou mesmo na hora de educação física, os exercícios devem ser incentivados. A corda, a peteca, o arremesso de argolas de corda: convidam para a atividade e geralmente levam as crianças à contagem de pontos e improvisação de jogos organizados.

Os exercícios que exigem maior muscular, os chamados exercícios de equilíbrio e destreza, devem tornar-se mais difíceis à proporção que a criança ganha habilidade e controle emocional: dar cambalhotas; num pé só, flexionar a perna apoiada e apanhar um objeto do chão; com afastamento lateral das pernas, sem flexioná-las, apanhar um lenço no chão; manter uma haste equilibrada na mão e outras. Havendo instalação de aparelhos em local de recreio ou em praça próxima à escola, o professor poderá orientar a utilização conveniente dos brinquedos, levando também os alunos a se organizarem a fim de que todos tenham oportunidade de brincar.

Em qualquer dos tipos de atividade, jogos organizados, atividades rít-

micas, dramatizações ou exercícios, a atitude do professor deve ser a de um companheiro mais experimentado que ensina brinquedos novos, solução as dificuldades aparecidas e serve de juiz nos jogos de partido. Pela confiança conquistada entre os alunos e pela observação do temperamento de cada criança, elabora os planos de aula, alterando-os, porém, segundo os imprevistos do momento.

Muitas vezes as crianças querem brincar e não sabem de que; outras vezes cada uma lembra um brinquedo, mas nada decidem; nessas ocasiões a proposta do professor, que já meditou sobre um plano e conhece as necessidades do grupo é em geral bem recebida e a organização se faz rapidamente.

Embora os planos de aula de educação física sejam modificados a maior parte das vezes, nem por isso devem deixar de ser elaborados.

#### Atividades complementares:

- a) — excursões;
- b) — demonstrações e concentrações;
- c) — confecção de cartazes e recorte de figuras.

As excursões organizadas com fim puramente recreativo ou as que são ocasionadas por curiosidade despertada nas aulas de linguagem, ciências naturais, história ou geografia, constituem um excelente estímulo para o desenvolvimento dos alunos. Planejadas pelas crianças, havendo oportunidade para que tenham expansão do seu espírito curioso e alegre, predispõe exercício e à troca de idéias e comentários.

As concentrações, dando margem ao contacto de maior número de crianças de várias turmas, com programa de atividades previamente estudado, devem ser realizadas uma ou duas vezes ao ano. Nestas ocasiões seria bom reunir três ou quatro escolas próximas, numa praça ou campo, e aí organizar os grupos para recreio durante uma ou duas horas.

A demonstração de jogos, danças ou dramatizações já realizadas com naturalidade, deve fazer parte dos programas das datas festivas comemoradas na escola.

Aproveitando as técnicas adquiridas nas horas do desenho e trabalhos manuais, a organização de cartazes e os recortes de figuras, que estimulem o desejo de desenvolver uma boa postura, podem ajudar o desenvolvimento do programa de educação física. O professor deve zelar pela boa postura de seus alunos em todas as horas e procurar ser um bom exemplo.

#### 4.º ANO

##### Objetivos específicos:

- Desenvolver uma atitude favorável em relação aos jogos e exercícios, tendo em vista as profundas modificações resultantes do desenvolvimento da criança;
- Alcançar maior esforço mental que nos anos anteriores, atendendo a maioria, aos impulsos volitivos fortes e auto-domínio fraco;
- Satisfazer o espírito de realização;
- Desenvolver o sentimento do ritmo muito forte nesta fase;
- Desenvolver sã convivência entre as crianças de ambos os sexos;
- Atender às diferentes preferências de meninos e de meninas;
- Incentivar o desejo de associação revelado pelas crianças;
- Trabalhar pelo desenvolvimento de habilidades adquiridas sem, entretanto, exigir que os alunos alcancem a perfeição.

##### Finimos a alcançar:

- Ao fim do curso elementar a criança deve demonstrar que:
  - apresenta desembaraço na execução das habilidades em geral;
  - além de considerar-se um elemento, obedece à regras num jogo de lme;

- sente satisfação na convivência com outros grupos;
- sente prazer pelo jogo em si e não somente pela vitória;
- realiza com desembaraço danças de conjunto;
- reconhece quando uma criança está em boa posição de pé ou sentada;
- executa com naturalidade dois outros exercícios de equilíbrio e destreza.

#### Sugestões de atividades à sua orientação:

As crianças desta série têm em média 10 ou 11 anos e o cuidado na orientação de educação física e recreação é indispensável. Pelo grau de atenção mais demorada que adquiriram e pela disciplina de movimentos já revelados nas horas de aula na classe, não deve o professor esquecer o desejo de exercício físico, associado ao briquedo natural, necessário ao crescimento e socialização na idade que precede à puberdade.

Como já vimos em outras séries, o ideal seria que pudessemos obter o grupamento homogêneo, local e roupa apropriada à educação física. Entretanto muitas atividades podem realizar-se com as crianças nas condições comuns da escola, desenvolvendo-se um programa razoável de educação física.

Levando em conta o desenvolvimento das crianças, a experiência adquirida em jogos organizados nas séries anteriores e o interesse revelado, o professor ensinará jogos, danças e outras atividades que promovam alegria e estimulem a participação nas aulas. As crianças de maior habilidade e que revelam condições para organizar o grupo para brincar podem ser aproveitadas quando houver necessidade de subdividir a turma. Nesta idade, os meninos e meninas manifestam preferências mais acentuadas por determinados brinquedos, próprios do seu sexo, o que deve ser respeitado. O professor, entretanto, após as atividades em separado, escolherá jogos, atividades rítmicas e dramatizações que interessem a todas as crianças, procurando sempre reunir os grupos.

Para realizar os objetivos desta série, deverão ser executadas atividades adequadas à idade e ao adiantamento escolar.

#### Jogos:

- a) — de correr;
- b) — de várias técnicas: saltar, arremessar, chutar, etc.;
- c) — de salão, que acentuem o esforço mental;
- d) — que tenham organização de partidos.

Ainda no quarto ano os jogos de grandes correrias são apreciados, embora desejem que a corrida esteja mais presa a regra do jogo: "pega-pega aos pares", "nunca três lateralmente", "corra seu urso", "barra manteiga" e outros.

Os jogos que exigem uma certa técnica, em geral de salto ou bola, constituem a maioria entre os preferidos. Os jogos de bola, variados em suas técnicas, oferecem exercícios físicos os mais variados: bola batida, arremessada, chutada e rolada, combinada a flexões, salto e corrida, dominam uma grande parte do programa: "parem", "evitar a bola" (simples ou em partidas), "defender a cadeira", "variação de futebol", "trincheira", "professor", "bola em sinuosa", e muitos outros devem ser ensinados afim de que a atividade da criança seja benéfica ao seu crescimento de um modo geral.

Os jogos que exigem menos atividade física e mais esforço mental são também adquiridos pelas crianças e nas aulas de educação física, contrabalançando com os de maior intensidade, desenvolvem o controle muscular e nervoso, aguçando os sentidos: "minha tia volta de Paris", "música mágica", "estou vendo uma coisa".

Entre os que exigem inibição de movimentos, podemos citar: "estátuas", "veneno", "enganar".

Nesta idade cresce o interesse pelos jogos de partido, nos quais a compe-

tição é mais forte. Iniciados no 3.º ano, são em maior número no quarto ano. É aconselhável, entretanto, que não constituem parte dominante do programa, pois a preparação para a organização de times é gradual. Exagerando a competição de partidos, podemos deformar o espírito de grupo que ainda está em desenvolvimento na escola elementar.

#### Atividades rítmicas:

- a) — marchas e movimentos ao som de música;
- b) — danças regionais mais variadas, que incluem figuras, passos de polca e valsa.

Se as atividades rítmicas vêm sendo realizadas pelas crianças desde o 1.º ano, o prazer revelado então é grande e tanto meninas como meninos dançam com naturalidade. Se nenhuma orientação houve, é então necessário que o professor inicie por marchas e movimentos de ritmo bem acentuado e por danças em que todo o grupo reunido participe como se fora um jogo: "vamos todos a caçar", "galope", "sete passos". Não exigindo perfeição, preocupado mais com a naturalidade dos alunos, o professor incluirá outras danças de realização aos pares em conjunto figurados: "dança dos tecelões", "quadrilha brasileira", "Oh! Suzana", "dança dos lenços", "dança das palmas".

É sempre aconselhável ligar o conhecimento das danças regionais aos ambientes dos povos de brigem.

#### Dramatização:

- a) — histórias que satisfaçam o espírito realístico e criador.

Nesta série as crianças desejam histórias ligadas a fatos reais, embora a ficção continue também como interesse de leitura. O prazer em ouvir histórias, lendas e fatos bem narrados e continua, e o desejo de criar alguma coisa os leva à dramatização das histórias ouvidas. Sabemos que, segundo a capacidade das crianças, elas aproveitarão mais ou menos intensamente os lances dramáticos da história. O domínio de movimentos, a interpretação musical e a experiência em outras dramatizações vão desenvolvendo a capacidade inventiva da criança, que lança mão de seus conhecimentos para levar à cena aquilo que ouve ou imagina.

A história dramatizada, por simples que seja a interpretação pela turma, oferece grande oportunidade de trabalho físico e mental. A preparação do local, a improvisação de cenas, a escolha de personagens e a execução de movimentos satisfazem a criança em seus impulsos para agir. Os comentários as críticas trocadas entre os alunos servem de estímulo ao seu progresso em todos os aspectos.

#### Exercícios:

- a) — naturais: trepar, arremessar ao alvo, pular corda, e outros;
  - b) — de equilíbrio e destreza: imitação do professor ou de outro aluno capaz de realizá-las;
  - c) — em aparelhos: balanço, escorrega, gangorra, escada horizontal;
- A proporção que as crianças dominam essas técnicas em atividades mais individuais, vão por si mesmas introduzindo-as em brinquedos coletivos.

A hora do recreio escolar essas atividades podem ser incentivadas, havendo distribuição de material.

As chamadas pequenas acrobacias devem ir crescendo em dificuldade à medida que a criança ganha domínio muscular e controle nervoso: cambalhota; "bananeira", com os pés ligeiramente afastados, sem flexão das pernas, marcar atrás de si com giz uma cruz no chão; com mão direita no chão, braço estendido, andar em círculo utilizando o braço como fulcro; re-



petir com a mão esquerda. Onde houver aparelhos, sua utilização deverá ser orientada para conservá-los e evitar acidentes.

Como temos dito em outras séries, a atitude do professor deve ser a de um companheiro mais experimentado, que participe das atividades preferidas, ensina brinquedos novos, ajuda a solucionar dificuldades e serve de juiz em jogos de partido. A serenidade, acompanhada de firmeza nas decisões, deve prevalecer nas aulas de educação física.

**Atividades complementares:**

- a) — excursões;
- b) — demonstrações e concentrações;
- c) — confecção de cartazes e recortes;
- d) — organização de clube.

Quer de fim puramente recreativo ou provocadas por situações criadas nas aulas de linguagem, ciências naturais, história ou geografia, as excursões convidam a expansões de momento, constituindo forma de atividade.

As concentrações, isto é, a reunião de grupos de crianças de turmas diferentes previamente estudado, têm para a criança o fim único de brincar reunidas. A experiência porém que delas resulta, o desejo de aperfeiçoamento que despertam e o contacto social mais largo que proporcionam, constituem o fim que o professor tem em vista. Pelo menos uma ou duas vezes no ano devem ser levadas a efeito.

Nas concentrações, as crianças têm o prazer de realizar suas atividades, mas participam da finalidade de mostrar aos presentes aquilo de que são capazes. Não se deve desvirtuar o trabalho diário para o ensaio de coisas novas para as demonstrações, mas permitir que as crianças escolham, dentre as atividades conhecidas, o programa a exibir e colaborem no aperfeiçoamento das mesmas. As que têm valor devem fazer parte de programas em datas festivas comemoradas na escola.

Em ligação com as técnicas adquiridas nas aulas de desenhos e trabalhos manuais, poderá a criança fazer cartazes e recortar figuras que estimulam o desenvolvimento de uma boa postura e o conhecimento das vantagens do exercício e da vida ao ar livre para a saúde.

A proporção que se desenvolve o espírito do grupo e mais sensível é a cooperação entre as crianças, o desejo de se associar vai crescendo. O interesse comum em determinadas atividades as mantém reunidas. Sem impôr normas, o professor deve acompanhar esses pequenos grupos que surgem dentro da turma da escola e aproveitá-los para que desenvolvam o senso de responsabilidade, organização e disciplina.

IMPrensa OFICIAL DO ESTADO  
CURITIBA  
1950

